



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Ciências Sociais e Humanas

# A COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA E O (IN)SUCESSO ACADÉMICO NOS CADETES DO ISTM

**Isabel Cardoso Henriques**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Supervisão Pedagógica**  
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof. Doutora Maria Luísa Branco

**Covilhã, Outubro de 2017**



# Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram e apoiaram na realização deste trabalho, destacando:

A Deus, por todas as graças recebidas.

À Professora Doutora Maria Luísa Branco, minha orientadora, pela compreensão e pelos ensinamentos recebidos.

À Direção do ISTM, por ter acreditado em mim e me ter apoiado na investigação empírica.

Ao meu Pai( onde esteja) pela força, resiliência e pelos valores que me inculcaram.

À minha Mãe, pelo profundo amor e carinho imensuráveis.

À minha família, pelo amor e apoio incondicionais.

Ao meu esposo, pelo amor, compreensão e determinação em querer voar mais alto.

Aos cadetes, pela disponibilidade para colaborar amavelmente na realização das entrevistas.

Ao Mauro, pela força e colaboração.

Aos meus colegas, por aderirem à minha solicitação e pelo tempo que dispenderam nas entrevistas.

Aos meus colegas de curso de mestrado, pela resiliência e persistência em seguir em frente



## Resumo

O domínio da língua portuguesa assume um papel de absoluta relevância como promotora de saberes indispensáveis à aquisição de outros saberes relacionados com a formação integral do aluno, sendo integrada, no conjunto de competências essenciais de desenvolvimento transversal. As competências linguística e comunicativa; quer na expressão oral como na escrita, são de suma importância durante o percurso académico do aluno e devem permitir a afirmação pessoal daquele, à construção do conhecimento, ao exercício da cidadania e a sua integração na comunidade e no meio académico. Deste modo, o domínio das competências linguística e comunicativa poderá ser decisivo no (In)sucesso académico, no desenvolvimento pessoal e socioprofissional do indivíduo. Constatamos hoje que, muitos alunos que ingressam no ensino superior apresentam debilidades linguísticas preocupantes, o que preocupa a todos os atores no processo de ensino/aprendizagem e exige uma reflexão aprofundada do problema.

Este estudo pretende investigar, no âmbito do paradigma qualitativo, a relação entre a competência linguística e o (in)sucesso académico, na perspectiva dos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, (cadetes, responsáveis do ensino e docentes do ISTM). Através de entrevistas semi-estruturadas a oito cadetes que frequentam o 1º ano em diferentes cursos na instituição, a dois responsáveis da instituição e a dois docentes, foram recolhidos dados acerca das suas perceções sobre a importância atribuída às competências linguística e comunicativa no sucesso/insucesso académico, nas razões que estão na base da fraca competência linguística e comunicativa dos alunos, nas práticas que devem ser desenvolvidas no sentido de promover o desenvolvimento transversal e o uso correto da língua portuguesa, e nas estratégias de intervenção que devem ser empreendidas no sentido de promover as competências linguística e comunicativa.

Os resultados indicam que se pode estabelecer uma estreita relação entre a competência linguística dos alunos e o (In)sucesso académico, os entrevistados consideram que as debilidades ao nível da proficiência linguística podem constituir um obstáculo para a compreensão em outras unidades curriculares, à socialização e interação com os pares, à ascensão social e, de modo particular ao insucesso académico.

**Palavras-chave:** Competência linguística, língua portuguesa, sucesso, insucesso, ensino superior



# Abstract

The command of the Portuguese language assumes a role of absolute relevance as promoter of knowledge indispensable to the acquisition of other knowledge related to the integral formation of the student, being integrated in the set of essential transversal development competences. Linguistic and communicative skills in both oral and written expression are of paramount importance during the student's academic career and should allow for the personal affirmation of the student, the construction of knowledge, the exercise of citizenship and their integration into the community and the academic environment. In this way, the domain of linguistic and communicative competences can be decisive in academic (In) success, in the personal and socio-professional development of the individual. We find today that many students entering higher education have concerning linguistics weakness which worries all the actors in the teaching / learning process and requires a deep, reflection of the problem.

This study intends to investigate, within the framework of the qualitative paradigm, the relationship between linguistic competence and academic success, according to those involved in the teaching / learning process (cadets, teachers and ISTM teachers). Through semi-structured interviews with eight cadets who attended the first year in different courses at the institution, two heads of the institution and two teachers, data were gathered about their perceptions about the importance attributed to linguistic and communicative skills in academic success / failure, of the reasons that underlie the weak linguistic and communicative competence of the students, of the practices that must be developed in order to promote the transversal development and the correct use of the Portuguese language, and the intervention strategies that must be developed in order to promote the linguistic and communicative skills.

The results indicate that, from the perspective of the interviewees, there is a close relationship between the students' linguistic competence and academic (In) success. They consider that weaknesses in linguistic proficiency may be an obstacle to understanding in other curricular units, to socialization and interaction with peers, to social ascension and, in particular, to academic success.

## Keywords

Linguistic competence, Portuguese language, success, failure, higher education.



# Índice

Capítulo 1 Enquadramento teórico .....	1
1. Introdução ao estudo.....	1
1.1. O PORTUGUÊS EM ANGOLA: LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA .....	5
1.1.1 Definição de Conceito de Língua Materna .....	5
1.1.2. Língua Não Materna/Língua Segunda .....	6
1.1.3. O Português em Angola .....	6
1.2. A COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA: DOS CONCEITOS GERAIS À PROBLEMATIZAÇÃO EM CONTEXTO ACADÉMICO .....	8
1.2.1. Definição do termo competência .....	8
1.2.2. Competências gerais.....	9
1.2.3. Competências comunicativas .....	9
1.2.4. Competência linguística.....	11
1.2.5. A Competência Discursiva .....	13
1.3. COMPETÊNCIAS DE LEITURA, COMPREENSÃO E ESCRITA: IMPLICAÇÕES NO(IN)SUCESSO ACADÉMICO.....	14
1.3.1. Leitura, compreensão e escrita.....	14
1.3.2. (In)Sucesso Académico .....	17
CAPÍTULO II. ESTUDO EMPÍRICO .....	19
2.1.1. Objetivos e questões de investigação .....	19
2.2.2. Metodologia .....	20
2.2.3. Contexto de investigação.....	20
2.2.4. Sujeitos do estudo .....	20
2.2.5. Técnica de recolha de dados.....	21
2.2.6. Tratamento dos dados.....	22
2.2.7. Procedimentos.....	23
2.2.8. Resultados .....	24
CAPÍTULO III. Discussão/Conclusão .....	31
3.3.1. Resposta e discussão das questões de investigação .....	31
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXO I GUIÃO DE ENTREVISTA (Alunos).....	43
ANEXO II GUIÃO DE ENTREVISTA (Chefes e docentes) .....	47
ANEXO III SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO À DIRECÇÃO DO ISTM .....	50
ANEXO IV SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO À DIRECÇÃO DO ISTM .....	51
ANEXO V Caracterização do perfil de cada entrevistado (Cadetes).....	52
ANEXO VI ENTREVISTAS (Alunos) .....	53
ANEXO VII ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS (Alunos).....	78
ANEXO V Caracterização do perfil de cada entrevistado (chefes e docentes).....	101
ANEXO IX ENTREVISTAS (chefes e docentes) .....	102
ANEXO X ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS (Chefes e docentes) .....	115



# Lista de Acrónimos

APMG- Ano de Preparação Militar Geral

FAA- Forças Armadas Angolanas

FAN-Força Aérea Nacional

ISTM- Instituto Superior Técnico Militar

LM-Língua Materna

LNM-Língua Não Materna

LP- Língua portuguesa

LS-Língua Segunda

LE-Língua Estrangeira



# Capítulo 1 Enquadramento teórico

## 1. Introdução ao estudo

No atual cenário em que a todo instante somos assolados por uma infinidade de informações, o domínio correto da língua surge como uma necessidade premente. Com efeito, a vida em coletividade exige que cada indivíduo esteja apto a compreender os demais e a fazer-se entender. É evidente que, no decurso desses intercâmbios, oriundos dos problemas mais imediatos e imperiosos às conversações ou discussões que tratam de questões difíceis e delicadas, aqueles que utilizam a sua língua com as suas peculiaridades e maior facilidade, têm vantagem sobre os seus interlocutores e a possibilidade de fazer valer e triunfar os seus pontos de vista.

A competência linguística é necessária na maior parte das atividades da existência humana que implicam contato, intercâmbio, compreensão mútua que conduz ao entendimento e à colaboração. Como refere Bordieu (1982) o domínio da língua é um capital cultural que se revela altamente condicionador do sucesso escolar do aluno, bem como da sua ascensão social. Deste modo, a escola deve promover competências importantes para o sucesso escolar e a integração socioprofissional, ou seja, proporcionar as ferramentas para que os alunos possam crescer cognitivamente e linguisticamente para o saber fazer, premissa importante para os desafios presentes e futuros.

No meio académico, a língua portuguesa assume um papel de absoluta relevância como promotora de saberes instrumentais indispensáveis à aquisição de outros saberes relacionados com a formação integral do aluno. A competência linguística, quer na expressão oral como na escrita, é de suma importância durante o percurso académico do aluno e não só; constituindo uma competência transversal que permite a afirmação pessoal daquele, a construção do conhecimento, o exercício da cidadania e a sua integração na comunidade e no meio académico.

Sendo o português a língua de escolarização em Angola, usada em todos os níveis de ensino; constituindo, desta forma, um importante fator de unidade nacional e cultural em Angola. Assumindo, deste modo, um domínio transversal que se manifesta; por um lado, através do desenvolvimento, nos alunos, de competências importantes para o seu sucesso escolar e a sua integração socioprofissional e, por outro, através do contributo que o ensino/aprendizagem em outras áreas curriculares poderá dar para o melhor domínio da língua portuguesa, uma vez que esta é a língua veicular em que todo o trabalho escolar processa se processa (Sá, 2006).

No espaço nacional angolano, o português é a língua oficial e a língua de escolarização. Particularmente nos centros urbanos e na periferia, o português é a língua usada para a comunicação (Tchikwamanga, 2015). Deste modo, o domínio da língua portuguesa poderá ser decisivo no sucesso e/ou insucesso académico do aluno.

Constatamos que alguns cadetes que ingressam no ISTM apresentam dificuldades ao nível da competência linguística e comunicativa, quer na expressão oral, quer ao nível da escrita. Pensamos que é importante explorar a relação entre a Competência Linguística e o (in)sucesso académico, na perspetiva dos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem; (cadetes, docentes e pessoas ligadas ao ensino no ISTM), e perceber as razões que estão na base das dificuldades apresentadas pelos alunos. Sendo a universidade um dos principais meios de acesso, promoção, construção e expressão de conhecimentos; pensamos ser essencial que aquela promova, de forma contínua, mecanismos de base à consecução de tais objetivos.

A competência linguística associada ao sucesso versus insucesso académico no ensino superior constitui uma área sobre a qual se têm desenvolvido diversos estudos, particularmente nos últimos anos, com a progressiva massificação do ensino universitário. São muitos os estudos que apontam para as dificuldades dos alunos universitários, no domínio linguístico, relacionado ao (in)sucesso académico. Vários autores têm apresentado estudos, identificando um vasto conjunto de fatores que influenciam no (In)sucesso académico de entre os quais se destacam:

a reduzida qualificação de um cada vez mais heterogéneo conjunto de estudantes, (Tavares, 2000; Fiolhais, 2004);

a falta de preparação pedagógica dos professores, (Almeida, 2002);

a inadaptação ao ensino superior, (Almeida, 2002; Dias & Fontaine, 2001);

a massificação do ensino, (Almeida, 2002);

a dificuldade da universidade em se adaptar a um novo perfil de alunos, (Tavares, 2000).

## **Justificação do Estudo**

A nossa experiência profissional como docente de língua portuguesa, ao longo de alguns anos, no Instituto Superior Técnico Militar, permitiu-nos perceber debilidades ao nível da competência linguística e comunicativa, quer nos discursos orais quer escritos, de alguns alunos que ingressam na instituição. Os cadetes que ingressam no ISTM têm proveniência diversa e formações de base distintas. Para alguns, o português é a língua materna; para outros, o primeiro contacto com a língua terá sido na escola.

O nosso estudo teve como ponto de partida a constatação das dificuldades relativas à Competência Linguística e comunicativa dos alunos do ISTM. Optamos por investigar essa temática, uma vez que constatamos diariamente esse problema. Desse modo, gostaríamos de entender as razões que estão na base da fraca competência linguística e comunicativa de alguns cadetes que ingressam na instituição e se esse déficit é entendido como estando associado ao insucesso acadêmico. Pensamos que, muitas vezes, as aulas de língua portuguesa têm sido enfadonhas, repetitivas e pouco motivadoras, quanto ao conteúdo e metodologia, desde os primeiros níveis de ensino até ao ensino médio, resultando numa fraca competência linguística e comunicativa dos alunos que chegam ao ensino superior. Uma vez que, como referem Cabral e Tavares (2005) as competências de escrita são fundamentais no ensino superior, já que os alunos passam grande parte do tempo a ler, a selecionar informação e a relacionar conteúdos na forma escrita. Pensamos ser importante desenvolver estratégias que visem transformar a aula de língua portuguesa num espaço mais apelativo e cativante, de forma a despertar nos alunos o gosto pela disciplina. Partilhamos da opinião de Faria (2008) ao referir que há a necessidade “de reinventar a aula de língua portuguesa, de a tornar um espaço reflexivo (...) nos seus diversos registos e modalidades, permitindo, por exemplo, a integração de ferramentas digitais na sala de aula, promovendo a colaboração entre pares, e proporciona-lhe um enriquecimento disciplinar, transdisciplinar e cívico (pp.11-12).

## **Objetivos do Estudo**

O objetivo do nosso estudo é, deste modo, explorar a relação entre a Competência Linguística e o (in)sucesso académico, na perspetiva dos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem; (cadetes, responsáveis do ensino e docentes do ISTM).

## **Organização do Trabalho**

O presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: no capítulo I faz-se o enquadramento teórico do estudo. O Capítulo 1.1. O Português em Angola: Língua Materna e Língua Não Materna é constituído por três partes: 1.1.1. Definição do conceito de Língua Materna, 1.1.2. Língua Não Materna/Língua Segunda, 1.1.3. O Português em Angola. Na primeira e segunda partes deste capítulo definem-se conceitos como Língua Materna, Língua não Materna/Língua Segunda e na terceira parte faz-se uma abordagem à situação linguística do português em Angola. O Capítulo 1.2. tem por título A Competência Linguística: dos Conceitos Gerais à Problematização em Contexto Académico está subdividido cinco partes: 2.2.1 Definição do termo competência, 2.2.2. Competências gerais, 2.2.3. Competências comunicativas, 2.2.4. Competência linguística, 2.2.5. Competência discursiva. Neste capítulo, partindo da concetualização do termo competência, procuramos definir as várias competências associadas a competência linguística: como as competências gerais, competências comunicativas, competência linguística e competência discursiva. O capítulo 1.3. intitula-se Competência de

leitura, compreensão e escrita: Implicações no Sucesso Académico, está subdividido duas partes: 1.3.1. Leitura, compreensão e escrita, 1.3.2. Insucesso académico. Inicialmente é feita uma abordagem às referidas competências e, no subcapítulo seguinte, investigam-se prováveis causas associadas ao insucesso académico relacionando-as à competência linguística como: a falta de hábitos de leitura, as reduzidas práticas de redação textual no ensino secundário, as debilidades na formação de base e na formação de professores e suas implicações no sucesso/insucesso académico. Na parte final do capítulo, define-se sucesso/insucesso académico. O Capítulo II. relaciona-se ao Estudo Empírico e está subdividido em oito partes: em 2.1.1 Objetivos e questões de investigação, 2.2.2. Metodologia, 2.2.3. Contexto de investigação, 2.2.4. Sujeitos do estudo, 2.2.5. Técnicas de recolha de dados, 2.2.6. Tratamento dos dados, 2.2.7. Procedimentos, 2.2.8. Resultados. O capítulo III. refere-se à discussão e conclusão.

# 1.1. O PORTUGUÊS EM ANGOLA: LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA

## 1.1.1 Definição de Conceito de Língua Materna

A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem do indivíduo e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia. A aquisição da LM é uma parte integrante da formação do conhecimento do mundo do indivíduo, já que com a competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais (Spinassé, 2006).

O Dicionário Terminológico (2008), opta pela LM a todas as situações de LNM. Nos casos de LNM, usa a designação Língua Segunda (LS) que é aplicada a contextos de imigração ou multilinguismo ou ainda para designar a aprendizagem de uma LNM em contexto escolar.

Segundo Castellotti (2001, referido por Costa, 2009), o termo complexo LM não é objeto de uma definição unívoca; apontando para duas linhas paradigmáticas diferentes: a LM vista, por um lado, como língua natural, isto é, a língua da mãe e, por outro lado, como a língua de referência, ou seja, a língua resultante do processo de escolarização.

Spinassé (2006) numa perspetiva oposta a Castellotti, refere que a LM pode não ser, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Realça não se tratar de apenas uma língua. O autor defende que é a língua que se aprende primeiro e em casa, através dos pais, e é frequentemente a língua usada na comunidade. Todavia, a língua dos pais pode não ser a língua da comunidade. E o indivíduo ao aprender as duas línguas passa a ter mais de uma LM (caso de bilinguismo). Sim-Sim (1977), seguindo a linha de Spinassé, defende que a LM é a língua natural da comunidade em que a pessoa passa os primeiros anos de vida, que os seres humanos adquirem de forma espontânea, com rapidez e uniformidade, e usam-na de forma criativa como locutores, interlocutores e ouvintes.

Andrade (1997, referido por Pereira, 2015), na senda de Castellotti, defende que a LM é a língua que o indivíduo aprendeu em situação quer natural, quer formal, com os quais é necessário ter em conta quando se pensa no processo de ensino-aprendizagem de uma LE.

Tendo em conta as pesquisas realizadas, pensamos existem definições contraditórias em relação ao conceito de LM. Diferente dos conceitos de LNM ou LS, em relação ao termo LM pouco se encontram definições consensuais. Entendemos por LM o primeiro idioma que a criança aprende, escuta e usa em contexto familiar; sendo a língua de interação com os familiares nos primeiros anos de vida. É a língua de berço, a primeira língua aprendida por uma pessoa na infância, aquela que usa no seio do grupo mais restrito em que o indivíduo se inclui, a família. É assim chamada porque é aprendida como primeiro instrumento de comunicação, desde a mais tenra idade e é utilizada no país de origem do sujeito falante.

## 1.1.2. Língua Não Materna/Língua Segunda

No que concerne aos conceitos de LNM e LS, Leiria (2006, referido por Pereira, 2015), a autora prefere a designação LS para casos em que o português é língua oficial. Não se limita ao uso alargado de LS, utiliza-a para todas as situações de LNM

Bizarro et al. (2013) definem LNM como um conceito abrangente, inclui diferentes tipos de aquisição, de aprendizagem e de domínio da língua. Refere a autora que o uso deste conceito, de significado bastante alargado, é específico do contexto português. Não tem equivalente no contexto anglo-saxónico, onde se diferencia conceitos como: Inglês como segunda língua (ESL), Inglês como língua estrangeira (EFG) ou Inglês como Idioma Adicional (EAL). Para a autora apesar de, na maioria dos casos, o português ser de facto, a LM, isto é, a primeira língua adquirida ao longo do desenvolvimento da criança (no caso dos emigrantes), falada no contexto familiar, rapidamente se torna a língua minoritária, sendo usada em contextos muito restritos, com os pais e com a comunidade emigrante.

Na mesma linha de pensamento Costa (2009) refere que LNM ou LS pode ser considerada como uma língua adquirida naturalmente ou formalmente depois da aquisição de uma LM. O autor refere que o conceito de LNM ou LS corresponde a língua que, não sendo LM, é oficial ou tem um estatuto especial, correspondendo também a língua de ensino e a língua de socialização secundária. O autor realça que o conceito de LNM ou LS resulta de uma conjuntura linguística, cultural e política que as sociedades atravessam. Em alguns países, a língua oficial pode não ser a LM dos cidadãos. A designação baseia-se, assim, em razões cronológicas, porque é uma língua adquirida depois LM.

De acordo com as pesquisas realizadas, concluímos não haver consensos e existir muita imprecisão relativamente aos conceitos Língua Materna, Língua Não Materna/Língua Segunda; o que traduz alguma dúvida relativamente aos conceitos estudados. Perante as variações e falta de consensos, adotaremos a denominação abreviada de LM e LNM, ou seja, para as situações em que o Português não é LM, designá-lo-emos por LNM.

## 1.1.3. O Português em Angola

De acordo com dados do Observatório da Língua Portuguesa, o português é a terceira língua europeia mais falada, à frente do francês, alemão e italiano. Geograficamente, os seus falantes distribuem-se por Portugal continental e insular (11 milhões), Brasil (195 milhões), Angola (19 milhões), Cabo Verde (0,51 milhões), Macau (0,54 milhões), Moçambique (23 milhões), Guiné-Bissau (1,64 milhões), S. Tomé e Príncipe (0,16 milhões) e Timor-Leste (1,17 milhões).

Em Angola, o português é falado aproximadamente por 19 milhões de pessoas; constituindo um importante fator de unidade nacional e cultural; é a língua oficial e a língua de escolarização. Para alguns angolanos é a LM, para outros LNM; uma vez que não foi por todos adquirida desde o berço, é porém, a mais falada. Particularmente nos centros urbanos e na periferia, o português é a língua usada para a comunicação (Tchikwamanga, 2015). Na República de Angola coexiste um mosaico cultural e etnolinguístico com diferentes línguas maternas africanas, que partilham o mesmo espaço sociolinguístico com a língua portuguesa. Este facto faz com que Angola seja um país plurilingue (Zau & Costa, 2002).

Neto (2009), na mesma linha de Tchikwamanga (2015) realça que nos centros urbanos o uso do português ultrapassou as funções oficiais e alargou-se às atividades informais, como os contactos entre parentes e amigos. Nas zonas urbanas, o português tornou-se a principal e/ou a única língua de qualquer atividade quotidiana. Nzau (2011) advoga que a língua portuguesa tem vindo a conhecer uma dinâmica que se traduz num aumento do número de falantes em situação de LNM, frisando que, nos últimos anos, a visualização de novelas angolanas e brasileiras poder também contribuir para o aumento do número de falantes não maternos, a realidade angolana é atípica no contexto africano.

Nzau (2011) na mesma linha de Neto (2009) refere que a grande maioria das crianças angolanas, que vive ou é oriunda das zonas rurais e dos subúrbios, fala no seio familiar, em línguas africanas, com origem bantu e não latina, num nível linguístico fraco, fruto de uma aprendizagem do português como LNM, uma vez que o primeiro contacto com a língua portuguesa terá sido na escola.

A língua é uma entidade dinâmica; incorporando frequentemente inovações; novos falares, novas formas de representação linguística do quotidiano, contribuição dada pelos vários grupos de falantes dessa língua. Essa dinâmica é gerada pela própria sociedade, pelas relações entre as pessoas, pela inovação da ciência e da tecnologia e pela necessidade de se estabelecer um patamar de intercompreensão em que todos se insiram. Num universo tão alargado como é o dos falantes da língua portuguesa; abrangendo quase todos os continentes, com certeza, coexistem diferentes variedades nos falares e na expressão escrita. No nosso trabalho, consideraremos, de forma exclusiva, o português falado em Angola, mas sempre que se justifique, faremos referências ao português de outras latitudes; como o português falado em outros países dos PALOP, o português europeu, o português do Brasil e o de Timor-Leste.

## **1.2. A COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA: DOS CONCEITOS GERAIS À PROBLEMATIZAÇÃO EM CONTEXTO ACADÊMICO**

### **1.2.1. Definição do termo competência**

O Dicionário Terminológico (2008) define competência como a qualidade de quem é capaz, hábil em apreciar e resolver qualquer assunto. O termo tem sido utilizado na literatura por diversas áreas de conhecimento tais como; Gestão, Educação, Gestão de Recursos Humanos, Psicologia, Política, entre outros, as quais apresentam definições distintas do conceito (Burgoyne, 1993, referido por Santos, 2016).

As diversas mudanças ocorridas nas condições sociais, económicas, históricas e culturais das últimas quatro décadas influenciaram as relações e as situações laborais, exigindo novos perfis profissionais e novas formas de organização laboral. Desse modo, o conceito competência alterou-se, uma vez que o contexto sócio histórico e económico se modificou, dando origem a uma maior complexidade aos processos de trabalho, exigindo conhecimentos mais aprofundados na área científico-tecnológico e a utilização de capacidades cognitivas complexas (Araújo & Almeida, 2016). Por conseguinte, a exigência pela melhoria da qualidade dos produtos, a rapidez dos processos de produção e de trabalho acentuaram a competição e acabaram por utilizar a educação e a formação superior como meio de promover aquisições individuais a tais exigências (Araújo, 2003; Marinho-Araújo, 2014, 2015; Marinho-Araújo & Rabelo, 2015, 2016). O termo competência universalizou-se, alicerçado no trabalho estruturado, exigindo o domínio de conhecimentos científicos e tecnológicos relacionados ao desenvolvimento psicomotor, cognitivo, afetivo e social (Araújo & Almeida, 2016).

Por conseguinte, o termo competência foi ganhando novos contornos; sendo associado a uma variedade de atributos como capacidades e aptidões necessárias à execução de determinadas atividades profissionais. A variação na utilização do conceito vai se afastando da ideia de uma especialidade de alto nível, adquirindo mais especificidade e um uso mais constante, especialmente no sistema educativo. Atualmente, a referência ao termo competência aparece no discurso da área educacional, quer se trate do perfil dos docentes, como dos estudantes (Araújo & Almeida, 2016). Estes autores referem que um aluno competente é aquele que enfrenta os desafios do seu tempo, mobilizando os saberes que aprendeu e empregando nos mais variados campos as habilidades apreendidas em sala de aula. Do mesmo modo, Santos (2016) advoga que a competência não se reduz apenas em termos de prontidão para a execução de uma ação, mas deve-se promover no quotidiano, nas situações do dia a dia quando assim o exija de seus atores. Perrenoud (1999), na mesma linha de Santos, refere que "as competências elementares não deixam de ter relação com os programas escolares e com os saberes disciplinares (...) e supõem um domínio da língua e das operações matemáticas (...); concreta ou

abstrata, comum ou especializada (...) uma competência permite afrontar, regular uma família de tarefas e de situações; apelando para noções, conhecimentos, informações, procedimentos, métodos, técnicas ou ainda a outras competências mais específicas”(pp.2-3).

Nos dias de hoje, o termo competência passou a ser entendido em sentido alargado, como recurso e ferramenta que capacita o sujeito a atuar em contextos diversos, diante de várias situações conscientes, transformadoras e inovadoras, passando a incluir componentes de dinamismo, escolhas e poder de decisão (Carneiro, 2014 referido por Araújo & Almeida,2016).

## **1.2.2.Competências gerais**

No capítulo 5 do QECR (2001) é referido que os utilizadores e os aprendentes de uma língua, para realizarem as atividades necessárias para lidar com as situações comunicativas em que estão envolvidos, mobilizam um certo número de competências adquiridas ao longo da sua experiência anterior, ou seja, Competências gerais e Competências comunicativas em língua. Contudo, as competências gerais e as comunicativas desdobram-se em inúmeras subcompetências. Nas competências gerais, incluem-se o conhecimento do mundo, o conhecimento sociocultural e o conhecimento da LM, competências essenciais na medida em que, por um lado, a imagem do mundo e a LM se desenvolvem em função uma da outra, e, por outro, o conhecimento da sociedade e da cultura da comunidade onde a língua é falada é um dos aspetos do conhecimento do mundo (QECR,2001,p.148). No âmbito das Competências gerais há a destacar a consciência intercultural, que depende da apreensão e conhecimento das semelhanças e diferenças entre a realidade cultural em que se vive e as diferentes realidades (QECR, 2001, p.150). Destacamos também a competência existencial que se relaciona com o desempenho comunicativo dos aprendentes e utilizadores, ela depende não só do seu conhecimento, compreensão e capacidades, mas também de fatores pessoais que se relacionam com as suas personalidades individuais: atitudes, motivações, valores, crenças, estilos cognitivos e traços de personalidade (QECR, 2001,pp.152-153). Deste modo, para realizar uma atividade comunicativa, os aprendentes e utilizadores de uma língua mobilizam as competências gerais anteriormente descritas, combinando-as com as chamadas competências comunicativas relacionadas com a língua.

## **1.2.3.Competências comunicativas**

A etnografia da comunicação, corrente originária da antropologia americana que se debruçou sobre a análise do discurso, introduziu a noção de competência comunicativa, que se encontra associada à capacidade que cada indivíduo possui em dominar as regras do discurso, particularmente o modo como falamos em determinada situação, como gerimos a palavra e selecionamos os gestos adequados ao nosso discurso e ao coenunciador (Monteiro et al 2013).

A noção de competência comunicativa tem a sua origem a partir da dicotomia chomskyana de competência e desempenho linguístico. Para Chomsky (1965) competência significa conhecimento da língua (regras gramaticais) e desempenho, uso da língua, sem considerar a função social. Este conceito surgiu como uma proposta explicativa do uso comunicativo da língua pelos sujeitos, onde se procura relacionar os usos, as regras sociais e culturais e os parâmetros contextuais e situacionais.

Dell Hymes foi o primeiro a incorporar o aspecto social ao termo competência. O linguista norte-americano colocou em questão as teorizações de Chomsky baseado no pressuposto de que diferentes pessoas adquirem diferentes domínios sobre a língua. Este ponto de vista promoveu o termo competência comunicativa, que parece apresentar um sentido mais inclusivo, uma vez que engloba o conjunto inteiro de conhecimentos; linguísticos, psicolinguísticos e pragmáticos, e também as habilidades que os falantes precisam de desenvolver para comunicar-se através da língua. Sendo a habilidade para falar apropriadamente em diferentes contextos, identificar diferentes tipos de textos e lê-los adequadamente (Baltar, 2004 ).

Para Hymes (1995) a competência comunicativa é a capacidade de o sujeito circular na língua-alvo, de modo adequado e apropriado, de acordo com os diversos contextos de comunicação humana. A competência comunicativa do falante está composta pelo conhecimento que o indivíduo sabe, consciente ou inconscientemente, e a capacidade para usá-lo. Nesse sentido, a competência do usuário de uma língua engloba capacidades e juízos de valor relacionados e dependentes de características socioculturais e requer que o indivíduo seja capaz de produzir enunciados gramaticalmente corretos, mas também socialmente apropriados. O autor refere que a competência comunicativa é o termo mais geral para a capacidade comunicativa de um indivíduo, capacidade que engloba tanto o conhecimento da língua como a habilidade para utilizá-la. A aquisição de tal competência está relacionada à experiência social, às necessidades e motivações e à ação. Para o linguista norte-americano, a competência comunicativa:

*“é um conjunto de normas que se vão adquirindo ao longo do processo de socialização e, portanto, está socioculturalmente condicionada. Ou seja, a competência comunicativa exige não só a habilidade para o manejo de uma língua, mas sobretudo saber situar-se no contexto comunicativo de cada comunidade específica, nas suas diversas formações sociais, culturais e ideológicas”*

Travaglia (2009) na mesma linha de Hymes (1995) refere que a competência comunicativa é a capacidade do utilizador da língua produzir e entender textos adequados à situações determinadas e concretas de interação comunicativa. A competência comunicativa envolve a competência linguística ou gramatical para produzir frases que sejam vistas como pertencentes à língua e adequadas ao que se quer dizer em determinada circunstância. Canale

(1995), por sua vez, aprofunda o conceito, trazendo-o para um contexto mais pedagógico e prático. Descreve a competência comunicativa como um conjunto de quatro subcompetências inter-relacionadas; a competência gramatical, a competência sociolinguística, a competência discursiva e a competência estratégica.

Em síntese, pode-se concluir que não se pode reduzir a visão restrita de uma competência única, já que o domínio do conhecimento é bem maior quando se fala de capacidades de um indivíduo falante de uma língua. Desse modo, Hymes (1995) advoga que o termo competência de comunicação é um termo indispensável para efeito de generalização. Que o mesmo deveria ser entendido como competência na comunicação e competência para a comunicação. A comunicação não é apenas um objetivo da linguagem, mas um atributo. Uma vez que toda a linguagem coloca em jogo esse atributo (Baltar, 2004).

Tal como as gerais, também as competências comunicativas apresentam grande complexidade, Lomas (2001) chama a atenção para a multiplicidade de autores e conceitos associados à competência comunicativa. Devido à multiplicidade de conceitos associados à competência comunicativa, optamos pela concetualização definida pelo QECR (2001).

#### **1.2.4. Competência linguística**

O conceito de competência surgiu pela mão do fundador da gramática generativa, Chomsky (1965), para se referir à aptidão que os falantes de uma língua têm para produzir e compreender um número ilimitado de frases inéditas. Na perspectiva de Chomsky, a teoria linguística divide-se em duas partes: a competência linguística, relacionada com o conhecimento tácito da estrutura da língua (conhecimento geralmente não consciente) e a atuação linguística, mais explicitamente centrada nos processos de codificação e decodificação. No conceito chomskiano, predomina a imagem de um indivíduo abstrato e isolado, sem motivação alguma, e que não interage com o meio social (Padilha, 2015).

Lomas (2001) defende a preponderância ao pioneirismo de Chomsky (1957, 1965) ao associar a competência linguística à capacidade inata de um falante/ouvinte ideal para emitir e entender um número ilimitado de orações numa comunidade que fala de forma homogénea.

Ao contrário de Chomsky, Hymes (1995) integrou o termo numa aceção mais ampla, incorporando o aspeto social ao termo competência comunicativa, incluindo aspetos contextuais e socioculturais. O linguista refere que a competência linguística caracteriza-se pela capacidade de um falante produzir e interpretar signos verbais. Ou seja, o conhecimento e o emprego adequado do código linguístico que permitem a um indivíduo criar, reproduzir e interpretar um número infinito de orações. Hymes desafiou as formulações de Chomsky, advogando que diferentes pessoas têm diferentes domínios sobre a sua língua. O linguista norte-americano analisa a questão da competência e da performance de Chomsky como o uso criativo da

linguagem, refutando esta ideia. O linguista considera mais relevante direcionar a análise dos fenômenos linguísticos ao estudo da organização e da utilização dos recursos da fala dos membros das comunidades linguísticas, os seus reportórios verbais, seus modos de fala nas situações mais diversas da interação humana através da palavra, aproximando os estudos linguísticos a uma perspectiva social e concreta das relações humanas. Coseriu (1992), no mesmo diapasão de Hymes, critica a teoria Chomskiana e aponta as limitações da concetualização do termo competência linguística. Defende que a forma cultural do falar pode-se caracterizar como uma atividade humana universal, que é realizada individualmente em situações determinadas por falantes individuais como representantes de comunidades linguísticas com tradições comunitárias do saber falar.

Schimit (1973, referido por Baltar, 2004) incorpora a competência linguística como fazendo parte da competência da comunicação. Uma vez que, para se falar em competência da comunicação, na perspectiva de Hymes, temos de orientar a atenção para a comunidade linguística como um sistema heterogêneo organizado; com valores, crenças e hábitos, inserindo os indivíduos que dela fazem parte.

Partindo de Chomsky, outros pesquisadores alargaram o alcance do termo competência linguística, relacionando-o ao processo de ensino/aprendizagem de línguas. Da noção (ou noções) de competência linguística e comunicativa, surgem as chamadas subcompetências integradas na competência comunicativa, às competências linguísticas ou gramaticais, sociolinguística, discursiva ou textual e estratégica (Pereira, 2015).

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação inclui nas competências comunicativas as competências linguísticas, as sociolinguísticas e as pragmáticas QEER (2001,p.156).

De acordo com o QERC (2001,p.157) não existe “até ao momento nenhuma teoria linguística geral que seja objeto de uma aceitação generalizada”. Deste modo, tendo em conta as limitações e , o QEER adota uma concetualização com vista a definir as componentes da competência linguística, definida como “o conhecimento de recursos formais a partir dos quais se podem elaborar e formular mensagens corretas e significativas, bem como a capacidade para as usar, e as componentes principais da competência linguística são a lexical, a semântica, a gramatical (morfossintática), a fonológica, a ortográfica e a ortoépica”, que passamos a definir QEER (2001,p.157), pois será esta a abordagem que adotaremos na nossa investigação.

Competência lexical: Consiste no conhecimento e na habilidade de utilização do léxico de uma língua. Esta competência compreende elementos lexicais e elementos gramaticais.

Competência semântica: Relaciona-se à consciência e ao controle que o aprendente possui sobre a organização do significado. A semântica trata das questões referentes à aceção das palavras, das categorias, das estruturas e processos gramaticais.

Competência gramatical (morfossintática): Tem a ver com o conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade para os utilizar, ou seja, a capacidade para entender e expressar significado, através da elaboração e do reconhecimento de frases e expressões bem construídas.

A Competência fonológica: Envolve o conhecimento e a capacidade de percepção e de construção das unidades fonológicas da língua e da sua realização em contextos específicos, dos traços fonéticos que distinguem os fonemas, da composição fonética das palavras, da fonética da frase, da redução fonética e da elisão.

Competência ortográfica: Relaciona-se ao conhecimento e a capacidade de percepção e produção dos símbolos com os quais se compõem os textos escritos. Tendo os utilizadores capacidades de perceber e produzir textos escritos com ortografia correta, com uso dos sinais de pontuação.

A competência ortoépica: Está relacionada com a pronúncia correta de uma determinada palavra ou expressão. Exige-se aos utilizadores que tenham a capacidade de ler em voz alta um texto, que utilizem no discurso palavras encontradas pela primeira vez na sua forma escrita bem como pronunciá-las corretamente. Exige-se do utilizador a necessidade de conhecer as convenções ortográficas, e ser capaz de consultar um dicionário, pronunciar de forma correta as palavras, conhecer as implicações das formas escritas, especialmente os sinais de pontuação em função do contexto.

### **1.2.5.A Competência Discursiva**

Segundo Baltar (2004) a associação entre fórmulas já prontas, enunciados ou discursos permite-nos utilizar o termo competência discursiva para falarmos desse domínio de um indivíduo sobre a sua língua. Trata-se da competência de saber inserir-se em ambientes discursivos estabelecidos pelas instituições que compõem a vida social de uma comunidade linguística dominando os diversos géneros textuais, de acordo com a necessidade de interação social.

Perrenoud (1999, 2000, 2002) refere que a competência discursiva é a capacidade de mobilizar saberes das mais variadas ordens. Permitindo, por isso, mobilizar recursos de vários níveis para, através da produção e receção de um texto empírico, interagir sócio discursivamente. Mobilizar recursos implica o conhecimento e a seleção de géneros textuais, o domínio das estruturas que compõem esses géneros, o conhecimento dos mecanismos de textualização e de enunciação, a capacidade de mobilizar conteúdos temáticos e a habilidade de

transferir saberes oriundos de trabalhos escolares para outros ambientes discursivos (Baltar, 2004).

## **1.3. COMPETÊNCIAS DE LEITURA, COMPREENSÃO E ESCRITA: IMPLICAÇÕES NO(IN)SUCESSO ACADÊMICO**

### **1.3.1. Leitura, compreensão e escrita**

Vivemos hoje numa sociedade em que a capacidade de gestão e processamento da informação constitui uma habilidade essencial. O domínio correto da Língua Portuguesa é fundamental perante a sociedade atual cada vez mais exigente, onde apenas os detentores de conhecimento conseguem ser bem sucedidos (Ferreira, 2010). A linguagem escrita pode desempenhar um papel preponderante no contexto do Ensino Superior, relativamente ao nível da apreensão, da produção e, sobretudo, da reprodução de conhecimento. Inúmeros estudos debatem a questão da falta de competência, no domínio da escrita, de muitos alunos que ingressam na Universidade e das consequências que daí advêm para o seu rendimento académico. A posse de competências de uso da linguagem escrita pode constituir, por si só, um requisito para um bom desempenho no contexto escolar. A importância que a escrita assume resulta, por um lado, do facto de a maior parte das avaliações realizar-se em textos escritos e, por outro, do papel que a escrita assume enquanto ferramenta de aprendizagem. O indivíduo privado das ferramentas da leitura e da escrita está sujeito à marginalização pessoal, profissional e social (Carvalho, 2000).

A leitura e a escrita, além de possibilitarem o acesso à informação, são atividades cognitivas que potenciam e facilitam o desenvolvimento e aperfeiçoamento de outras habilidades como a criatividade e o espírito crítico, primordiais ao exercício da cidadania e à plena realização do potencial intelectual e afetivo de todo o ser humano (Bianchetti, 1996; Molina, 1992; Pinheiro, 1994; Schaefer, 1996). Tal como a escrita, a compreensão daquilo que lemos pode ser relevante para o sucesso nas diferentes áreas do conhecimento, uma vez que esta competência é tão necessária quanto fundamental à compreensão das várias áreas curriculares, já que tem de existir uma estreita relação entre o domínio da língua que usamos para comunicar, as experiências que vivenciamos e o conhecimento que temos sobre o mundo e sobre a vida. Neste contexto, o saber ler e compreender é uma competência exigida pela vida pessoal e social, já que a leitura é muito importante para a compreensão da realidade (Ferreira, 2010).

Carvalho (2000) refere que a escrita constitui uma variedade da linguagem que, ao longo dos tempos, se assumiu como uma realidade fundamental no contexto das sociedades desenvolvidas, estando associada a um estatuto de prestígio e de poder. Pelas suas características, a linguagem escrita propicia um conjunto de habilidades que fazem dela um

valioso instrumento de comunicação, um dos principais veículos de transmissão de conhecimento, uma forma privilegiada de acesso ao prazer através da leitura, uma ferramenta na estruturação do pensamento, podendo funcionar como promotor e incentivador do desenvolvimento cognitivo.

O recurso à escrita em contexto académico ocorre em múltiplas situações; seja na elaboração de simples trabalhos escritos, nos relatórios de trabalhos práticos, em comunicações, na redação de monografias às teses de doutoramento (Carvalho, 2005). Para além de uma competência genérica, a produção de textos escritos pressupõe competências específicas de desempenho que estão relacionadas à capacidade de adaptação às exigências específicas de cada docente e às convenções aceites pela comunidade. Deste modo, uma maior competência de escrita, traduzir-se-á numa maior facilidade de expressão, o que faz com que essa competência possa ser vista como um fator de sucesso escolar e académico (Creme & Lea, 2000 referido por Carvalho, 2005).

Williams (2000) refere que as competências de escrita estão estreitamente relacionadas com o sucesso académico, tal como demonstrou no seu estudo com alunos do ensino superior. De acordo com os resultados apresentados, um grupo de alunos com um nível de competência na escrita apresenta um rendimento escolar médio mais elevado, tendo aprovado em mais disciplinas comparativamente ao grupo com um nível de desempenho mais baixo. Barass (1995), na mesma senda, refere que muitos alunos não atingem o sucesso académico devido ao desvalorizarem a importância da comunicação de ideias através da escrita.

Para Carvalho (2005) a escrita constitui um instrumento essencial na aprendizagem e pode desempenhar um papel de destaque nos processos de aquisição, estruturação e expressão de conhecimento. O autor refere que muito do insucesso dos alunos não acontece tanto devido a a falta de conhecimentos, mas da incapacidade de os verbalizar por escrito. De modo que, os detentores de conhecimento e domínio linguístico e comunicativo estarão, de certa forma, em vantagem sobre os demais.

Cabral e Tavares (2005), na mesma linha de Carvalho, advogam que as competências de escrita:

assumem particular importância no ensino superior, uma vez que os alunos passam muito tempo a ler, a seleccionar informação, a relacionar e a reler conteúdos que lhes são apresentados sob a forma de textos e, para além disso, precisam de comunicar os conhecimentos apreendidos, estudar e serem avaliados com base nos textos que produzem, analisar e interpretar, desenvolver/defender uma perspectiva e/ou argumentar, ligar a teoria à prática, elaborar conclusões, ser crítico, seleccionar ideias centrais de acessórias, incorporar factos, utilizar terminologia correcta (...), relatar experiências, expressar opiniões e interpretações pessoais.

Cabral e Tavares (2005) desenvolveram um estudo com alunos de quatro instituições de ensino superior, cujo objetivo, entre outros, se prendeu com o nível de importância atribuído pelos estudantes à leitura e à escrita para o sucesso académico. Neste estudo, os autores apontam como dificuldade sentida pelos alunos no ensino superior o facto de terem de desenvolver uma grande variedade de tarefas de escrita como redação de relatórios, trabalhos ou projetos, resumos, memorandos, entre outros. O facto de cada disciplina e professor avaliarem de modo distinto os seus textos parece igualmente aumentar a dificuldade, uma vez que não existe unanimidade neste aspeto.

Na mesma perspetiva, Carvalho e Pimenta (2005) realizaram um estudo, com base na análise de trabalhos produzidos por alunos da Universidade do Minho, as dificuldades apresentadas relacionam-se, sobretudo, ao nível da redação e da interpretação da informação. Outras dificuldades relacionam-se com a forma como a informação é registada e tratada, bem como a articulação do conteúdo de diferentes fontes e os aspetos formais que configuram o texto académico. Estes dados convergem com o estudo desenvolvido por Carvalho (2000), concluindo que grande parte dos alunos que terminam o ensino secundário e transitam para o ensino superior apresenta, de um modo geral, dificuldades ao nível da expressão escrita, e essas debilidades assumem maior relevância num contexto em que a linguagem escrita assume um papel mais importante do que ao longo da escolaridade anterior. O autor defende que a escrita não se resume à explicitação do conhecimento construído, mas ao próprio processo de construção desse conhecimento, representando uma ferramenta de registo do que é lido e na elaboração pessoal do conhecimento que daí resulta.

Cremer (1998,2000) e Vieira (1981) identificaram dificuldades de leitura e de redação, bem como a seleção inadequada das ideias centrais, a não relação entre as informações apresentadas no texto, bem como a falta de coerência e coesão na produção textual e estas limitações parecem conduzir a uma desmotivação e desinteresse generalizado.

Muitos estudos realizados sobre a produção de textos entre universitários, apontam para resultados pouco animadores: as dificuldades vão desde o parco domínio da gramática, à falta de coesão e coerência textuais, aos erros de grafia, à reprodução de frases feitas, resultando num texto fragmentado e sem sentido (Nassri, 2000; Pellegrini, 1996). Entre as dificuldades investigadas, as limitações relacionadas à leitura e à produção de textos parecem ser as mais preocupantes, uma vez que são as que mais saltam aos olhos dos professores dos primeiros anos. Vários estudos (Arouca, 1997; Marini, 1998; Pellegrini, 1996; Santos, 1991) apontam as deficiências de compreensão e o escasso hábito de leitura entre universitários como responsáveis, em grande medida, pelo baixo desempenho académico desses alunos, já que a frequência da universidade exige uma considerável realização de atividades de escrita, leitura, compreensão e expressão de conteúdos complexos.

Concluimos que, sendo a universidade uma das principais instituições de acesso e construção do conhecimento, parece-nos relevante que se promovam estratégias visando colmatar tais debilidades que, de certo modo, podem causar assimetrias graves. As competências linguísticas; quer ao nível da leitura, compreensão e escrita são de suma importância durante o percurso académico do aluno e não só; constituindo competências transversais que devem permitir a afirmação pessoal daquele, à construção do conhecimento, ao exercício da cidadania e a sua integração na comunidade e no meio académico. Deste modo, o domínio da língua portuguesa poderá ser decisivo no desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo; assumindo um papel de absoluta relevância como promotora de saberes instrumentais indispensáveis à aquisição de outros saberes relacionados com a formação integral do aluno. Além de identificar os problemas, o mais urgente é encontrar solução para eles. As universidades, enquanto instituições de construção de conhecimento, de produção de saber e pensamento crítico, ocupam uma posição privilegiada para questionar, caracterizar e solucionar os problemas impostos aos seus estudantes ao longo do percurso académico. Mesmo que tais problemas surjam antes da universidade, é durante esta que mais se destacam e onde é mais imperativo melhorar as faculdades de aprendizagem e integração, visto que a universidade constitui a derradeira instituição pedagógica enquanto etapa da vida.

### **1.3.2.(In)Sucesso Académico**

O (In)sucesso académico constitui um tema sobre o qual se têm desenvolvido muitos estudos. Vários autores têm apresentado diferentes abordagens, identificando um vasto conjunto de fatores influentes no sucesso académico.

O conceito de insucesso académico traduz o não atingir de metas (fim de ano letivo ou de ciclo de estudos) pelos alunos dentro dos limites temporais estabelecidos. Os indicadores que traduzem este fenómeno são, na prática, as taxas de reprovação, a repetência e o abandono da universidade (Martins & Arroiteia, 2002). Houve tempos em que não se falava de insucesso escolar ou académico, independentemente de qualquer nível de escolaridade. Já que apenas uma pequena percentagem da população tinha acesso à educação, sendo que o número de professores e de alunos era também reduzido e o ensino era processado de maneira diferente. Mas a sociedade mudou, a educação generalizou-se e o ensino foi democratizado num período de tempo relativamente curto (Tavares & Santiago, 2000). Os autores referem que o insucesso escolar ganhou progressivamente forma, primeiro na escola (do ensino básico para o secundário) e depois na universidade, onde hoje apresenta uma grande diversidade social e étnica de estudantes, muitos dos quais são deslocados ou despendem muito tempo em deslocações, com hábitos de estudo e de aprendizagem distintos e com objetivos variados.

O insucesso acontece, geralmente, numa simbiose de vários fatores que interativamente o ocasionam, aos quais é difícil atribuir uma causa comum. No entanto, Tavares

e Santiago(2000) referem que pode-se explorar a origem desses fatores e relacioná- los. As causas do insucesso acadêmico são múltiplas como diversas são as formas de lidar com o problema. Por isso, não pretendemos esgotar os fatores que estão na gênese das não aprendizagens. Nos estudos empíricos encontramos algumas causas que importa destacar:

1.No aluno que chega à universidade com índices de preparação muito diferenciados, ao nível dos saberes científicos, académicos e sociais (Tavares; et al., 2000);

2.Na universidade, uma vez que os seus objetivos, a sua organização e os processos de ensino/aprendizagem são definidos em função das necessidades externas e das dinâmicas internas associadas aos processos de construção de conhecimento e da sua transmissão aos alunos sem que as suas reais condições sejam consideradas (Tavares, 2000);

3.Na natureza das representações dos alunos e das suas práticas sociais e escolares . Criou-se a ideia do estudo e da vida académica enquanto espaço de prazer, descurando-se a realidade objetiva que as dimensões dolorosas do estudo enquanto obrigação de trabalho dos estudantes causam. Existindo uma certa desresponsabilização social e profissional bem como a falta de método de trabalho, de organização e de planeamento da vida em geral e da académica em particular Nos processos de ensino-aprendizagem e neste sentido caberá aos professores alguma responsabilidade pela não aprendizagem dos seus alunos, quer pelas vicissitudes do sistema educativo e pelas condições que lhes coloca, quer porque não estarão preparados para ensinar nas novas condições que a universidade de massas e massificada lhe colocaram (Bessa & Tavares, 2002).

Alarcão (2000) estabelece quatro categorias intimamente relacionadas com o insucesso académico: aluno, professor, currículo e instituição: o aluno tem uma série de fatores que caracterizam a sua entrada na universidade, como o desenraizamento familiar e social, sentimentos de emancipação e libertação, a ausência às aulas, as atividades extracurriculares, o medo da praxe, o incesso ao curso de primeira opção; o professor tem como principais fatores a preparação para as aulas, a dispersão por outras atividades e a desvalorização da pedagogia como instrumento para a promoção na carreira; no currículo, a falta de bases, a insuficiência quantitativa e/ou qualitativa de recursos didáticos, a má gestão de horários e calendários de testes, a desarticulação entre conteúdos, a deficiente integração das componentes teórica e prática e no tempo alargado empregue em avaliações. Por último, a instituição, onde encontramos também muitos entraves: más condições físicas, turmas numerosas, falta de instrumentos de trabalho, funcionamento inadequado ou descoordenado dos conselhos pedagógicos, deficientes condições de aconselhamento e de informação, falta de espaços de estudo e falta de meios para auxiliar os alunos com dificuldades na aprendizagem.

Vários autores associam as competências de escrita, leitura e interpretação ao sucesso académico (Fairbain & Winch, 1996) e relacionam as dificuldades, o insucesso e o abandono

académico a uma generalizada falta de métodos de estudo, falta de motivação e às competências de aprendizagem, nomeadamente as competências de leitura, compreensão e escrita (Williams & Carvalho, 2000).

## CAPÍTULO II. ESTUDO EMPÍRICO

A partir da revisão da literatura efetuada, concluímos que a fraca competência linguística e comunicativa é um tema atual e pertinente, com o qual os docentes no ensino superior se confrontam diariamente. Este problema é vivido por nós na instituição em que lecionamos.

### 2.1.1. Objetivos e questões de investigação

Com o fim de identificar possíveis causas da fraca competência linguística e comunicativa e preconizar estratégias que conduzam a sua promoção e ao sucesso académico dos alunos do ISTM, propusemos como objetivos da presente investigação:

- Analisar a importância das competências linguísticas e comunicativas na perspetiva de um grupo de alunos e de pessoas ligadas ao ensino no ISTM no sucesso/insucesso académico;
- Perceber as razões que estão na base da fraca competência linguística e comunicativa dos alunos; na perspetiva dos sujeitos entrevistados;
- Averiguar práticas de promoção do desenvolvimento transversal do uso correto da língua portuguesa;
- Investigar a relevância de algumas estratégias de intervenção para promover as competências linguísticas e comunicativas dos cadetes do ISTM.

De acordo com estes objetivos, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

- Qual a importância atribuída às competências linguísticas e comunicativas no sucesso/insucesso académico na perspetiva dos sujeitos entrevistados;
- Quais as razões que estão na base da fraca competência linguística e comunicativa dos alunos; na perspetiva dos sujeitos entrevistados;
- Que práticas devem ser desenvolvidas no sentido de promover o desenvolvimento transversal e o uso correto da língua portuguesa na perspetiva dos sujeitos entrevistados;
- Que estratégias de intervenção devem ser desenvolvidas no sentido de promover as competências linguísticas e comunicativas na perspetiva dos sujeitos entrevistados.

## 2.2.2. Metodologia

Estando o nosso estudo direcionado para uma situação que envolve comportamentos e/ou práticas pessoais, cientes de como é importante o conhecimento pormenorizado da situação, optámos por uma metodologia qualitativa. Pensamos que esse método privilegia a compreensão do tema em estudo (*As competências Linguísticas associadas ao (In)sucesso nos cadetes do ISTM*), sendo os dados recolhidos através de entrevistas semiestruturadas. Corroboramos com a opinião de Brandão (2010) quando refere que a investigação qualitativa baseia-se no método compreensivo, orientado na interpretação/discussão, desse modo, requiere saber interpretar o que se passa através da escuta dos sentidos. Também Chizzotti (2003, referido por Silva, 2012), na mesma perspetiva de Brandão, advoga que os investigadores que optem pela pesquisa qualitativa, sem afastar-se ao rigor e à objetividade, consideram, que a experiência humana não pode ser limitada aos métodos nomotéticos de investigá-la.

## 2.2.3. Contexto de investigação

Para a realização deste trabalho recorreremos ao Instituto Superior Técnico Militar, em Luanda-Angola. A instituição foi criada através do Despacho nº 079/2007/CEMG/FAA de Novembro 2007, visando a promoção e a qualificação dos quadros das Forças Armadas Angolanas ao mais alto nível, através do estudo, da docência e da investigação contínuas nos cursos de engenharia e de medicina. Designa-se por Instituto Superior Técnico Militar - ISTM, tendo sido inaugurada a 15 de Maio de 2008. Está localizado na Avenida Deolinda Rodrigues, km 9, Campo Militar do Grafanil, em Luanda, oferece todos os anos 300 vagas, distribuídas pelos cursos de Engenharia (Construções e Fortificações, Eletrotécnica, Informática e Mecânica), o curso de Medicina e, mais recentemente, o curso de Enfermagem.

## 2.2.4. Sujeitos do estudo

Tendo em conta os objetivos da investigação, seleccionámos, de forma não aleatória, oito estudantes do ISTM- sujeitos para a investigação. Esta seleção obedeceu aos seguintes critérios:

- alunos que frequentem o 1º ano dos cursos de engenharia e de medicina, com representantes dos diferentes países dos PALOP (Angola, Moçambique, Cabo-Verde e São-Tomé e Príncipe); a República da Guiné-Bissau não foi incluída, visto não ter alunos a frequentar o 1º ano;

- alunos que tiveram o português como LM;

- alunos que tiveram o português como LNM;

- alunos que são identificados como tendo boa competência linguística, apesar de terem o português como LNM;
- alunos que têm dificuldades mesmo tendo o português como LM.

Os dados demográficos dos sujeitos em estudo permitem-nos caracterizá-los da seguinte forma: dos oito sujeitos entrevistados, três são do género feminino e cinco do masculino, com idades compreendidas entre os 19 e os 24 anos. Relativamente ao país de origem: cinco são naturais de Angola (dois de Luanda, um de Benguela, um do Moxico, um de Malange), um de Cabo-Verde, um de S. Tomé e Príncipe e um de Moçambique. Em relação ao curso que frequentam: dois são de Medicina, dois de Engenharia Informática, dois de Engenharia Mecânica, um de Engenharia Eletrotécnica e um de Engenharia de Construções e Fortificações. Relativamente à língua: cinco têm o português como LNM e três têm o Português como LM (Quadro 1).

Na impossibilidade de realizar entrevistas *Focus Group*; quer por indisponibilidade das pessoas envolvidas, quer pela incompatibilidade de horários, realizámos entrevistas semiestruturadas individuais a dois responsáveis da instituição, informantes bem posicionados e com vasta experiência que nos puderam dar subsídios sobre o estudo a realizar, e a dois docentes. Procurou-se selecionar pessoas com vasta experiência. Quanto aos docentes, foram selecionados professores com larga experiência que lecionem o 1º ano, por este ser o que se ministra a disciplina de língua portuguesa em todos os cursos. No sentido de obter a diversidade de opiniões do tema em análise, selecionamos um docente de Língua Portuguesa (com 12 anos de experiência docente) e um docente de Análise Matemática com 37 de docência.

Ao longo do estudo, referimo-nos a cada um dos sujeitos como S, seguido de um número, ou seja, S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7 e S8 (para os cadetes) e usámos a designação E1, E2, E3, E4 (para os responsáveis e docentes).

## 2.2.5. Técnica de recolha de dados

O instrumento usado para a recolha de dados foi a entrevista, considerada como uma das mais importantes técnicas da investigação qualitativa. Optamos pela entrevista semi-estruturada para a recolha de dados a partir de um guião com tópicos e questões. Tendo a formulação de questões comuns aos entrevistados incidido diretamente ao domínio da pesquisa (Queiroz, 1988). Utilizamos a entrevista para a recolha de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo (Bogdan & Biklen, 2010). Sendo a entrevista considerada como um método único na recolha de dados, por meio do qual o investigador reúne dados, através da comunicação entre indivíduos (Anderson & Kanuka, 2003).

Corroboramos, assim, com a opinião de Richardson (1999) quando refere que “a entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estrita relação entre pessoas, realçando a interação entre entrevistado e entrevistador e a criação de um contato próximo e estimulador”(p.207). Os guiões das entrevistas foram elaborados tendo em conta os objetivos, as questões de investigação e o problema (Anexos 1e 2).

## 2.2.6.Tratamento dos dados

Segundo Gomez, Flores e Jiménez (1996) os dados recolhidos constituem a matéria-prima que precisa de ser tratada de forma a conseguir-se a sua simplificação, seleção e organização, para se obterem os elementos manuseáveis que permitiriam fazer leituras, interpretações, chegar a resultados e a conclusões. Podemos dizer que o tratamento dos dados constitui uma das tarefas mais difíceis na investigação qualitativa.

Realizadas as entrevistas, fez-se a transcrição literal dos registos áudio(Anexos 6,7), o tratamento da informação e a análise de conteúdo. Segundo Bogdan & Biklen (1994, referido por Martins, 2010), a análise de conteúdo permite ao investigador, a um processo de pesquisa e de organização rigoroso de entrevistas e de outros materiais, com o objetivo de alargar a própria compreensão desses instrumentos e permitir apresentar o que investigou a outros. Para Vala (1986) a análise de conteúdo é uma técnica que exige a maior explicitação de todos os procedimentos utilizados.

O processo de análise de conteúdo foi desenvolvido de acordo às orientações defendidas por Marshall e Gretchen (1999, referido por Martins, 2010). De modo que, a análise de conteúdo de dados recolhidos numa investigação qualitativa compreende seis fases: a organização dos dados, a elaboração de categorias, a codificação dos dados, a testagem de interpretações que vão surgindo, a procura de explicações alternativas e a produção do texto final. Deste modo, após várias leituras pormenorizadas das transcrições das entrevistas, foram criadas as categorias e subcategorias (Anexos 8 e 9 ).

Numa terceira etapa, o material recolhido foi separado em unidades de sentido, de acordo com as categorias e subcategorias definidas, tendo-se elaborado uma grelha de codificação, constituindo a fase mais difícil e morosa de todo o processo. Nesta fase, da organização do material empírico por categorias e subcategorias, procurámos identificar e relacionar, de forma lógica, as relações correspondentes entre categorias, subcategorias e unidades de sentido das informações disponíveis. A última fase do trabalho reporta à análise e interpretação dos dados, inclui os resultados, a discussão e a conclusão.

## 2.2.7.Procedimentos

Para a realização do nosso estudo foram solicitadas as respetivas autorizações, em cartas dirigidas à Direção do ISTM (Anexos 2 e 3). Após a obtenção das autorizações, contactamos os cadetes, os responsáveis e os docentes que pretendíamos entrevistar, tendo os mesmos acedido, prontamente, à nossa solicitação.

As entrevistas, aos cadetes, realizaram-se no período compreendido entre 27 de Março a 03 de Abril de 2017, de acordo com a disponibilidade dos mesmos, numa sala previamente preparada para o efeito. As entrevistas, aos responsáveis e docentes, foram realizadas no período entre 19 a 27 de Maio de 2017. Tendo cada sido informado sobre o objetivo da entrevista, a sua importância para o estudo e a necessidade da gravação áudio para o tratamento e a análise da informação recolhida. Foi garantido o anonimato dos entrevistado e a confidencialidade das informações recolhidas.

Na realização das entrevistas, procurámos intervir o menos possível, escutar atentamente os entrevistados, não emitir opiniões nem fazer juízos de valor e estar atentos às mensagens verbais e não verbais. Pensamos que, pelo facto de a entrevistadora ser docente da instituição com quem os sujeitos estão acostumados a interagir, terá sido, na nossa opinião, um fator favorável à espontaneidade com que os entrevistados responderam às questões, não se coibindo com a presença do gravador.

Realizadas as entrevistas, fez-se a transcrição literal dos registos áudio e o tratamento da informação recolhida. Tendo sido depois efetuada a análise de conteúdo. Após várias leituras pormenorizadas das transcrições das entrevistas, foram criadas as categorias e subcategorias.

Numa terceira etapa, o material recolhido foi separado em unidades de sentido, de acordo com as categorias e subcategorias definidas, tendo-se elaborado uma grelha de codificação, constituindo a fase mais difícil e morosa de todo o processo. Nesta fase, da organização do material empírico por categorias e subcategorias, procurámos identificar e relacionar, de forma lógica, as relações correspondentes entre categorias, subcategorias e unidades de sentido das informações disponíveis.

A última fase do trabalho reporta à análise e interpretação dos dados, inclui os resultados, a discussão e a conclusão.

## 2.2.8. Resultados

Apresentamos, de seguida os resultados das entrevistas realizadas aos alunos de acordo com as seguintes categorias: motivações e expectativas dos alunos; competências linguísticas dos alunos; português língua materna/língua não materna e competências linguísticas; processo ensino/aprendizagem; apreciação do desempenho linguística; a transversalidade da língua portuguesa.

### Motivações e expectativas para a escolha do curso

Esta categoria, inclui as opiniões dos sujeitos sobre as motivações e expectativas em relação ao curso que frequentam. Pareceu-nos importante conhecer o que os levou à escolha do curso e que planos projetam para o futuro.

Sobre as razões da **escolha do curso**, os entrevistados têm opiniões diversas quanto à formação escolhida; por “ser um sonho de criança” (S1,S2, S7); “pelo contato direto com as pessoas e a possibilidade de salvar vidas” (S2); “por influência dos pais “(S1,S2); “por não terem conseguido entrar para a licenciatura que desejavam” (S8, S3); porque “pensam ser uma área com muitas possibilidades no futuro” (S5, S6).

Quando questionados sobre os **projetos** as opiniões dividem-se, uns referem que pensam “contribuir para o desenvolvimento do país e das FAA, em particular”: (S4,S5,S6,)

*(..) pilotar um avião militar, em missão das FAA (S4)*

*(...)dar o meu contributo no desenvolvimento do meu país, em particular nas FAA (S5)*

*(...) desenvolver o nível técnico das construções e ajudar a desenvolver as potencialidades do meu país (S6).*

Outros entrevistados “projetam ser bons profissionais e aprofundar os conhecimentos na sua área de formação” (S2,S7;S8).

### Competências linguísticas dos alunos

Esta categoria recolhe as perceções dos alunos sobre as competências linguísticas, tendo sido definidas três subcategorias: a definição, a relevância e as vantagens.

Relativamente à **definição do conceito de competências linguísticas**, todos os entrevistados parecem conhecer e estar familiarizados, realçando que a competência é “(..) *habilidades ao nível da língua portuguesa (S1); a capacidade (...) de se comunicar, de acordo aos*

*parâmetros que a mesma língua obriga” (S2); a capacidade que o usuário da língua tem de produzir e entender uma sequência linguística (S3); (...) é ter o domínio da língua portuguesa (...) “(S4).*

Quanto à **relevância das competências linguísticas** no sucesso acadêmico, os alunos foram unânimes em considerar relevante o domínio da língua portuguesa para o sucesso acadêmico, a maior parte dos entrevistados realça que as competências a nível linguístico facilitam a comunicação e a interação, a interpretação e o desenvolvimento de temas, uma vez que tudo baseia-se na língua portuguesa: (S2); (...) “para interagirmos com os demais”(S3); (...) “para não cometermos erros do ponto de vista linguístico” (S4); (...)”poder decifrar a informação, saber corrigir, interpretar (...)” (S5); (...) “tudo baseia-se na língua portuguesa (...) (S7). Numa perspetiva diferente, um entrevistado considera que o sucesso nas outras disciplinas depende do domínio a língua portuguesa ”não se pode ter sucesso nas outras disciplinas sem primeiro dominar a língua portuguesa”(S1).

Relativamente às **vantagens das competências linguísticas**, os entrevistados destacam a facilidade em comunicar, interpretar, interagir e redigir corretamente: “(...) *temos negativa no teste (...) porque temos dificuldades em interpretar e transmitir a informação” (S2); “(...) saber expressarmo-nos corretamente, saber redigir...” (S4); “tem outra perceção de analisar e de ver as coisas”... (S7).*

## **Português língua materna/língua não materna e competências linguísticas**

Esta categoria, inclui as opiniões dos sujeitos sobre o português como LM e/ou LNM e a influência ao nível das competências linguísticas, tendo sido definidas quatro subcategorias: língua materna, língua não materna, classificação do português, influência da LM/LNM no nível de competência linguística.

Relativamente à questão da **língua materna**; cinco dos entrevistados referem que o português é a sua LM (S2, S3, S8). Apenas um entrevistado referiu que teve duas LM - o Português e uma língua nacional:” *A minha língua materna é o português, mas fui ouvindo a minha avó e a minha mãe em conversas, em umbundo e fui aprendendo (...)(S3).*

Quanto ao português como **língua não materna**, cinco dos entrevistados não a tiveram como língua materna (S1,S4,S5,S6,S7). A primeira língua falada no seio familiar foi uma língua nacional e o primeiro contacto com o português foi na escola.

Relativamente à **classificação do português**, a maior parte dos entrevistados acha que é uma língua boa, mas difícil de aprender, particularmente para os que não a têm como LM

(S1,S2,S3,S5,S6). Acham, contudo, que com estudo e persistência conseguem-se ultrapassar tais dificuldades: “(...) *digo que é uma boa língua (...) não é fácil de aprender*” (S1); “*É uma das línguas mais difíceis de aprender*”(S2); (...)” *aqueles que não a tiveram como língua materna, vai ser um pouquinho difícil*”(S3).

Quanto à questão sobre a *influência da LM/LNM no nível de competências linguísticas*, a maior parte dos entrevistados acha que pelo facto de ter o português como LM ou LNM pode ter influenciado, positiva ou negativamente, na aprendizagem da LP. Três dos entrevistados referem ter influenciado negativamente por causa da interferência da LM (S1,S5,S6), no caso do (S1) “*por causa dos verbos, da concordância frásica, dos géneros que na minha língua quase não se faz sentir. Há certas palavras que usamos tanto para o feminino como para o masculino*”, e no caso do (S6) que refere ter dificuldades por o português não ser a sua LM “*acho mesmo difícil, atendendo que venho de uma língua e “lutando” para aprender outra*”. Por outro lado, cinco consideram ter influenciado de forma positiva (S2,S3,S4,S7,S8), uma vez que a proficiência em duas línguas permite uma melhor comunicação, no seio familiar, em língua nacional e em português em contextos institucionais.

## Processo de ensino/aprendizagem

Esta categoria integra a apreciação dos alunos sobre o processo de ensino/aprendizagem e integra as subcategorias: interação nas aulas, compreensão de conteúdos, expressão escrita, expressão oral e leitura.

Relativamente à *interação na aula*, a maior parte dos sujeitos entrevistados afirma interagir bastante e de forma voluntária, colocando as dúvidas e resolvendo exercícios: (...) “estou sempre ali; pronta, disposta” (S1); (...) “Respondo normalmente, gosto de dialogar”(S2); (...)”participo de forma voluntária” (S3). Dois entrevistados referem não interagir na aula, um prefere que o professor o chame, por considerar ser uma forma de comunicação entre ambos: (...)”prefiro que o professor cite o meu nome (...) que o professor passe pela minha carteira (...) como uma aluna que se dedica em fazer os trabalhos” (S8), o outro refere que depende muito do professor e da forma de gerir a aula: “(...) prefiro não responder e ficar com as dúvidas (...) com os professores que são abertos e dialogam, falo normalmente”(...).

No que diz respeito à *compreensão dos conteúdos* dados na aula, a maior parte dos sujeitos refere que, quando tem dúvidas, esclarece-as com algum colega, com o grupo de estudo e posteriormente com o professor (S2,S3,S4,S5,S6,S7), apenas um entrevistado refere resolver as dificuldades sozinho: “*Quando não entendo; na caserna, sozinho, procuro entender*”(S6).

Relativamente à *expressão escrita* quase todos os sujeitos entrevistados destacam que o processo de escrita é mais complicado, requer maior cuidado, reflexão e análise: “A redação de textos é sempre mais complicada, há o cuidado com a gramática; com a conjugação

verbal, a concordância frásica, a pontuação(...) temos de parar e refletir acerca daquilo que vamos escrever...”(S1); “A escrita é um pouco mais complicada “(S2;).

No que diz respeito à *expressão oral*, os sujeitos entrevistados referem que também apresenta dificuldades, já que, nem sempre, conseguem ter controlo sobre o que dizem: “Dizemos alguma coisa que já não controlamos”(S1); “você assusta e já falou de forma errada”(S5).

Quanto à *leitura*, a maior parte dos entrevistados respondeu usar o dicionário, a Internet ou alguém para solucionar dificuldades que surjam (S1,S2,S3,S4).Relativamente aos hábitos de leitura, todos os entrevistados referiram ter poucos ou quase nenhuns: “Não gosto muito de leitura...Não é que não leia...não gosto” (S1); “De quando em vez, leio um livro, só começo, não termino (...) (S5); (...) porque fico entediada, com sono, com uma certa preguiça”(S8).

## Apreciação do desempenho linguístico

Esta categoria recolhe as perceções que os alunos têm sobre o seu desempenho linguístico. Está subdividido em quatro subcategorias: *dificuldades oral/escrita, rendimento académico, orientações, constrangimentos*.

Relativamente às *dificuldades oral/escrita*, os sujeitos referem, sobretudo as sentidas na expressão oral; pela dificuldade em controlar o que dizem e em usar um discurso em português padronizado: “Na oral há a tendência de usar a gíria, encurtar as palavras”(S1); “fica muito difícil cumprir as regras”(S5).

Sobre a apreciação do seu *rendimento académico* (à língua portuguesa) e a influência das dificuldades no nível de aproveitamento, os sujeitos referem que precisam de melhorar o seu desempenho, de empreender um esforço para reduzir as deficiências, mas que as dificuldades têm pouca influência no seu rendimento académico: “Estas dificuldades não são muito relevantes”(S1); “(...) apenas 30% é o que preciso de melhorar”(S2); “Não têm influenciado.Não acho que esteja muito mal”(S6). Outros realçam que:” Preciso de aprofundar o conhecimento da gramática (S7);”(...) preciso de me expressar melhor”(S8). Apenas dois entrevistados referem ter muitas dificuldades e que estas poderão influenciar no seu rendimento académico: “(...) preciso de melhorar muito(S3); (...) “quando você não consegue fazer uma boa interpretação, fica difícil dar solução a um problema” (S5).

Quanto às *orientações* que recebem dos docentes para melhorar o desempenho linguístico, os entrevistados responderam considerar várias, dependendo das dificuldades que cada um apresenta: (...)”aprofundar o estudo da gramática” (S1); (...) “à leitura e a prática da

escrita”(S2);“ler bastante”(S3);“organizar melhor as ideias”(S4);“melhorar a pontuação, saber relacionar as ideias” (S8).

Relativamente aos **constrangimentos** em contexto de sala de aula ou no ambiente académico, apenas dois dos entrevistados referiram ter passado por situações constrangedoras. Uma é a diferença no sotaque de alunos provenientes de países amigos: “Como sou cabo-verdiana, tive problema para me relacionar com as pessoas mesmo falando português (...), nas primeiras duas semanas fiquei muda”(…) (S1). A outra situação que constrange os alunos é o fraco rendimento académico: “algo que me deixou abalado foi não ter dispensado à Língua Portuguesa”(S2).

## A Transversalidade da Língua Portuguesa

Esta categoria integra as apreciações dos alunos relativamente à transversalidade da língua portuguesa e o impacto das competências linguísticas no sucesso académico e na integração socioprofissional, está subdividida em duas subcategorias: *competências linguísticas e sucesso académico* e *competências linguísticas e integração socioprofissional*.

Sobre a questão **competências linguísticas e sucesso académico**, os sujeitos entrevistados são unânimes nas suas opiniões, consideram que são competências que influenciam o desempenho em todas as unidades curriculares, referem que a língua portuguesa atravessa todas as áreas do saber: (...) “a língua portuguesa seja a base de tudo (...) estão todas interligadas”(S1); (...)”está diretamente relacionada à compreensão e interpretação em outras disciplinas” (S4); (...)”se não tiver o domínio da língua, não vai entender as outras disciplinas”(S7); quem domina a língua portuguesa consegue adquirir e construir conhecimento em outras disciplinas”...(S5).

Relativamente às **competências linguísticas e integração socioprofissional**, os entrevistados acentuam a sua posição relativamente à relevância das referidas competências na integração socioprofissional, na inserção e promoção social: “uma pessoa que domina a língua portuguesa será bem vista na sociedade”(S1); a pessoa que se expressa bem e escreve bem (...)será um bom comunicador, um bom analista”(S2);(...) para que saibamos nos integrar na sociedade” (S3); (...)”naquele meio a comunicação será muito importante entre todos naquele círculo”(S8).

Apresentamos, de seguida, os resultados do estudo realizado com pessoas ligadas ao processo de ensino e docentes do ISTM, de acordo com as seguintes categorias: processo de ingresso na instituição e competências linguísticas dos alunos.

## Processo de ingresso

Esta categoria enquadra a representação de pessoas ligadas ao processo de ensino no ISTM, relativamente ao recrutamento dos candidatos. Nesta categoria, apenas temos a opinião de dois sujeitos, uma vez que exercem cargos de chefia na instituição e, desse modo, dominam as referidas questões.

Ao se referirem ao processo de *recrutamento dos cadetes*, os sujeitos entrevistados destacam que: “*é voluntário e dirigido a todas as províncias do país (...) dos 18 aos 21 anos, na condição de ser militar até aos 24 anos, com o 12º ano concluído para as ciências exatas e biomédicas*”(E1).

Relativamente à *seleção dos cadetes*, os entrevistados referem que: (...)“*São submetidos a exames de acesso (...) e a exames médicos*”(E1);“*efetua uma inspeção médica(...)*são submetidos à *recruta (...) depois iniciam o APMG*”(...) (E2).

## Competências linguísticas

Esta categoria engloba as perceções das pessoas ligadas ao processo de ensino do ISTM, relativamente ao conceito competências linguísticas, estando subdividida em várias subcategorias: conceito, grau de competências linguísticas, LM/LNM e sucesso académico, integração socioprofissional, dificuldades dos alunos, carga horária, estratégias.

Os sujeitos entrevistados referem-se ao *conceito* de competência linguística como:“*a capacidade que um individuo tem de conseguir transmitir uma determinada mensagem e ser percebido por quem o está a ouvir* (E2);(...) “*capacidades que individuo detém em expressar-se numa determinada língua* (E3); (...)”*habilidades que o aluno tem para usar a língua de acordo às normas que essa mesma língua propõe*” (E4).

Relativamente ao *grau de competências linguísticas* dos alunos da instituição, uma vez que têm proveniência e formação de base diversa, as opiniões divergem, dois sujeitos revelam não considerar relevante o facto de alguns alunos terem o português como LNM: “*vêm de várias províncias, mas uma coisa é a competência linguística(...) a outra coisa é a fonética, o som da palavra não o erro na escrita*”(E1);(...) “*tem a ver com aquele que transmite ao aluno aquilo que quer que o aluno aprenda*”(E3). Um sujeito entrevistado refere que os alunos dos PALOP, de um modo geral, apresentam dificuldades no domínio linguístico, com exceção de Cabo-Verde: (...) “*também se verifica com os alunos provenientes dos países amigos, particularizando a República de Cabo-Verde onde (...) não temos tido grandes problemas*”...(E2). Outro sujeito considera que as estruturas do português de Angola estão formatadas para as línguas bantus: (...)” as nossas

estruturas são formatadas para falarmos as línguas bantus e não o português, o português veio interferir” (...) (E4).

Relativamente à relação **LM/LNM e sucesso académico**, dois sujeitos entrevistados consideram não existir relação, uma vez que o aluno passa por muitos anos de escolaridade: “eles fazem até o 12º ano em língua portuguesa” (E1); (...) “para chegar ao I.S.T.M, já passou por vários níveis de escolaridade”..(E3). Um sujeito tem uma linha de pensamento oposta, refere que o mosaico cultural de Angola pode influenciar no nível de competência linguística: (...) “o mosaico etnolinguístico (...) tem sido uma barreira”...(E2).

No que diz respeito à influência das competências linguísticas na **integração socioprofissional**, é reconhecida a sua relevância por todos os entrevistados: “A primeira avaliação para um concurso público é o concurso escrito”(E1); (...)”no meio socioprofissional (...) terá que ter a capacidade de usar a língua de forma profícua” (E4). Um sujeito é de opinião oposta, enfatizando que depende do meio em que o sujeito está inserido: “Se o meio propiciar (...) o individuo poderá superar as limitações”(...) (E3).

Quanto às **dificuldades dos alunos**, os sujeitos entrevistados são unânimes nas suas opiniões, consideram existir muitas dificuldades de base no domínio linguístico: “(...) não sabem interpretar”(E1); “temos dificuldade em perceber a forma como eles se exprimem (...) (E2).Um sujeito refere que a disciplina que leciona (Matemática) tem uma linguagem universal, por isso não requiere o domínio da língua portuguesa: (...) a matemática tem uma linguagem internacional, entende-se, mesmo sem o domínio da língua pode-se aprender matemática” (E3).

Quando solicitados a analisar a **carga horária** semanal atribuída à disciplina de língua portuguesa, os sujeitos entrevistados são de opinião que é insuficiente, tendo em conta as dificuldades que os alunos apresentam: “Uma frequência semanal é pouca” (...) (E1); “uma frequência semanal não é suficiente”(E3).

Quando inquiridos a sugerir **estratégias** que visem colmatar as dificuldades ao nível das competências linguísticas dos alunos, todos são de opinião que a disciplina deve ser lecionada em anos precedentes ao 1º e que se devem desenvolver ações com vista a promover o interesse e o domínio linguístico, entre as quais se destacam: (...) “organização de colóquios, workshops, jornadas, semana de olimpíadas da escrita...(E1); (...)”criar incentivos para que os alunos se interessem mais (...) atividades como semanas culturais de interpretação, elaboração de trabalhos”(E2); “o português devia ser estendido até ao fim do curso(...) Tentar arranjar projetos, oficinas de escrita”(E4).

# CAPÍTULO III. Discussão/Conclusão

## 3.3.1. Resposta e discussão das questões de investigação

De acordo com os resultados obtidos no presente estudo, apresentamos, de seguida a resposta e discussão das questões de investigação:

**-Qual a importância atribuída às competências linguísticas e comunicativas no sucesso/insucesso académico na perspetiva dos sujeitos entrevistados?**

Relativamente a importância atribuída às competências linguística e comunicativa no sucesso/insucesso académico, os alunos, maioritariamente, estão conscientes das suas dificuldades, tanto ao nível da expressão escrita como na oralidade, particularmente na adequação do discurso ao nível em que se encontram, na interpretação da informação, no desenvolvimento de temas, no uso da pontuação, entre outras. Dessa forma, consideram fundamental o domínio linguístico e comunicativo, uma vez que este está ligado à transversalidade da língua portuguesa numa relação estreita com o sucesso académico e com a integração socioprofissional. Os docentes e os responsáveis ao processo de ensino sublinham, por sua vez, a relevância das competências linguística e comunicativa, por se tratar de competências fundamentais, quer a nível académico, quer no âmbito da atividade profissional, podendo contribuir decisivamente para sucesso académico e a integração socioprofissional do aluno. Diversos estudos associam as competências linguística e comunicativa ao sucesso académico, nomeadamente, Flippo e Caverly (2000, referidos por Cabral & Tavares, 2005); Pretorius (2001, referidos por Cabral & Tavares, 2013); Rosenhine (1980) advogando que uma maior competência linguística e comunicativa resultará numa melhor compreensão, interpretação, redação e desenvolvimento de temas na forma oral e/ou escrita, tendo como vantagens o facto de possibilitar o sucesso académico e a integração profissional dos alunos.

Por outro lado, os entrevistados destacam a importância atribuída às competências linguística e comunicativa como forma de promoção social, de integração profissional, de prestígio e poder, de aceitação e interação entre pares. Esta é também uma constatação do estudo realizado por Carvalho, 2000.

Contudo, e de acordo com os dados do estudo realizado, os alunos, na sua maioria, não têm hábitos de leitura e alguns não valorizam a componente teórica das unidades curriculares, tendo consequências relevantes na redação, interpretação e compreensão da informação. Corroborando, assim, os resultados de Barass, 1995; Carvalho, 2005.

- Quais as razões que estão na base da fraca competência linguística e comunicativa dos alunos, na perspectiva dos sujeitos entrevistados?

De acordo com os dados do estudo realizado, considera-se serem várias as razões que estão na base da fraca competência linguística e comunicativa dos alunos em contexto de ensino superior, uma vez que na origem do problema existem situações que será necessário analisar com maior profundidade. Efetivamente, uma das razões que pode estar relacionada à fraca competência linguística e comunicativa dos alunos é a má formação de professores nos diferentes níveis; desde o básico, passando pelo médio ao superior apresentam graves lacunas, aliada à pouca dignificação da carreira, à baixa remuneração, à desmotivação e a falta de vínculo com a instituição. De modo que, o docente preparado de forma deficiente, desmotivado e sem tempo para preparar eficazmente as aulas, produzirá alunos com sérias debilidades que se refletem com maior relevância no ensino superior. Este resultado está de acordo com estudos anteriores, nomeadamente em Almeida, 2002; Fiolhais, 2004; Neto, 2009; Tavares, 2000.

Outro facto que pode estar relacionado ao fraco domínio linguístico dos alunos, e de acordo com o nosso estudo, relaciona-se com a constituição das turmas, heterogéneas e formadas por alunos que chegam à universidade com índices de preparação diferenciados, ao nível dos saberes científicos, académicos e sociais. De modo que a universidade não se preparou para essa nova realidade. Esta é também uma constatação do estudo realizado por Almeida, 2002; Dias & Fontaine, 2001; Fiolhais, 2004; Tavares, 2000.

O facto de as aulas de língua portuguesa serem planificadas, desde as primeiras classes, com conteúdos gramaticais excessivos, que desmotivam o aluno, promovem o desinteresse pela disciplina, tornando-a enfadonha, desinteressante e nada apelativa, pode levar levá-lo a desvalorizar a importância da leitura e, conseqüentemente, a dificuldades graves resultantes dessa ação. De acordo com os alunos entrevistados, a maior parte, não tem hábitos de leitura, nem considera a hipótese de compra de livros. Estudos realizados concluíram que a competência linguística e a leitura poderão estar altamente relacionadas a capacidade de ler e compreender a informação, nomeadamente em Pretorius (2001, referido por Cabral & Tavares, 2005); Pritchard, Romeo e Muller (1999, referidos por Cabral e Tavares, 2005).

De acordo com o estudo realizado e investigações anteriores, as razões referidas, associadas ou não, podem estar na origem da fraca competência linguística e comunicativa dos alunos, já que as dificuldades iniciam na base e se vão repercutindo e agravando no ensino superior, uma vez que, neste nível, essas limitações apresentam maior relevância do que ao longo de toda a escolaridade. O que corrobora os resultados desenvolvidos por Cabral e Tavares, 2005; Carvalho, 2000; Tavares, 2000.

**-Que práticas devem ser desenvolvidas no sentido de promover o desenvolvimento transversal e o uso correto da língua portuguesa na perspectiva dos sujeitos entrevistados?**

Os alunos entrevistados consideram importante alterar a sua situação relativamente ao domínio linguístico, consideram (maioritariamente) que devem iniciar hábitos de leitura, de forma a alargar o léxico, aperfeiçoar e contextualizar os discursos orais e escritos. Os responsáveis e docentes do ensino/aprendizagem destacam que o desenvolvimento transversal e o uso correto da língua portuguesa constitui uma preocupação e deve, por isso, ser um tema de profunda reflexão e análise, por forma a se encontrarem soluções que visem equacionar o problema. Sublinham que para além das atividades que a instituição preconizou, são ainda referidos projetos que poderão contribuir para o aumento da proficiência linguística e passam por ações que visam aumentar as horas de lecionação da disciplina de LP, promover o interesse pela disciplina, sensibilizar os intervenientes do processo educativo (alunos, professores e trabalhadores da instituição) para a importância do desenvolvimento transversal da língua portuguesa, reforçar a atitude investigativa e reflexiva por parte dos alunos, promover a convivência do português com as línguas nacionais, reforçar o trabalho colaborativo entre professores promovendo a colaboração entre pares, e proporcionando um enriquecimento disciplinar, transdisciplinar e cívico. Esta é uma constatação do estudo realizado por Barass, 1995; Carvalho, 2005; Dionísio, 1990; Menezes et al. 2001.

A nível da promoção e desenvolvimento transversal e uso correto da língua portuguesa, evidencia-se um afastamento nos resultados obtidos, um dos docentes refere não achar relevante o domínio linguístico para a sua disciplina, alegando que, no caso da matemática é uma ciência que não requer proficiência linguística para a sua compreensão. Por oposição aos estudos realizados que realçam a transversalidade da PL e o conhecimento a todos os níveis, nomeadamente em Martins, 2010; Menezes et al. 2001; Sá, 2012.

**- Que estratégias de intervenção devem ser desenvolvidas no sentido de promover as competências linguísticas e comunicativas na perspectiva dos sujeitos entrevistados?**

O uso correto da LP está patente no Programa de Língua Portuguesa e os sujeitos ligados a área de ensino/aprendizagem são unânimes em considerar que a instituição investe na formação dos alunos e esta pode criar estratégias com vista a promover as dificuldades a nível linguístico, contudo os alunos devem mostrar interesse, devem investir na sua formação, devem estar interessados em desenvolver as suas competências no domínio linguístico e procurar superar as suas dificuldades. Ao nível da execução de estratégias salientam o aumento semanal dos tempos de lecionação da disciplina, a lecionação da unidade curricular em anos precedentes ao 1º, a realização de palestras, colóquios, semanas culturais de interpretação e elaboração de trabalhos, oficinas de escrita, entre outras, de modo a promover as competências linguística e comunicativa dos alunos, o sucesso académico e a sua integração socioprofissional. À semelhança

do que se regista em estudos anteriores, nomeadamente Jesus,2008; Paviani e Fontana,2009; Robinson e Tayler, 1986.

A concluir podemos referir que os resultados do estudo apontam, de forma geral, que os alunos e as pessoas ligadas ao processo de ensino/aprendizagem estão conscientes da importância da competência linguística no sucesso académico e consideram que estas desempenham um papel central no ensino superior. Os alunos sublinham que as dificuldades evidenciadas ao nível do domínio linguístico, quer na expressão oral como na escrita, podem influenciar não só no seu sucesso académico, enquanto capacidade para aprovar nas várias unidades curriculares, mas também podem contribuir para a sua integração socioprofissional. Por outro lado, os atores ligados ao processo de ensino/aprendizagem destacam a relevância da competência linguística relacionada a transversalidade da língua portuguesa como uma competência fundamental para o sucesso académico. Implicando, por isso, o empenho de todos; da instituição na formação do aluno e na criação de estratégias que visem promover o conhecimento, de um modo geral, e a proficiência linguística, de modo particular, todavia o aluno deve mostrar interesse pela disciplina, deve procurar superar as debilidades, deve procurar envolver-se mais naquilo que é a busca e a construção do conhecimento.

Gostaríamos de referir que os resultados do nosso estudo indicam que a competência linguística e o (in)sucesso académico é um tema atual e pertinente que, para os atores ligados ao processo de ensino/aprendizagem e alunos da instituição onde decorreu a investigação, deve continuar a ser objeto de investigação, de reflexão e de debate profundos. Uma vez que na sua origem podem estar razões que será necessário analisar em estudos futuros. Consideramos que a nossa investigação permitiu o aprofundamento e a reflexão do tema em estudo, não só da nossa parte, mas também por parte dos sujeitos entrevistados, pela contribuição com as suas ideias, opiniões, sugestões e práticas referentes ao tema.

## **Limitações do estudo e sugestões para futuros projetos de investigação**

Gostaríamos de salientar as limitações do nosso estudo. Tais limitações decorreram, primeiramente, da reduzida investigação, feita em Angola, referente ao tema, uma vez que os estudos realizados reportam, maioritariamente, a níveis de escolaridade básica e secundária. A segunda relaciona-se com a impossibilidade de realizar entrevistas *Focus Group*; quer por indisponibilidade das pessoas envolvidas, quer pela incompatibilidade de horários.

No sentido de um melhor conhecimento e contribuições da realidade do tema em análise, sugerimos, como futuro projeto de investigação, a realização de um estudo que incida na forma como são lecionadas as aulas de LP, recorrendo-se a observação de aulas, aos textos e entrevistas aos professores e alunos. Pensamos que uma investigação nesta linha poderá, na

nossa opinião, contribuir com dados relevantes à investigação do tema. Corroboramos, desse modo, com o estudo de Faria (2008) em considerar que há necessidade “de reinventar a aula de língua portuguesa, de a tornar um espaço reflexivo (...) nos seus diversos registos e modalidades ...”(p.11), que se renovem e inovem as aulas de LP de forma a torná-las apelativas, interessantes, desafiadoras e participativas.



## REFERÊNCIAS

- Alarcão, I. (2000). Para uma conceptualização dos fenómenos do insucesso/sucesso escolares no ensino superior In Tavares, J., & Santiago, Rui A. (org.) Ensino Superior: (in)sucesso académico. (pp. 13-21). Porto: Porto Editora.
- Almeida, L.S., Araújo, A. M., Martins, C. (2016).Transição e adaptação dos alunos do 1º ano: variáveis intervenientes e medidas de atuação. Conferência. Universidade do Minho. Centro de Investigação em Educação (CIEd).<http://hdl.handle.net/1822/42318>
- Almeida, L. S. (2002). Factores de sucesso/insucesso no ensino superior. In Actas do Seminário “Sucesso e insucesso no ensino superior português”. Lisboa: Conselho Nacional de Educação (pp. 103-119).
- Anderson, T., Kanuka, H. (2003). e-Research: Methods, strategies, and issues. Boston: Allyn & Bacon.
- Arouca, E. A. (1997). Validação de um material programado de linguagem linguagem escrita aplicado a universitários. Dissertação de Mestrado. Pucamp.
- Baltar, M.A (2004).validade do conceito de competência discursiva para o ensino da língua materna. <http://E:/Competencia%20Comunicativa%20Hymes.pdf>
- Barass, R. (1995). Students must write: a guide to better writing in cousework and examinations. London: Routledge.
- Bessa, José; Tavares, José (2002). "Níveis de confiança, satisfação e auto-regulação académica em alunos do 1º ano de ciências e engenharias da Universidade de Aveiro "in" Tavares et al. (orgs) Pedagogia universitária e sucesso académico. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 49-58.
- Bianchetti, L. (1996). Escrever: Uma das Armas do Professor. Bianchetti, L. (Org.) Trama e Texto: Leitura Crítica, Escrita Criativa. São Paulo: Plexus.
- Bizarro, R., Moreira, M. A, Flores, C. (2013). Português língua não materna: investigação e ensino. Lisboa: Lidel, Edições Técnicas.
- Bogdan,R., Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora.
- Bordieu, P. (1982). Ce que parlerveut dire.L'économie des linguistiques. Paris: Fayard
- Brandão, Z. (2000) Entre questionários e entrevistas. In: Nogueira, M. A.; Romanelli, G.; Zago, N. (orgs.). Família & escola. Rio de Janeiro: Vozes.

Cabral, A.P. e Tavares, J. (2005). Leitura/ compreensão, escrita e sucesso académico: um estudo diagnóstico em quatro universidades portuguesas. *Psicologia Escolar e Educacional*, Volume 9,(Nº 2), 203-213. Recuperado em <http://scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a03.pdf>

Canale, M.(1995). Acerca de la competencia comunicativa. In Llobera, M. et al competencia comunicativa. Documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madrid: Edelsa.

Carvalho, J. A. B. (2000). Saber escrever: uma via para o sucesso académico. In A. Soares, A. Osório, J. V. Capela, L. Almeida, R. Vasconcelos & S. Caires (orgs.), *Transição para o ensino superior*. Braga: Universidade do Minho. Recuperado em [https://ispa.pt/biblioteca\\_do\\_documento/c2.htm](https://ispa.pt/biblioteca_do_documento/c2.htm)

Carvalho, J., Pimenta, J. (2005). Escrever para aprender, escrever para exprimir o aprendido . *Actas do Congresso Galaico- Português de Psicopedagogia*, 8, Braga, Portugal. Braga: Centro de Investigação e Psicologia da Universidade do Minho.

Chomsky, N.(1965). *Aspects of the theory of syntax*.(traduccion y apunte de la cátedra teoria y práctica de la lectura y la escritura I, UNC, Neuquén.

Crete, P. (1998). Student writing: challenging the myths. *Proceedings of the 5th annual writing development in higher education conference*. University of Reading.

Crete, P. (2000). *Writing at University. A guide for students*. Buckingham:Open University Press.

Coseriu, E. (1992). *Competência linguística. Elementos da la teoria del hablar*. Madrid, Gredos.

Costa, A. F. (1997). *Ruturas estruturais do português e línguas bantas em Angola: Para uma análise diferencial*. (Universidade do Minho, Tese de doutoramento em linguística portuguesa).

Costa, L. M. M. R. (2009). *A língua-cultura Materna no processo de ensino-aprendizagem da Língua-Cultura Estrangeira: um estudo de caso na disciplina de Francês no contexto escolar português*. (Tese de Mestrado, Braga: Universidade do Minho). Recuperado em <https://repositorium.sdum.uminho.pt>

Dias, M. G. F., & Fontaine, A. M. (2001). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários*. col. "Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas", Lisboa: FCG-FCT.

*Dicionário Terminológico* (2008), disponível em <http://dt.dgidc.min-edu.pt/>

Fairbairn, G, Winch. C. (1996). *Reading, writing and reasoning*.

Faria, P.(2008). Integração curricular das tecnologias educativas no ensino da língua portuguesa: um blogue para desenvolver a leitura e a escrita . Educação, Formação & Tecnologias, vol. 1(nº2), Novembro 2008.

Ferreira, G. (2010). A escrita escolar no 1º ciclo do ensino básico. Da reflexão metalinguística às estratégias metacognitivas. (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior. Covilhã.

Fiolhais, C. (2004). Condicionantes do sucesso académico no ensino superior. Comunicação apresentada no Encontro” Avaliação pedagógica no ensino superior”, 30-31 de Janeiro de 2004, Lisboa.

Flippo, R., Caverly, D. (2000). Handbook of college Reading and study research. Marwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Gomes, G. R., Flores, J.; Jiménez, E. (1996). Metodologia de la investigacion cualitativa. Malaga: Ediciones Aljibe.

Hymes, D.(1995). Acerca de la competência comunicativa. In: Llobera, M. et al competencia comunicativa. Documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madrid: Edelsa.

Jesus, S.N.(2008). Estratégias para motivar os alunos. Red de Revistas Científicas da América Latina y el Caribe, España y Portugal, V.31( nº1), 21-29.

Lomas, C.(2001). Teorias del language, competência comunicativa y enseñanza de la lengua: luces y sombras de la educación lingüística en España. Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. (Coimbra,28-30 de Setembro), Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística.

Marini, A. (1998). Compreensão da leitura no ensino superior: teste de um programa para treino de habilidades. (Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo).

Martins, M. (2010). Transversalidade da língua portuguesa: representações de diretores de turma do 3º ciclo do ensino básico de uma escola pública.(Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior).

Martins, A. M., Arroiteia, J. C. (2002). Os diplomados e a Universidade de Aveiro: contributos para uma avaliação, "in" Avaliação de Organizações Educativas. Aveiro: Universidade de Aveiro,

Menezes, L., Leitão, I., Pestana, L.. Laranjeira, I. e Menezes, I. (2001). Trabalho colaborativo de Professores nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, Actas ProfMat 2001 (pp. 203-210). APM: Lisboa. Recuperado em <http://hdl.handle.net/10400.19/1159>

Mesquita, D., Lima, R. M., Flores, M. A., Marinho-Araujo, C., & Rabelo, M. (2015). Industrial engineering and management curriculum profile: developing a framework of competences international journal of industrial engineering and management.

Molina, O. (1992). Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo. São Paulo: EPU.

Monteiro, C., Viana, F., M., E. & Bastos, A. (2013). Avaliação da competência comunicativa oral no Ensino Básico: Um estudo exploratório. *Rev. Port. de Educação*[online]. vol.26, (n.2),111-138. ISSN 0871-9187.

Nassri, R.C.B.M (2000). Perfil dos inscritos no processo seletivo de uma universidade particular. (Dissertação de Mestrado). PUC-Campinas.

Neto, C.G. (2009). O perfil linguístico e comunicativo dos alunos da escola de formação de professores Garcia Neto (Luanda - Angola). (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa).

Nzau, N. (2011). *A língua portuguesa em Angola um contributo para o estudo da sua nacionalização*. [PDF] (Tese Doutorado, Covilhã: Universidade da Beira Interior). Recuperado em [http://adelinotorres.com/teses/Domingos\\_Ndele\\_Nzau.pdf](http://adelinotorres.com/teses/Domingos_Ndele_Nzau.pdf)

Observatório da Língua Portuguesa, disponível em <http://www.observatoriolp.sapo.pt/pt>.

Padilha, E. C. (2015). Reflexões sobre a competência comunicativa e a formação de professores de língua estrangeira e suas competências. *Linguagens & Cidadania*,V.15, jan./dez, 2013 Universidade Federal de Santa Maria. Recuperado em

<http://jarraraca.UFSM.br/websites/i&c/download/Artigos13/08Emanuele.pdf>

Paviani, N. M., Fontana, N.M. (2009). Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. *Conjuntura*,V.14 (nº2), Maio/Agosto.

Pellegrini, M. C. K. (1996). Avaliação dos níveis de compreensão e atitudes frente à leitura em universitários. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Bragança Paulista.

Pereira, A. C. (2016). Competência linguística em português europeu língua materna e língua não materna: aquisição, ensino e aprendizagem de expressões idiomáticas. (Tese de Doutorado, Universidade do Minho). Recuperado em

<https://repositorim.sdum.uminho.pt/bistream/1822/41857/1/António%20da%20Costa%20Pereira.pdf>

- Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências é viver as costas aos saberes?* Buscalegis.ccj.ufsc.br. Recuperado em <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/20108-29126-1-PB.pdf>
- QEER (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas-aprendizagem, ensino, avaliação*, Conselho da Europa. Porto: Asa
- Queiroz, M. I. P. (1988). Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Von Simson, O. M. (org. e intr.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, (v.5), 68-80
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas* (3a ed.). São Paulo: Atlas.
- Robinson, W. P., Tayler C. A. (1986). Auto-estima, desinteresse e insucesso escolar em alunos da escola secundária. *Análise Pedagógica*, V1, 105-113.
- Sá, C.M. (2006). *Transversalidade da língua portuguesa: representações instrumentos, práticas e formação*. Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores. *Revista Científica. Português: Investigação e Ensino. Número Temático*.
- Santos, A.A.A. (1991). Desempenho em leitura: um estudo diagnóstico da compreensão e hábitos de leitura e universitários. *Estudos de Psicologia- PUC-Campinas*, V. (nº1), 6-19.
- Santos, M. P. S. (2016). *Competências Transversais na formação dos alunos de economia e gestão*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho). Recuperado em <http://hdl.handle.net/1822/42818>
- Schaefer, S. (1996). *A escrita e a superação do senso comum*. Bianchetti, L. (org.) *Trama e Texto: Leitura e crítica, escrita criativa*. São Paulo. Plexus.
- Silva, M., C.V. Gonçalves, C. (2011). *Diversidade linguística no sistema educativo Português: necessidades e práticas nos ensinos básico e secundário*. Lisboa, ACIDI, IP.
- Silva, S. F. B. (2012). *Iniciativa novas oportunidades=igualdade de oportunidades*. (Tese de Mestrado). Universidade Nova de Lisboa. Recuperado em <http://hdl.handle.net/10362/9079>
- Sim-Sim I. (1997). *A língua materna na educação básica*, Lisboa: Ministério da Educação.
- Sim-Sim, I. (2002). *Desenvolver a Linguagem, aprender a língua*. In Adalberto Dias de Carvalho (org), *Novas Metodologias em Educação*, Col. Educação, n 8, pp. 197-226. Porto Editora.
- Spinassé, K. P. (2006). *Os conceitos de língua materna, língua segunda e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil*. *Revista Contingentia*, 2006, (Vol.1).

Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Cabral, A., Fernandes, C., Huet, Monteiro, S.(2006). Análise psicológica. Estratégias de promoção do sucesso académico: uma intervenção em contexto curricular, V1, 61-72.

Tavares, José; et al. (1998). Insucesso no 1º ano do ensino superior: um estudo no âmbito dos cursos de Licenciatura em Ciências e engenharia na Universidade de Aveiro. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Tavares, J. (2000). Transição para o ensino superior. Braga: Universidade do Minho.

Tavares, J., Santiago, R., Lencastre, L. (2002). Insucesso no 1º ano do ensino superior um estudo no âmbito dos cursos de Licenciatura em Ciências e Engenharia na Universidade de Aveiro (2ª ed.). Aveiro: Universidade.

Tchikwamanga, J. (2015). Tendências sintáticas do português em Angola. (Dissertação de Mestrado, Luanda: Universidade Agostinho Neto).

Travaglia, L. C. (2009). Competência comunicativa. Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado em

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/competencia-comunicativa>

Vala, J. (1986). A Análise de conteúdo. InSilva, A.& Pinto,J. (orgs.). Metodologia das ciências sociais. Porto: Afrontamento.

Vieira, M. C.T. (1981): Levantamento das dificuldades de alunos do 1º ano da universidade na compreensão de materiais escritos. (Dissertação de Mestrado, PUC). São Paulo.

Williams, D. (2002). Using writing admission essays or a basicenglish course to predict success in sdult undergraduate students Tese de Doutorado.Walden University. Minneapolis, Minnesota, USA

Zau, F. (2002). Angola: trilhos para o desenvolvimento. Lisboa: Universidade Aberta.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**A Competência Linguística e o (in) Sucesso Académico nos cadetes do ISTM**

**INTRODUÇÃO:** Estas entrevistas enquadram-se num estudo da Universidade da Beira Interior, no âmbito da dissertação de mestrado em Supervisão Pedagógica. Pretende-se investigar o que os alunos do 1º ano do ISTM pensam sobre a importância da competência linguística no seu (in) sucesso académico. As entrevistas realizar-se-ão no mês de Março e as mesmas serão gravadas. Este procedimento é necessário para a posterior transcrição e análise da informação recolhida. Garantindo-se sempre o anonimato e a confidencialidade das pessoas envolvidas.

Procure ser o mais sincero possível ao responder às questões, tendo em conta que não existem respostas certas ou erradas. Podendo colocar dúvidas sempre que não entender bem as questões. Obrigada, desde já, pela colaboração.

**OBJETIVO:** O principal objetivo do estudo é analisar, na perspetiva dos cadetes, a importância da competência linguística no seu (in) sucesso académico. A entrevista tem como objetivo obter informação, do ponto de vista dos cadetes, sobre a importância da competência linguística no (in) sucesso académico destes.

**FINALIZAÇÃO:** A próxima tarefa é transcrever a informação que foi transmitida para a poder analisar mais detalhadamente. Esta tarefa depende muito de ter percebido bem o que me disse. Por isso, queria fazer-lhe um pedido relacionado com a possibilidade de ler a transcrição da entrevista e ver se está de acordo com as opiniões que referiu. Pode corrigir todos os aspetos que achar necessário. Isso iria ajudar-me a ter maior certeza na recolha da informação desta entrevista.

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Bloco de Questões
I-Dados do entrevistado	Obter dados sobre o entrevistado.	- Idade - Sexo - Naturalidade
II-Identificação académica	Obter dados sobre o entrevistado.	1.Qual é a sua área de formação no ensino médio? 2. Que curso frequenta na instituição? 3. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso.
III-Competências linguísticas	Investigar sobre a importância das competências linguísticas no (in) sucesso académico.  Verificar a relação entre a língua materna/língua segunda e a competência linguística.	4. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística? 5. Qual é a sua opinião sobre a importância das competências linguísticas no sucesso académico do aluno?  6. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competências linguísticas?
IV- Língua Materna/ língua não materna	Verificar a relação entre a língua materna/língua não materna e a competência linguística	7.Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)? 8. Com que idade teve contacto com o português? 9. Como classificaria a língua portuguesa? Porquê? 10. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística

V-Participação no processo de ensino/aprendizagem em sala de aula	Investigar sobre a participação nas atividades letivas.	<p>11. Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?</p> <p>12. Caso não, a que se deve o facto de não participar?</p> <p>13. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê?</p>
VI-Apreciação das dificuldades linguísticas	Identificar dificuldades que causam inibição nas atividades letivas	<p>14. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?</p> <p>15. Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?</p> <p>16. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?</p> <p>17. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?</p> <p>18. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.</p> <p>19. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influência no seu rendimento académico?</p> <p>20. Que recomendações recebe para melhorar a sua competência linguística?</p> <p>21. Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.</p>
VII-Perceção sobre o desempenho	Identificar dificuldades ao nível da competência	<p>22. Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?</p> <p>23. O que tem feito para melhorar o seu desempenho</p>

linguístico	linguística.	<p>linguístico?</p> <p>24. Como avaliaria o seu grau de competência linguística?</p> <p>25. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?</p>
VIII- Transversalidade da língua portuguesa	Verificar a relação entre a competência linguística, o desempenho académico e a integração profissional.	<p>26. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?</p> <p>27. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?</p> <p>Gostaria de acrescentar algo ao que me disse? Ficou com alguma dúvida? Muito obrigada pela entrevista e pelo tempo concedido!</p>



**A Competência Linguística e o (in) Sucesso Académico nos cadetes do ISTM**

**Entrevistados: Pessoas com cargo de chefia e docentes**

Agradecimento pela colaboração. Garantia de confidencialidade dos dados e anonimato dos entrevistados.

Explicitar os objetivos do grupo focal.

Solicitar a autorização para a gravação áudio das entrevistas, explicando que este procedimento é necessário para a posterior transcrição e análise da informação recolhida.

O principal objetivo do estudo é analisar, na perspetiva dos entrevistados, a importância da competência linguística dos alunos no seu (in) sucesso académico.

As entrevistas servirão para apreender o ponto de vista de pessoas com responsabilidades no processo de ensino, da instituição em estudo.

Item	Objetivos	Bloco de Questões
I. Identificação pessoal e profissional	Obter dados sobre os entrevistados.	<p>Área de formação.</p> <p>Cargo que ocupa na instituição.</p> <p>Tempo que ocupa o cargo.</p>
II. Recrutamento dos cadetes	Obter informações sobre o recrutamento dos cadetes.	<p>1. Começaria por vos solicitar que falassem sobre o processo dos cadetes que ingressam no ISTM.</p> <p>2. Quais os critérios estabelecidos para o recrutamento?</p>
III. Competência linguística/ (In)sucesso académico	Obter informações dos entrevistados sobre a competência académica dos alunos no seu (in) sucesso académico.	<p>3. Passaremos agora a abordar questões relacionadas com a competência linguística dos cadetes. Gostaria que começassem por falar sobre o que entendem por competência linguística?</p> <p>4. Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias, com formações de base distintas. Como avaliam o grau de competência linguística desses alunos?</p> <p>5. Para alguns cadetes, o português é a língua materna, para outros, o primeiro contacto com a língua terá sido na escola. Gostaria que falassem agora sobre a relação deste facto com o sucesso académico.</p> <p>6. Até que ponto consideram que a competência linguística do indivíduo pode influenciar na sua integração socioprofissional?</p> <p>7. Até que ponto entendem que existe um problema em termos de competência linguística ao nível dos alunos que ingressam na instituição?</p>

<p>IV. Apreciação da estratégia institucional para promover a competência linguística</p>	<p>Obter informações dos entrevistados sobre a estratégia institucional visando a promoção da competência linguística</p>	<p><b>8.</b> Considerando o que disseram anteriormente, gostaria agora que se pronunciassem sobre a adequação da carga horária semanal atribuída à disciplina de LP no 1º ano.</p> <p><b>9.</b> De entre as estratégias que a instituição tem implementado visando colmatar as dificuldades dos alunos com deficiência a Língua Portuguesa, quais lhes parecem mais relevantes?</p> <p><b>10.</b> Que outras estratégias acham que poderiam ser adotadas?</p> <p><b>11.</b> Gostariam de acrescentar algo ao que me disseram? Ficaram com alguma dúvida? Muito obrigada pela vossa participação e pelo tempo concedido!</p>
---	---	---



## UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

## FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

**Ao Exmo. Senhor Director  
do Instituto Superior Técnico Militar**

Cc:

Director Adjunto  
2016

Luanda, 19 de Fevereiro de

Isabel Cardoso Henriques, docente desta instituição de ensino, enquanto aluna de Mestrado em Supervisão Pedagógica, pela Universidade da Beira Interior, a desenvolver uma investigação relacionada à “*Competência Linguística e o (in) Sucesso Académico nos cadetes do ISTM*”, sob orientação da Professora Doutora Maria Luísa Branco; venho, por este meio, solicitar a V. Excelência a autorização para a implementação do supracitado estudo no Instituto Superior Técnico Militar.

O principal objectivo desta investigação é analisar a importância da competência linguística dos cadetes do 1º Ano do ISTM, relacionada ao (in)sucesso académico destes. Pretende-se, deste modo, obter, na perspectiva dos envolvidos no processo de aprendizagem, subsídios relevantes sobre a importância da competência linguística no (in)sucesso académico. As questões a colocar relacionam-se directamente e apenas com os problemas estabelecidos na investigação e com os objectivos associados a este tema de estudo. A formulação das questões foi efectuada de forma clara e objectiva, prestando-se particular atenção à não inclusão de perguntas com duplo sentido ou com algum tipo de ambiguidade. Em termos da condução da entrevista, elaboraram-se questões que não facilitem a sugestão das respostas por parte do entrevistador nem a indução de desejabilidade social nos entrevistados. Paralelamente, procurou-se utilizar uma linguagem simples e de acordo com o quadro de referência dos participantes.

Desta forma, vem solicitar a autorização de V. Excelência para a realização de entrevistas a oito cadetes do 1º Ano desta instituição de ensino, que serão gravadas e, posteriormente, transcritas. As entrevistas realizar-se-ão no mês de Março; garantindo-se sempre o anonimato e a confidencialidade das pessoas envolvidas. Temos a realçar a importância da gravação devido à necessidade de transcrição e análise posterior da informação obtida.

Agradece antecipadamente a cooperação de V. Excelência e dos respetivos intervenientes, pois sem elas não se reúnem as melhores condições para a realização deste projecto de investigação, que, com boas perspectivas, pensamos que poderá contribuir para a melhoria de práticas de ensino/aprendizagem.

Isabel Cardoso Henriques



Ao Exmo. Senhor Director  
do Instituto Superior Técnico Militar

Cc: Director Adjunto  
de 2017

Luanda, 28 de Abril

Isabel Cardoso Henriques, docente desta instituição de ensino, enquanto aluna de Mestrado em Supervisão Pedagógica, pela Universidade da Beira Interior, a desenvolver uma investigação relacionada à “ *Competência Linguística e o (in) Sucesso Académico nos cadetes do ISTM*”, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Luísa Branco. Vem, por este meio, solicitar a autorização e disponibilidade de V. Excia. para a realização de entrevistas no âmbito da investigação que está a realizar.

O principal objectivo desta investigação é analisar a importância da competência linguística dos cadetes do ISTM, relacionada ao (in) sucesso académico destes. Pretende-se compreender, por um lado, a perspectiva dos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem relativamente à importância da competência linguística no (in) sucesso académico dos cadetes e, por outro, obter dados de informantes bem posicionados, que nos possam dar subsídios fidedignos e relevantes sobre a importância da competência linguística no (in) sucesso académico. As questões a colocar relacionam-se directamente e apenas aos problemas estabelecidos na investigação e com os objectivos associados a este tema de estudo. A formulação das questões foi efectuada de forma clara e objectiva, prestando-se particular atenção à não inclusão de perguntas com duplo sentido ou com algum tipo de ambiguidade.

A entrevista realizar-se-á durante o mês de Maio e esperamos, com efeito, poder contar com a prestimosa colaboração de V. Excias Senhor #####; do Senhor#####; e dos professores #####e #####.

É importante referir que as entrevistas serão gravadas, sendo depois transcritas. Este procedimento surge devido a necessidade de analisar, posteriormente, a informação obtida. De modo que, garantir-se-á o anonimato e a confidencialidade das pessoas envolvidas. Estando disponível para o esclarecimento de qualquer dúvida ou para qualquer informação.

Com os melhores cumprimentos.

A Signatária  
Isabel Cardoso Henriques

Perfil do Entrevistado						
Entrevista	Ocupação	Sexo	Idade	Naturalidade	Formação ensino médio	Curso que Frequenta
S1	Estudante	Feminino	23	Cabo-Verde	Ciências e Novas Tecnologias.	Medicina
S2	Estudante	Masculino	20	Angola	Ciências Físico-Biológicas	Medicina
S3	Estudante	Feminino	22	Angola	Informática	Engenharia Informática.
S4	Estudante	Masculino	22	Angola	Ciências Económicas-Jurídicas	Engenharia Mecânica
S5	Estudante	Masculino	21	Angola	Frio e Climatização	Engenharia Eletrotécnica
S6	Estudante	Masculino	19	São-Tomé	Ciências e Novas Tecnologias	Engenharia de Construções e Fortificações
S7	Estudante	Masculino	24	Moçambique	Ciências Físico-Biológicas	Engenharia Informática
S8	Estudante	Feminino	22	Angola	Ciências Físico-Biológicas	Engenharia Mecânica

**1. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso.**

R: Essa área de Ciências e Novas Tecnologias engloba as disciplinas de Física, Biologia e Matemática que são, praticamente, as disciplinas nucleares...No meu país é diferente daqui, aqui no médio fazem Enfermagem, Análises Clínicas; etc...No meu país, no 3º ciclo, só se escolhem três áreas; Económico-social, Humanísticas e Ciências e Novas Tecnologias. Económico-social vai permitir estudar nas áreas de economia, Humanísticas o estudo das línguas e Ciências e Novas Tecnologias tanto dá para Medicina ou Engenharia. A escolha de Medicina foi desde criança...Desde muito cedo tive sempre a curiosidade dessa coisa de ajuda mútua...foram os motivos que me levaram a seguir este curso e também por influência dos meus pais.

**2. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística?**

R: Competência linguística eu digo que seja a capacidade ou habilidade em dominar os conteúdos linguísticos; tanto a gramática, a concordância frásica, o funcionamento da língua...Está basicamente relacionada à gramática, pois vamos encontrar vários subtemas. Então, posso dizer que a competência linguística é a capacidade que nós temos em desenvolver as nossas habilidades ao nível da língua portuguesa.

**3. Qual é a sua opinião sobre a importância da competência linguística no sucesso académico do aluno?**

R: A importância é grande ....A competência linguística é o centro de tudo, não se pode ser um bom médico, um bom engenheiro sem dominar a língua; não se pode também ter sucesso nas outras disciplinas sem primeiro dominar a língua portuguesa...

**4. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competência linguística?**

R: As vantagens são múltiplas. Em primeiro lugar, posso dizer que a competência linguística é a base de tudo, não se pode ser um bom médico, um bom engenheiro sem dominar a língua portuguesa; não se pode também estudar outras disciplinas, sem primeiro dominar a língua portuguesa...Então penso que a maior vantagem é isso! Primeiro dominar mesmo a gramática, só depois se fazer um médico ou um engenheiro...

**5. Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)?**

R:A minha língua materna foi o crioulo.

**6. Com que idade teve contacto com o português?**

R: Apenas na escola. Quer dizer...penso que na escola começamos a organizar..., mesmo no jardim de infância, na creche começam já o primeiro contacto...começam a preparar a criança para quando chegar a fase escolar não ter muitas complicações.

**7. Como classifica a língua portuguesa? Porquê?**

R: Como é uma língua falada em vários continentes e no espaço dos PALOP, digo que é uma boa língua...Não é fácil... temos de ter muita concentração, temos de ter o gosto em aprender em primeiro lugar e, como se fala, temos de ser bem sérios, porque é uma língua que não é fácil de aprender... temos de levar tudo na desportiva e ao mesmo tempo com uma certa seriedade, só assim é que se aprende com facilidade. Considero uma das melhores línguas!

**8. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística?**

R: Posso dizer que, por um lado, me influenciou e, por outro, não me influenciou. O crioulo é a junção do português com as línguas nativas...por isso temos de lembrar a nossa história, a tentativa das populações falarem o português...então daí nasce o crioulo; que seria um português, posso assim dizer, “bruto”. Na nossa língua há certas palavras que se assemelham mesmo ao português. O português não se tornou muito difícil; a parte da escrita, creio eu, que seja a parte mais difícil ...porque a oral já...em qualquer sitio, a oral é diferente da escrita, é mais fácil. Na escrita há uma certa formalidade e na oral podemos usar uma certa formalidade, mas também a informalidade..Então, para mim, influenciou tanto num lado positivo, como de forma negativa. Falo do lado negativo por causa dos verbos, da concordância frásica, dos géneros...que na minha língua quase não se faz sentir; há certas palavras que usamos tanto para o feminino como para o masculino. Mas não me lembro de sentir muitas dificuldades a língua portuguesa...não sei... não sei se pelo método de estudo que foi implementado no meu país..mas também quando se estuda uma disciplina ou assunto, a pessoa não percebe que realmente aprendeu no momento...só depois, passado algum tempo, quando há necessidade de implementar tudo aquilo que “ouveu”, é que vai saber se aprendeu ou não... Eu digo que aprendi e muito!

**9. Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?**

R: Eu sinto-me à vontade para interagir na aula. Às vezes chego a pensar, será que é um dom, particularmente nos que têm a ver com cultura geral..

**10. Caso não, a que se deve o facto de não participar?**

**11. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê?**

R: Não sinto inibição, não sinto... estou sempre ali; pronta, disposta!

**12. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?**

R: Não digo que perceba sempre! Às vezes, há algumas palavras ou construção frásica que possa não perceber, poderei não decifrar aquilo que o professor pretende; mas não vejo isso como uma dificuldade...Penso que não tenho muitas dificuldades.

**13. Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?**

R: A redação de textos é sempre mais complicada, porque há sempre o cuidado com a gramática; particularmente com a conjugação verbal, a concordância frásica, a pontuação...então temos de ter mais cuidado ao escrever algo; em todos os momentos...depois, com as redes sociais praticamente escrevemos à toa! Há a tendência de misturar crioulo e português. Então, às vezes, na escrita eu paro para pensar antes de escrever, chego a gastar muitas folhas antes de escrever algo para entregar ao professor.

**14. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?**

R: (Posso começar com um sorriso?!) Não gosto muito de leitura...Não é que não leia..não gosto! Do tipo comprar um livro e estar a ler?! Isso nunca aconteceu! Já me ofereceram livros, comecei a ler, mas depois deixei..Penso que é mesmo uma certa preguiça que acaba por dificultar as coisas. Mas quando estudo, levo tudo muito a sério! Mas ler algum livro nas horas vagas, isso não faço...As maiores dificuldades que encontro têm a ver com o significado de algumas palavras. Às vezes, tenho de recorrer ao dicionário para poder entender, temos de recorrer ao dicionário para nos podermos apoiar.

**15. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?**

R:Recorro ao dicionário, à Internet e, se não tiver um dicionário por perto, posso recorrer aos meus colegas.

**16. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.**

R: Na oral há, às vezes, a tendência de usar a gíria, encurtar as palavras; como aqui fazem...Por vezes, sem querer, dizemos alguma coisa, que já não controlamos. Acho que a melhor avaliação será na escrita, porque na escrita a pessoa vai ter mais cuidado; temos de pensar antes de escrever qualquer coisa. Antes de escrever, temos de parar e refletir acerca daquilo que vamos escrever...então, a escrita é muito difícil, é muito difícil... mas não é nada que com uma boa leitura e com domínio da gramática não se resolve a situação.

**17. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influenciado no seu rendimento académico?**

R: Eu creio que se começasse a ler mais, essas dificuldades seriam ultrapassadas. Só preciso de me empenhar mais ao nível da leitura, ao nível dos estudos em geral. Penso que estudar não é só nos concentrarmos num objetivo, mas pegar um pouco de tudo, para termos um conhecimento amplo. Por vezes, quando escrevo, tenho algumas dúvidas ao nível da nova

escrita do Acordo Ortográfico...fico a pensar, será que é assim... Paro a pensar e depois da aula vou ter com os meus colegas para discutirmos acerca do assunto.

**18. Que recomendações recebe, dos docentes, para melhorar a sua competência linguística?**

R: Para aprofundar o estudo da gramática.

**19. Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.**

R: Como sou cabo-verdiana e apenas tive o primeiro contacto com o português na escola, esse foi o primeiro problema cá para me relacionar com as pessoas; mesmo falando o português...no início foi bem difícil... praticamente nas primeiras duas semanas fiquei muda aqui...ficava a observar, a ouvir, tentando “meter em prática”, mas só na minha mente...só depois disso comecei a conversar com as pessoas...Desde o início, o problema que falam na turma é o sotaque...que, por vezes, poderá tornar tudo difícil...nunca pensei nisso, nunca tinha pensado nisso antes só depois de ter chegado cá...os colegas, as vezes, riem-se por causa do meu sotaque. Mas eu creio que o sotaque não seja um problema, se dominas bem a gramática, o funcionamento da língua...o sotaque vai se tornar um nada. Em todo o mundo vamos encontrar diferenças no sotaque...agora já não ligo, já ultrapassei isso!

**20. Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?**

R: Acho que em tudo! É sempre bom aperfeiçoarmo-nos cada vez mais, por mais que tenhamos noção da situação ou dominamos algo, é sempre bom aperfeiçoarmo-nos mais...

**21. O que tem feito para melhorar o seu desempenho linguístico?**

R: Acho que o melhor mesmo é mudar a minha situação em relação à leitura, estou a esforçar-me e muito e vejo que estou a ter resultados... estou a ler mais do que antes...se antes lia 10 páginas, agora consigo ler 25 ou mais...

**22. Como avaliaria o seu grau de competência linguística?**

R: Acho que seria uma escala de bom.

**23. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?**

R: São mais ao nível da oralidade, mas também tenho alguns problemas na escrita. Sim, paro sempre para pensar quando escrevo... para organizar a frase, o texto...

**24. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?**

R: Creio que a língua portuguesa seja a base de tudo, de todas as outras disciplinas; pois estão todas interligadas. Se a pessoa domina a língua portuguesa, nunca e em momento algum irá ter aquela interferência ao nível da comunicação; a comunicação irá ser facilitada. Eu penso que os maiores problemas estão mesmo na comunicação; na forma como é transmitida e como é recebida a informação; tanto do professor como do aluno. Os professores das outras disciplinas deveriam ter uma maior preocupação na transmissão dos

conteúdos. Há que ter o domínio da língua portuguesa para que a informação transmitida passe....então, essas áreas estão todas interligadas.

**25. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?**

R: Há uma palavra que usam muito, culto ou culta. Penso que a pessoa culta é aquela que tem o domínio de várias áreas. Então, hoje, nas sociedades há muito aquela coisa da discriminação; normalmente, quem tem mais ou quem sabe mais é aquela que fica no topo e, quem sabe menos, normalmente, fica na base....é uma sociedade egoísta. Penso que, hoje em dia, tudo o que fazemos ou pensamos em fazer é apenas para superar os outros... há muita competição. Então, a tendência é fazermos isso para ser melhor que o fulano, só assim será aceite na sociedade...então, uma pessoa que domina a língua portuguesa será bem vista na sociedade. As pessoas que a vêem e ouvem quererão estar perto dela, porque tem muito a dar e conhecer...

**ENTREVISTA S2**

**1. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso.**

R: Primeiramente, o que me levou a fazer o curso de Medicina é já um sonho de criança...cresci num meio com muitas pessoas que são médicos de profissão...e eu via sempre eles a falarem de um jeito da sua profissão... Que é uma atividade boa, que permite o contacto direto com as pessoas... e ainda tens a oportunidade dar e receber um sorriso das pessoas, de salvar vidas...Então, vi que é um curso que nos permite salvar a vida das pessoas, fui questionando algumas pessoas e disseram-me que é um curso aliciante e decidi fazer este curso. Vim para cá...como no ensino médio fiz Ciências Físico-Biológicas, comecei a ganhar o gosto pela Medicina. O meu objetivo é sempre superar o que ainda não foi alcançado. No nosso país, apesar de já terem formado muitos médicos, ainda há carência...então achei que é altura de dar o meu contributo à Medicina, porque ainda há pessoas que morrem por falta de assistência médica, há regiões com falta de médicos, não há um atendimento eficaz; essas são as minhas maiores motivações. Hei de me dedicar de corpo e alma à Medicina, ser um bom profissional, colocar o trabalho em primeiro lugar fora de qualquer preocupação. Então, é isso que me motiva e que me levou até agora como o foco na minha carreira. Espero que possa aplicar em prática tudo o que aprendi; da melhor forma possível e poder colaborar em tudo o que for necessário. Gostaria de aprofundar os meus conhecimentos e especializar-me em Neurocirurgia, esse é o meu ponto alto!

**2. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística?**

R: Penso que a linguística é a área da ciência que estuda uma determinada língua. Nós sabemos que a língua é o meio pelo qual o ser humano utiliza para se comunicar, para transmitir os seus sentimentos...então a competência linguística é a capacidade que o

individuo vai ter de se comunicar, de acordo aos parâmetros que a mesma língua obriga. Quando alguém tem um déficit linguístico, pode constituir um problema, mas se não temos muitas dificuldades de base, temos um conhecimento amplo; conseguimos ler, interpretar e desenvolver certos temas. A nossa competência linguística será mais elevada.

**3. Qual é a sua opinião sobre a importância da competência linguística no sucesso académico do aluno?**

R: É importante, porque o aluno se apresenta de uma forma diferente perante a sociedade; pois um aluno que não sabe se expressar, tem dificuldades na escrita e no desenvolvimento de temas, usa termos inadequados...fica muito complicado. Alguém que sabe se expressar, desenvolver temas; é visto de forma diferente na sociedade...

**4. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competência linguística?**

R: As vantagens serão no modo de se expressar, de desenvolver temas e também será um bom transmissor de informação. Isto faz com que o recetor não tenha dificuldades em entender a informação. Muitas vezes, nós temos negativa no teste, não porque não saibamos a resposta, mas porque temos dificuldades em interpretar e transmitir a informação.

**5. Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)?**

R: Foi a língua portuguesa.

**7. Como classifica a língua portuguesa? Porquê?**

R: É uma das línguas mais difíceis de aprender. Tive contacto com o inglês e fiz uma correlação entre as duas línguas. O que torna a língua portuguesa difícil, por vezes, é a gramática, mas noutros aspetos ela não apresenta muitas dificuldades para quem queira aprender.

**8. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística?**

R: Claro que sim, influenciou e muito. Posso dizer que tenho feito o aperfeiçoamento da minha língua, no que se refere à escrita e à gramática. Eu já falo a língua, vou apenas aprofundando os conhecimentos da gramática e os novos contextos que a língua apresenta. Mas quando alguém não teve o português como língua materna; primeiro vai ter de aprender a falar, aprender os sons, aprender a escrever...

**9. Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?**

R: Posso dizer que é disciplina em que mais participo, porque tenho tido professores “abertos”; que permitem que o aluno tenha liberdade de expressão. Eu sempre gostei de participar nas aulas de forma voluntária. Quando há oportunidade de dar o meu contributo

sobre determinado tema, quando há uma inquietação, exponho. De modo que não saia da turma com dúvidas!

**10. Caso não, a que se deve o facto de não participar?**

**11. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê?**

R: Respondo normalmente, porque o meu forte é falar...eu gosto de dialogar e quanto mais pessoas estiverem, melhor para mim. Sinto que quando há mais pessoas, a motivação é outra. Então, sinto-me melhor. Sentir-me inibido?! Raramente acontece comigo!

**12. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?**

R: Acredito que nas duas primeiras horas do dia assimilo melhor a matéria, pois a mente ainda está fresca, não há stress...mas a meio do dia é o ponto em que há pouca assimilação. Mas tenho uma tática que utilizo frequentemente! Concentro-me no objetivo da aula, o que o professor quer transmitir com essa aula. Então, vejo que objetivos o professor quer transmitir e por mais que não entenda os conteúdos todos na aula; mais tarde, quando tiver mais energia, releio a matéria de modo que possa entender na totalidade. Também nunca deixo a matéria de hoje para estudar amanhã; porque acredito que quando ouvimos algo a mente grava durante um determinado tempo, mas se deixarmos para amanhã, os conteúdos armazenados já não serão os mesmos no dia seguinte. Prefiro dar uma matéria hoje, reler e, se não entender, procuro um colega e, posteriormente, procuro o professor para explicar.

**13. Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?**

R: O professor chamava atenção para deixar o espaço das margens... é uma dificuldade que tenho. Também na concordância e na pontuação. Acredito que tenho défice nesses aspetos e na redação de palavras novas.

**14. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?**

R: Para os livros de Medicina, raramente leio sem estar acompanhado de um dicionário médico. As maiores dificuldades prendem-se à interpretação; pois há terminologia, há conceitos que necessitamos de uma explicação por serem novos. Há a necessidade de alguém dar uma explicação. Acredito que não tenho muitas dificuldades, pois o meu professor de Biologia aconselhou-nos a procurar sempre o que o livro nos oferece; a definição, os objetivos, a função, a classificação e por aí...dos conceitos mais simples para os mais complexos. Estas estratégias utilizo em todas as disciplinas!

**15. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?**

R: Utilizo o dicionário. Também procuro sempre o que o livro oferece; a definição, os objetivos, a função, a classificação e por aí...dos conceitos mais simples para os mais complexos. Estas estratégias utilizo em todas as disciplinas!

**16. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.**

R: As dificuldades na escrita sempre serão maiores que na oralidade, porque as palavras estão sempre a evoluir...escrever uma palavra nova é mais difícil que pronunciar-la...a escrita para mim é um pouco mais complicado.

**17. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influenciado no seu rendimento académico?**

R: Estas dificuldades não são muito relevantes. Se fizer uma análise percentual, numa escala de 0 a 100%, posso dizer que 70%, os 30% é o que preciso de melhorar.

**18. Que recomendações recebe, dos docentes, para melhorar a sua competência linguística?**

R: Aconselham que quando damos erros, devemos procurar a não voltar a dar os mesmos erros, devo me interessar em corrigir e não persistir no mesmo erro. Também têm aconselhado a leitura e a prática da escrita.

**19. Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.**

R: Honestamente falando, posso referir que algo que me deixou abalado, no Ano de Preparação Militar Geral, foi não ter dispensado à Língua Portuguesa...acho que tinha de dar mais...fiquei um pouco limitado com as notas obtidas!

**20. Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?**

R: Penso em enriquecer e aperfeiçoar o meu vocabulário. Acredito que, no nível em que me encontro, há termos que já não deveria usar!

**21. O que tem feito para melhorar o seu desempenho linguístico?**

R: Tenho utilizado a técnica de aprender cinco palavras novas a cada dia. Segundo, procurar não cometer erros na escrita; investigando e escrevendo mais...

**22. Como avaliaria o seu grau de competência linguística?**

R: Numa escala de 0 a 100%, acho que 60%, porque ainda não tenho o domínio de tudo na língua portuguesa...

**23. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?**

R: Vou frisar sempre que é na expressão escrita...devido à evolução da língua.

**24. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?**

R: Tem uma grande relevância, porque a pessoa que tem dificuldades em se expressar e em escrever, não vai conseguir transmitir a informação, nem vai entender a informação que lhe é transmitida; ou seja, terá uma fraca capacidade de entendimento, fraca capacidade de interpretação e compreensão...

**25. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?**

R: Penso que será um indivíduo muito respeitado, porque a forma de estar e de proceder com os demais profissionais será de um jeito idóneo... a pessoa que se expressa bem e escreve bem, tem um comportamento diferente dos demais; isso vai levar com que seja respeitado. Também fará com que seja um bom comunicador, um bom analista!

Tenho algo a acrescentar, sim. Relativamente aos nossos materiais didáticos como dicionários, prontuários, gramáticas que, muitas vezes, são feitos em Portugal e Brasil, e usam uma terminologia diferente da nossa. Isso causa uma certa confusão, contribuindo para a prática de muitos erros.

### **ENTREVISTA S3**

**1. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso.**

R: No princípio, quando fiz o ensino básico, tinha o sonho de ser professora, sempre gostei dessa profissão. Ao fazer o ensino básico, estava mais inclinada para as disciplinas de Matemática, Física e Química. Então, pensei em fazer, no médio, Matemática e Física; realizei testes, mas não consegui... Inscrevi-me em três instituições, fui admitida em duas; Informática e Frio e Climatização. Resolvi fazer o Curso Médio de Informática. Inicialmente, não tinha muita paixão pelo curso, mas comecei a gostar e a ver que era um bom curso e a descobrir muita coisa, e essa "interface" usuário- máquina é algo...

**2. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística?**

R: Penso que esse termo vai denominar a capacidade que o usuário da língua tem de produzir e entender uma sequência linguística. Então, para nós estudantes, é importante que tenhamos esta capacidade, porque precisamos de expandir o nosso conhecimento... para tal temos de ter a capacidade de entender e nos fazermos entender...

**3. Qual é a sua opinião sobre a importância da competência linguística no sucesso académico do aluno?**

R: É importante para comunicarmos melhor, para interagirmos com os demais.

**4. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competência linguística?**

R: São muitas... uma delas é que nós próprios vamos saber comunicar, apresentar um tema... se não tiveres competência linguística, tu não vais conseguir... não vais conseguir captar a atenção das pessoas que lá estiverem...

**5. Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)?**

R: Foi o português... mas com o andar do tempo, fui ouvindo a minha avó e a minha mãe em conversas, em umbundo, e fui aprendendo...alimentando o gosto em saber falar, depois comecei a falar. Hoje consigo ter uma conversa...

**6. Com que idade teve contacto com o português?**

**7. Como classifica a língua portuguesa? Porquê?**

R: É boa para alguém que já vem com esta língua desde o berço. Para aqueles que não a tiveram como língua materna, vai ser um pouquinho difícil, mas se tiver vontade de aprender...

**8. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística?**

R: Porque a maior parte das pessoas com quem convivo e as pessoas que me transmitem conhecimento falam português, com exceção dos docentes cubanos...

**9. Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?**

R: Sim, participo de forma voluntária. Tenho dito que aprendo melhor no quadro do que na carteira; já que o professor não adivinha as dúvidas que cada um tem, mas se expusermos as nossas dificuldades, as nossas dúvidas...

**10. Caso não, a que se deve o facto de não participar?**

**11. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê?**

R: Respondo, se souber a questão, respondo! Independentemente de ter outros colegas, se tiver a oportunidade de levantar a minha mão e o professor decidir que vou ser eu a responder!

**12. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?**

R: Procuo perceber a matéria, o que não entender na sala de aula, releio no quarto e, na aula seguinte, peço ajuda dos meus colegas. Posteriormente, peço esclarecimento ao professor.

**13. Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?**

R: Muitas vezes, a dificuldade é encontrar o sentido...por exemplo, quando quero abrir um parágrafo...como fazer a ligação entre as partes, dar um verdadeiro sentido ao texto.

**14. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?**

R: Quando encontro palavras novas, se estiver a ler sem o dicionário... Tive de ultrapassar isso, passando a usar o dicionário.

**15. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?**

R: Uso o dicionário, consulto os meus colegas, docentes ou pessoas próximas...

**16. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.**

R: Para a oralidade, encontro dificuldades quando tenho de apresentar um tema e não me preparo previamente... perco-me e depois questiono-me; será que falei bem, será que falei mal...as palavras fogem...Na expressão escrita as ideias aparecem mais facilmente, pois não há tanta pressão...você vai escrever aquilo que lhe vai na mente...vou procurar dar sentido àquilo que estou a escrever.

**17. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influenciado no seu rendimento académico?**

R: Até ao ano passado, no primeiro semestre, estava num “lengalenga”, mas depois começamos a falar de conetores e articuladores discursivos nas aulas ; procuramos criar os nossos textos com variados temas, a expressar aquilo que pensamos...penso que evoluí muito...

**18. Que recomendações recebe, dos docentes, para melhorar a sua competência linguística?**

R: Uma das é ler bastante, porque quando lemos conseguimos captar algumas palavras e te dá a habilidade de escrever melhor...quanto à expressão oral, treinar em frente ao espelho, entre os colegas, fazer gravações...para termos a noção de como falamos diante de uma plateia.

**19. Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.**

**20. Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?**

R: Na expressão oral...na expressão oral preciso mesmo muito..Tenho de cultivar mais em mim o hábito de leitura, para que possa ter as palavras certas, dizê-las no momento certo, com as pessoas certas!

**21. O que tem feito para melhorar o seu desempenho linguístico?**

R: Às vezes leio...mas aqui na instituição é tudo muito corrido...posso tirar 20 ou 30 minutos para a leitura, mas não serão suficientes. Então, as vezes, tenho dificuldades para perceber, mas tento tirar 10 a 15 minutos para fazer uma leitura, nem que seja um parágrafo.

**22. Como avaliaria o seu grau de competência linguística?**

R: É complicado...diria uns 40%, preciso de melhorar muito!

**23. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?**

R: As maiores dificuldades são no domínio da escrita!

**24. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?**

R: Se não souberes te expressares, não souberes ouvir; dificilmente vais perceber quem vem te ensinar, não vais perceber a matéria... Temos de saber ouvir, temos de saber “armazenar” e entender aquilo que o professor diz; para que possamos entender a matéria de uma ou de outra disciplina.

**25. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?**

R: Saber falar, saber ouvir, saber estar... eu acho que são princípios que todos devemos ter... Então, é muito importante que tenhamos competência linguística, para que saibamos nos integrar na sociedade. Se eu não tiver competência linguística, não me poderei impor... ninguém me vai escutar. Então, é muito importante ter esta habilidade.

Sim, gostaria de saber se não seria possível implementar aqui na nossa instituição o estudo das nossas línguas nacionais?

#### **ENTREVISTA S4**

**1. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso.**

R: A motivação foi desde sempre gostei de ser militar, então quando vim cá a Luanda percebi que havia inscrições no Instituto e aproveitei para fazer a inscrição, fui admitido, fiz os testes e consegui ingressar. O curso de Engenharia Mecânica.... sempre quis fazer o curso de Pilotagem, então tive essa oportunidade, pesquisei, tive contacto com os departamentos e eles foram-me explicando sobre as especialidades que o curso tem ... temos armamento, técnica de blindado dos automóveis e aeronáutica. Então, preferi o curso de Engenharia Mecânica para, mais tarde, realizar o meu sonho de fazer pilotagem. As expectativas são muitas... destacando-se pilotar um avião militar, em missão das Forças Armadas Angolanas.

**2. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística?**

R: Ter competência linguística é ter o domínio da língua portuguesa, tanto a nível académico como a outros níveis...

**3. Qual é a sua opinião sobre a importância da competência linguística no sucesso académico do aluno?**

R: Bem, a importância é de carácter obrigatório; por exemplo, na preparação do nosso trabalho de fim de curso.... temos de ter o domínio da língua portuguesa para não cometermos erros do ponto de vista linguístico. Se não tivermos o domínio da língua portuguesa, não teremos um bom trabalho.

**4. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competência linguística?**

R: As vantagens são em saber expressarmo-nos corretamente, saber redigir, saber interagir...

**5. Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)?**

R: A minha língua materna foi o luvale.

**6. Com que idade teve contacto com o português?**

R: Tive o primeiro contacto com o português aos três anos de idade.

**7. Como classifica a língua portuguesa? Porquê?**

R: Classifico como uma boa língua... hoje, na maior parte das províncias, fala-se português. É difícil encontrar alguém para falar a língua nacional. Então, é mais fácil falar o português para comunicar. Em termos de aprendizagem foi proveitoso, porque até aos três anos falava luvale, depois comecei a aprender o português... se não falasse a língua portuguesa hoje seria muito difícil comunicar-me com os meus colegas.... Depois dos três anos, comecei a aprender o tchokwe, muito por influência dos amigos; fomos conversando, trocando ideias... hoje falo as duas línguas nacionais; o luvale e o tchokwe.

**8. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística?**

R: Influenciou positivamente, pois, uma vez que somos africanos; aprendi primeiro uma língua nacional e só depois o português. Posso dizer que primeiro penso em luvale... se alguém me fizer uma pergunta em português, tenho de saber como traduzir para luvale, ter conhecimentos... isso tem me ajudado no seio familiar, por exemplo, quando alguém pergunta algo à minha avó, em português, eu tenho de traduzir para luvale, porque ela entende melhor!

**9. Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?**

R: Eu faço as coisas de forma voluntária... porque estamos aqui para aprender e não podemos esperar que o professor vai indicar fulano para ir ao quadro... quem está capacitado no momento vai ao quadro .... Isso tem muito a ver com a dinâmica do nosso grupo de estudo. Quem entendeu melhor a matéria é indicado para ir ao quadro, quem não entendeu resolve num rascunho e chama o professor para verificar se está correto.

**11. Caso não, a que se deve o facto de não participar?**

**13. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê?**

R: Primeiro organizo as minhas ideias e só depois respondo... primeiro tenho de me concentrar, formular a resposta e dizer ao professor que estou pronto a responder... não me sinto nervoso.

**12. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?**

R: Procuo entender e o que não entender é resolvido entre o grupo de estudo... Quem entendeu melhor a matéria explica aos outros...

**13. Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?**

R: As maiores dificuldades têm sido enquadrar uma terminologia adequada, pois nós usamos, muitas vezes, uma linguagem abreviada, termos inadequados na expressão escrita...

**14. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?**

R: As dificuldades são várias ... têm mais a ver com o significado das palavras.... Uma vez que sou obrigado a recorrer ao dicionário.

**15. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?**

R: Primeiro recorro ao dicionário, ou talvez pergunte a algum colega presente.

**16. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.**

R: Na expressão oral as dificuldades têm a ver com o meu sotaque... os meus colegas ficam a rir do meu sotaque....

**17. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influenciado no seu rendimento académico?**

R: Não têm influenciado! De modo algum!

**18. Que recomendações recebe, dos docentes, para melhorar a sua competência linguística?**

R: As recomendações de organizar melhor as ideias de um texto, estruturar o texto, saber distinguir a informação essencial da acessória...

**19. Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.**

R: Sim, na disciplina de língua portuguesa. O ano passado obtive 9,5 e não dispensei,... o facto de estar tão próximo e não dispensar! Mas cometi algumas falhas e tive de ir a recurso! Fui a recurso, consegui ultrapassar as dificuldades e transitei. Senti-me orgulhoso!

**20. Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?**

R: Penso que preciso de melhorar a minha linguagem... adequar os termos que uso ao meu nível académico.

**21. O que tem feito para melhorar o seu desempenho linguístico?**

R: Leio alguns livros, jornais.

**22. Como avaliaria o seu grau de competência linguística?**

R: Numa escala de 0 a 100%, dou entre 50 a 65%.

**23. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?**

R. As maiores dificuldades têm a ver com a linguagem usada, pois no contexto em que nos encontramos, usamos muito calão, muita linguagem abreviada.... Não usamos uma terminologia adequada ao nível em que nos encontramos....

**24. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?**

R: Bem, o desempenho da língua portuguesa está diretamente relacionada à compreensão e interpretação em outras disciplinas.

**25. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?**

R: A relevância é grande, pois se for a um sítio e as pessoas constatarem que não tenho domínio linguístico, vão se questionar onde esse fulano se formou!

Bem, gostaria de sugerir que se façam mais estudos do género, para haver uma maior interação entre os docentes e os cadetes.... Há muita curiosidade entre os meus colegas, querendo saber que temas foram abordados e gostariam de ser entrevistados...

#### **ENTREVISTA S5**

**1. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso.**

R: Bem, a princípio, como fiz o Curso Médio de Frio e Climatização; pensei em fazer mecânica, mas depois tive que avaliar que o país forma bons engenheiros mecânicos, mas tem pouco da parte prática.... Então optei por Eletrotécnica, porque vi que a Eletrotécnica está ligada à área de Eletricidade e ao mesmo tempo à Eletrónica. Atualmente Angola está a investir muito no setor energético e na eletrónica, então conclui que ao fazer eletrotécnica teria mais possibilidades... vi que o instituto tem duas especialidades; telecomunicações e radares e a especialidade de radares existe apenas no ISTM. Por isso optei pelo Curso de Eletrotécnica, na especialidade de radares. Espero dar o meu contributo no desenvolvimento do meu país, em particular nas FAA, propriamente na Força Aérea Angolana ou na Marinha ....

**2. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística?**

R: Bem, ter competência linguística é ter conhecimento, o domínio daquilo que é a língua portuguesa, saber expressar-se, saber escrever, conhecer o funcionamento da língua...

**3. Qual é a sua opinião sobre a importância da competência linguística no sucesso académico do aluno?**

R: A importância é vasta.... porque é a partir da competência linguística que o indivíduo está apto a poder decifrar a informação, saber corrigir, a interpretar.... por exemplo, nos cursos de engenharia temos muitos cálculos e para iniciar os cálculos tudo inicia com uma questão teórica.... Se não souberes interpretar os dados, não vais dar solucionar o exercício. Muitas vezes, alguns colegas têm dificuldades não é porque não sabem fazer o exercício, mas porque têm problemas na interpretação... Muitos de nós estamos habituados a resolver as questões

práticas , sem antes ler a parte teórica, queremos partir logo para a componente prática. Mas se não tivermos competência linguística não vamos saber interpretar... vamos ter dificuldades para perceber a matéria...

**4. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competência linguística?**

R: A vantagem é que uma pessoa que possui competência linguística tem sucesso tem sucesso no âmbito geral. Essa pessoa consegue interagir no meio em que está inserida.

**5.Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)?**

R: A língua materna foi o Kimbundu.

**6. Com que idade teve contacto com o português?**

R: Aos quatro anos.

**7.Como classifica a língua portuguesa? Porquê?**

R: Sim, para mim que tive a primeira língua o Kimbundu não foi fácil.... Lembro-me que, aos meus quatro anos, quando comecei a aprender a falar português, falava um pouquinho de português e ao mesmo tempo incluía o Kimbundu .... não foi fácil! Agora consigo ver o quanto é bom aprender a língua portuguesa; conhecer o funcionamento da língua, a redigir ...Digo que não foi fácil, mas, com estudo persistente, não é algo tão complicado de se perceber. Porém, há professores que tornam a disciplina complicada...Então, muitas vezes, isso faz com que as pessoas achem o português difícil! Mas quando se ensina com amor e dedicação; mostrando a base, a essência, as pessoas percebem!

**8. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística?**

R: Sim, penso que sim... porque existe sempre diferença entre aqueles que nasceram no seio de famílias falando o português e aqueles que nasceram falando outra língua; por exemplo, eu tive de “lutar” para aprender a falar português e aquelas pessoas que já nasceram no seio familiar onde se falava o português não tiveram essa carência... então, isso pode fazer com que essa pessoa tenha mais competência linguística em relação àquela que fala outra língua... Quanto à língua portuguesa acho mesmo difícil, atendendo que venho de uma língua e “lutando” para aprender outra. O que defino por “luta” são as dificuldades que tive para aprender a língua.

**9.Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?**

R: Na verdade, quanto a isso não sou muito amigo do quadro, contudo sempre que o professor solicita vou e resolvo os exercícios. Muitas vezes tenho dificuldades em resolver as questões, não porque não saiba, mas porque certos professores são bruscos e arrogantes ....não estou

acostumado... você pergunta bem e o professor responde de forma brusca. Então, prefiro não responder e ficar com a minha dúvida. Mas com os professores que são abertos e dialogam, falo normalmente e pergunto quando tenho dúvidas.

**10. Caso não, a que se deve o facto de não participar?**

**11. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê?**

R: Na verdade, isso tem sido relativo, as vezes, sinto-me nervoso, não respondo ainda que saiba...isso depende do professor, do modo como gere as aulas... Sou uma pessoa que não consegue lidar com faltas de respeito, respostas bruscas...então prefiro ficar com as minhas dúvidas....É uma luta que espero ultrapassar....

**12. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?**

R: São poucas as matérias que entendo no momento, na aula...Há matéria que só entendo depois da aula... O professor dá a aula e só depois, nos meus estudos individuais, vou reler a matéria.... Vou exercitando, vendo os passos que o professor foi dando e, assim, vou aprendendo. Caso tenha alguma dúvida, solicito esclarecimento com algum colega....Penso que depende muito do como o professor administra as aulas. Há professores que procuram fazer-se entender e há outros que, parece, que só querem despejar a matéria.

**13. Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?**

R: Na redação, muitas vezes, as dificuldades que encontro são em relação às palavras homógrafas (mesma grafia mas significado diferente) e quanto à acentuação.

**14. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?**

R: Bem, quando leio uma matéria as dificuldades que tenho é interpretar, fazer a interpretação do texto...tem sido um pouco complicado....muitas vezes, tenho de ler duas, três vezes para entender.

**15. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?**

R: Relendo e se calhar pedir auxílio a alguém que já leu e entendeu.

**16. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.**

R: Bem, as dificuldades de escrita são poucas... digo que escrevo melhor em relação à fala...na oralidade fica muito difícil, as vezes, cumprir as regras... você assusta e já falou de forma errada, tenta corrigir, mas já falaste!

**17. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influenciado no seu rendimento académico?**

R: Essas dificuldades não digo que têm influenciado muito, mas um pouquinho. É aquilo que já referi anteriormente, quando você não consegue fazer uma boa interpretação, fica difícil dar solução a um problema.

**18. Que recomendações recebe, dos docentes, para melhorar a sua competência linguística?**

R: Têm aconselhado a leitura, muita leitura de livros e revistas, e visualização de televisão (programas educativos).

**19. Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.**

**20. Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?**

R: Preciso de melhorar a leitura, ler mais. Quanto tenho matéria nova fica difícil ler os conteúdos teóricos.

**21. O que tem feito para melhorar o seu desempenho linguístico?**

R: De quando em vez, leio um livro.... Para ganhar, talvez, o gosto à leitura ....só começo, não termino...nem chego ao meio!

**22. Como avaliaria o seu grau de competência linguística?**

R: De 0 a 100%, acho que 50%.

**23. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?**

R: Tenho maiores dificuldades ao nível da expressão oral.

**24. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?**

R: Sinto que a língua portuguesa é a chave de tudo; apesar de dizerem que é a matemática. Penso que quem domina a língua portuguesa consegue adquirir e construir conhecimento em outras disciplinas com mais facilidade. É a partir da competência linguística que conseguimos atingir certos patamares noutras disciplinas, ter sucesso em outras cadeiras.

**25. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?**

R: Penso que uma pessoa que tenha competência linguística é alguém que está pronta, preparada para interagir no meio em que está inserido.... É uma pessoa que consegue dar solução a certos problemas.

## **ENTREVISTA S6**

**1. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso.**

R: Penso que o Curso de Construções e Fortificações é um dos melhores no ISTM. Uma vez que fiz, no médio, o Curso de Ciências e Novas Tecnologias, procurei informações e vi que o Curso de Engenharia de Construções e Fortificações é um curso com futuro e que me podia dar bem.

No futuro, penso me formar e ser alguém na vida. Depois, no meu país, desenvolver o nível técnico das construções e ajudar a desenvolver as potencialidades do meu país.

**2. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística?**

R: Penso que a competência linguística é a capacidade que temos de interagir entre nós; saber como falar, com quem falar e o que falar; empregando a terminologia adequada.

**3. Qual é a sua opinião sobre a importância da competência linguística no sucesso académico do aluno?**

R: Acho que é importante, porque nos faz saber como falar e empregar as palavras de forma adequada....

**4. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competência linguística?**

R: As vantagens penso que são em desenvolver a capacidade de interação do aluno perante à sociedade, no meio em que está inserido...

**5. Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)?**

R: A minha língua materna é o crioulo de Cabo-Verde.

**6. Com que idade teve contacto com o português?**

R: Comecei a aprender o português na escola.

**7. Como classifica a língua portuguesa? Porquê?**

R: Acho que o português é uma língua boa.... Mas que me complicou muito durante o período escolar e até ao momento. Mas nunca fui de baixar a cabeça perante as dificuldades....complicou e nunca tive notas muito altas a língua portuguesa, como um 16,17...

**8. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística?**

R: Influenciou de forma negativa, porque tenho muitas dificuldades, por exemplo, na pronúncia, no jeito de falar, em encontrar as palavras adequadas....

**9. Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?**

R: Participo de forma voluntária... frequentemente....Sobretudo nas aulas de Análise Matemática, participo nas disciplinas em que acho que me saio melhor!

**10. Caso não, a que se deve o facto de não participar?**

**11. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê**

R: Respondo

**12. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?**

R: Entendo mesmo ao máximo...aqui tenho de me esforçar para entender, tenho de procurar entender

para ser um bom aluno. Quando não entendo; na caserna, sozinho, procuro entender

**13. Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?**

R: Não tenho muitas dificuldades na escrita. A minha dificuldade maior é na fala....

**14. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?**

R: Não encontro assim muitas dificuldades na leitura.... Só em relação ao Novo Acordo Ortográfico é me complica um pouco!

**15. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?**

R: Na caserna, sozinho, procuro entender...

**16. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.**

R: Na oral tenho muitas dificuldades por causa da pronúncia, da forma de falar.... Na sala dizem que falo mal.... mas na escrita, já não tenho nenhum problema mesmo.

**17. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influenciado no seu rendimento académico?**

R: Não tem influenciado ...

**18. Que recomendações recebe, dos docentes, para melhorar a sua competência linguística?**

R: Até então nenhum dos professores me disse nada para melhorar a competência linguística, nem mesmo na sala....

**19. Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.**

R: Só nas defesas de trabalhos, nas defesas de projetos fico um pouco nervoso...

**20. Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?**

R: Penso que preciso de melhorar a minha pronúncia.

**21. O que tem feito para melhorar o seu desempenho linguístico?**

R: Tenho lido alguns livros....tento melhorar.

**22. Como avaliaria o seu grau de competência linguística?**

R: Não acho que esteja muito mal. No meu país não tenho problemas.... Mas aqui falam da minha pronúncia.

**23. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?**

R: As maiores dificuldades são do domínio oral, com a minha pronúncia.

**24. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?**

R: O português está em todas as disciplinas.... Têm algo em comum...

**25. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?**

R: É importante, porque nos vai ajudar em todos os setores da vida; isso porque a competência linguística vai se refletir em diferentes áreas da sociedade.

## **ENTREVISTA S7**

**1. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso?**

R: Sim, falando do curso... eu sempre gostei de Informática.... No médio fiz a formação básica em Informática e tive a oportunidade de concorrer a essa bolsa. Estou a fazer a Licenciatura em Engenharia Informática. Espero, após a minha formação, continuar a investigar para aprofundar os meus conhecimentos nessa área.

**2. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística?**

R: Ter competência linguística é saber interagir; tanto na escrita como na oralidade..

**3. Qual é a sua opinião sobre a importância da competência linguística no sucesso académico do aluno?**

R: É importante não só para o aluno, mas para qualquer pessoa; porque tudo baseia-se na língua portuguesa, tanto Engenharia, Medicina....

**4. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competência linguística?**

R: As vantagens de um aluno que tenha competência linguística, penso, que tem outra percepção de analisar e de ver as coisas...

**5. Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)?**

R: A minha língua materna é o Nhungue, falada no Norte de Moçambique.

**6. Com que idade teve contacto com o português?**

R: Tive contacto com o português um pouco antes de entrar para a escola.

**7. Como classifica a língua portuguesa? Porquê?**

R: Digo que é uma boa língua para se aprender.... Sabemos que temos dificuldades, mas estamos na “batalha” para nos aperfeiçoarmos...

**8. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística?**

R: Quando comecei a estudar, a língua materna foi sumindo aos poucos.... Aí comecei a me familiarizar com o português. Hoje, falo o Nhungue, mas não frequentemente... Falava a língua materna em casa, mas fora dela falava português. Por isso era difícil falar com as pessoas que nunca tiveram contacto com uma língua nacional, só falavam português .... Mas não tive dificuldades na aprendizagem do português.

**9. Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?**

R: Participo nas aulas, faço perguntas e resolvo os exercícios de forma voluntária.

**10. Caso não, a que se deve o facto de não participar**

**11. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê?**

R: Não, falando a verdade, antes sentia-me nervoso, mas agora já não.... Antes não ia ao quadro. Eu não sei... sentia-me nervoso, ou pensava que as pessoas iriam gozar comigo, não respondia as questões mesmo que soubesse, e quando algum colega respondesse, via que estava certo! Sentia-me inseguro.... Hoje estou mais seguro. Já me levanto e vou ao quadro..

**12. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?**

R: Entender bem não...faço um esforço, mas quando vou ao quarto, tenho de reler a matéria ou procurar alguém que me explique.

**13.Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?**

R: As dificuldades são em relação ao desenvolvimento e à conclusão dos temas...Em Moçambique não escrevia textos, na Escola Industrial, por isso tenho dificuldades na redação de textos, no desenvolvimento de temas...mas estou a melhorar aos poucos.

**14. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?**

R: As maiores dificuldades são em relação ao desrespeito aos sinais de pontuação.... particularmente ao não ter atenção à vírgula.

**15. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?**

R: Asseguro-me que esteja calmo, aí pego o texto e faço a leitura....

**16. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.**

R: As dificuldades são maiores na oralidade.

**17. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influenciado no seu rendimento académico?**

R: Por enquanto penso que não têm influenciado. O maior problema é no uso dos sinais de pontuação.

**18.Que recomendações recebe, dos docentes, para melhorar a sua competência linguística?**

R: Para ler mais e respeitar os sinais de pontuação...

**19.Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.**

**20.Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?**

R: Penso que seja o conhecimento da gramática.

**21.O que tem feito para melhorar o seu desempenho linguístico?**

R: Tenho estudado a gramática e outra coisa que também ajuda é o diálogo com os colegas.

**22.Como avaliaria o seu grau de competência linguística?**

R: Comparando à altura que cá cheguei até hoje, penso que melhorei muito! As pessoas já me conseguem perceber, porque quando cá cheguei, eu falava com os colegas e não me conseguiam perceber... acho que melhorei bastante!

**23. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?**

R: As minhas maiores dificuldades são na oralidade.

**24. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?**

R: A língua portuguesa é importante, porque se você não tiver domínio da língua, não vai entender as outras disciplinas...o professor vai explicar e eu não vou perceber!

**25. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?**

R: Sim, de facto, a língua portuguesa durante e após a minha formação vai ser importante, sempre! Como Moçambique integra os PALOP, vou usá-la sempre...para toda a vida.

## **ENTREVISTA S8**

**1. Gostaria que falasse um pouco sobre as motivações e expectativas que a (o) levaram a frequentar este curso.**

R: Sim, a motivação foi que a minha amiga que cá estava, frequentava o curso de Engenharia Mecânica... eu vim para fazer Medicina, mas o meu nome não saiu em Medicina, então tive de escolher entre ficar no instituto e fazer outro curso ou voltar para casa e me inscrever noutra instituição de ensino. Achei melhor adaptar-me ao “terreno” já que cá estava. Como a minha amiga estava no curso de Engenharia Mecânica, com o apoio dela e de outras colegas fui para Engenharia Mecânica. Hoje, posso dizer, que amo o meu curso, estou apaixonada pela Engenharia Mecânica....

O nosso chefe de departamento motiva-nos e foi um dos motivos que fez com que ficasse neste curso. No futuro, pretendo seguir aeronáutica e ir para o ramo da Força Aérea.

**2. Como aluno, o que significa para si ter competência linguística?**

R: Posso dizer que é saber interpretar algo que é verbal ou escrito...

**3. Qual é a sua opinião sobre a importância da competência linguística no sucesso académico do aluno?**

R: É importante, visto que estamos numa fase de aprendizagem, logo para podermos comunicar tem de haver competência linguística para podermos interagir. Se tu não entendes, logo a comunicação pode ser deturpada.

**4. Que vantagens pensa que o aluno pode ter em possuir competência linguística?**

R: As vantagens são que ele vai conseguir interagir melhor; vai estar inserido no meio, trocar experiências...

**5. Os cadetes que ingressam no ISTM vêm de diferentes províncias e alguns tiveram como língua materna uma língua nacional. Qual foi a primeira língua falada no seu seio familiar (língua materna)?**

R: A minha língua materna é o português.

**6. Com que idade teve contacto com o português?**

**7. Como classifica a língua portuguesa? Porquê?**

R: Acho que a língua portuguesa, em termos de aprendizagem, vai no bom caminho, porque temos necessidade permanente de melhorarmos... não importa se é médico ou engenheiro.

**8. De que forma acha que o facto de ter o português como língua materna/não ter o português como língua materna pode ter influenciado o seu nível de competência linguística?**

R: Acho que me ajudou bastante no seio familiar, visto que aprendi logo o português, então houve aquela facilidade em me comunicar.

**9. Gostaria que falasse um pouco sobre a sua participação nas atividades diárias na sala de aula; faz perguntas, resolve exercícios de forma voluntária?**

R: Normalmente, na sala de aula, eu prefiro, algumas vezes, que o professor cite o meu nome... porque acho que é uma das formas de me comunicar com ele! Pois, algumas vezes, o professor marca uma tarefa, eu faço, mas não vem corrigir. Então, espero que o professor passe pela minha carteira e se preocupe comigo! Não como mais uma aluna na sala, porém como uma aluna que se dedica em fazer os trabalhos e o professor deve passar para ver!

**10. Caso não, a que se deve o facto de não participar?**

R: Porque espero que o professor passe pela minha carteira e se preocupe comigo! Como uma aluna que se dedica em fazer os trabalhos.

**11. Quando o professor coloca alguma questão na aula, sente-se inibido a responder mesmo que saiba? Porquê?**

R: Voluntário-me, basta o professor fazer a pergunta, se eu tiver conhecimento desta questão vou levantar a mão e responder. Algumas vezes, tenho um certo receio de as minhas ideias não estarem organizadas, de gaguejar um pouco....

**12. Até que ponto entende a explicação das matérias feita em sala de aula pelos professores?**

R: Sim, algumas vezes, tenho dificuldades, porque vim para fazer um curso e tenho algumas dificuldades, mas que dão para ultrapassar!

**13. Quando escreve textos, quais são as suas maiores dificuldades?**

R: As dificuldades são em relação à pontuação e acentuação....

**14. Sabemos que as exigências de leitura na universidade são maiores; os textos são geralmente mais densos, abstratos, complexos. Quando lê algum texto, livro ou manual quais são as principais dificuldades que encontra?**

R: Depende do tipo de texto, porque algumas vezes fico entediada...com sono, com uma certa preguiça....

**15. Que estratégias utiliza para resolver estas dificuldades?**

R: Por dia procuro sempre tirar 30 minutos a 1 hora para a leitura. Se ficar entediada, paro e mais tarde, dou continuidade.

**16. Compare as dificuldades que tem ao nível da expressão escrita com as que sente ao nível da expressão oral.**

R: Tenho mais dificuldades na escrita que na oral, porque há certas palavras, quando o professor, fala você acha que escreveu corretamente, mas depois vais ver que não...

**17. Até que ponto considera que estas dificuldades têm influenciado no seu rendimento académico?**

R: Não tem tanta influência assim.... porque, normalmente, procuro corrigir o erro e, em caso de dúvida, consulto o dicionário.

**18. Que recomendações recebe, dos docentes, para melhorar a sua competência linguística?**

R: Para ler mais, ler ajuda muito.... melhorar a pontuação, saber relacionar as ideias; ao iniciar e terminar os parágrafos. Saber quando uma ideia chegou ao fim e iniciar outra....

**19. Fale-me de uma situação, no seu percurso estudantil, relacionada à língua portuguesa que lhe tenha gerado constrangimento ou mal-estar.**

**20. Que habilidades ao nível da competência linguística pensa que precisa de aperfeiçoar?**

R: Acho que preciso de me expressar melhor!

**21. O que tem feito para melhorar o seu desempenho linguístico?**

R: Tenho lido, mas não o suficiente, porque o tempo aqui é escasso... A maior parte do tempo tenho de exercitar as disciplinas nucleares do curso.

**22. Como avaliaria o seu grau de competência linguística?**

R: Numa escala de 0 a 100, acho que 70 por cento.

**23. Quais são, para si, as maiores dificuldades que enfrenta no domínio linguístico?**

R: As minhas maiores dificuldades são na expressão oral.

**24. Que relação acha que se pode estabelecer entre o desenvolvimento da competência linguística e o desempenho em outras unidades curriculares (disciplinas)?**

R: O português está em todas as disciplinas; podemos dizer que é o centro e as outras são as ramificações. Se tivermos domínio da língua portuguesa perceberemos melhor as matérias, há uma melhor compreensão, interpretação...

**25. Qual é a sua opinião relativamente à influência da competência linguística do indivíduo na sua integração socioprofissional?**

R: A influência da competência linguística na integração socioprofissional é relevante, na medida em que você quando vai para um determinado emprego está inserido naquele meio e a comunicação será muito importante entre todos naquele círculo para que tudo corra bem

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
I-Motivações e expectativas dos alunos	1.1 Escolha do curso	<p>A área de Ciências e Novas Tecnologias engloba as disciplinas de Física, Biologia e Matemática que são, praticamente, as disciplinas nucleares...No meu país é diferente daqui, aqui no médio fazem Enfermagem, Análises Clínicas; etc...No meu país, no 3º ciclo, só se escolhem três áreas; Económico-social, Humanísticas e Ciências e Novas Tecnologias. Económico-social vai permitir estudar nas áreas de economia, Humanísticas o estudo das línguas e Ciências e Novas Tecnologias tanto dá para Medicina ou Engenharia. A escolha de Medicina foi desde criança...Desde muito cedo tive sempre a curiosidade dessa coisa de ajuda mútua...foram os motivos que me levaram a seguir este curso e também por influência dos meus pais. (S1.p.1)</p> <p>(...) o que me levou a fazer o curso de Medicina é já um sonho de criança...cresci num meio com muitas pessoas que são médicos de profissão...e eu via sempre eles a falarem de um jeito da sua profissão... Que é uma atividade boa, que permite o contacto direto com as pessoas... e ainda tens a oportunidade dar e receber um sorriso das pessoas, de salvar vidas...Então, vi que é um curso que nos permite salvar a vida das pessoas, fui questionando algumas pessoas e disseram-me que é um curso aliciante e decidi fazer este curso. Vim para cá...como no ensino médio fiz Ciências Físico-Biológicas, comecei a ganhar o gosto pela Medicina. No nosso país, apesar de já se terem formado muitos médicos, ainda há carência...então achei que é altura de dar o meu contributo à Medicina, porque ainda há pessoas que morrem por falta de assistência médica, há regiões com falta de médicos, não há um atendimento eficaz; essas são as minhas maiores motivações. (S2.p1)</p> <p>(...) tinha o sonho de ser professora, sempre gostei dessa profissão, mas ao fazer o ensino básico, estava mais inclinada para as disciplinas de Matemática, Física e Química. Então, pensei em fazer, no médio, Matemática e Física; realizei testes, mas não consegui... Inscrevi-me em três instituições, fui admitida em duas; Informática e Frio e Climatização. Resolvi fazer o Curso Médio de Informática. Inicialmente, não tinha muita paixão pelo curso, mas comecei a gostar e a ver que era um bom curso e a descobrir muita coisa, e essa "interface" usuário- máquina é algo...(S3, p.1)</p> <p>(...) desde sempre gostei de ser militar, então quando vim cá a Luanda,</p>

		<p><i>percebi que havia inscrições no Instituto e aproveitei para fazer a inscrição, fui admitido, fiz os testes e consegui ingressar. O curso de Engenharia Mecânica....sempre quis fazer o curso de Pilotagem, então tive essa oportunidade, pesquisei, tive contacto com os departamentos e eles foram-me explicando sobre as especialidades que o curso tem ... temos as disciplinas de Armamento, Técnica de Blindado dos Automóveis e Aeronáutica. Então, preferi o curso de Engenharia Mecânica para, mais tarde, realizar o meu sonho de fazer pilotagem. (S4,p.1)</i></p> <p><i>(...) a princípio, como fiz o Curso Médio de Frio e Climatização; pensei em fazer Mecânica, mas depois tive que avaliar que o país forma bons engenheiros mecânicos, mas têm pouca prática.... Então optei por Eletrotecnia, porque vi que está ligada à área de Eletricidade e ao mesmo tempo à Eletrónica. Atualmente Angola está a investir muito no setor energético e na eletrónica, então conclui que ao fazer eletrotecnia teria mais possibilidades... O instituto tem duas especialidades; Telecomunicações e Radares e a especialidade de Radares existe apenas no ISTM. Por isso optei pelo Curso de Eletrotecnia, na especialidade de radares. (S5,p.1)</i></p> <p><i>(...)Uma vez que fiz, no médio, o Curso de Ciências e Novas Tecnologias, procurei informações e vi que o Curso de Engenharia de Construções e Fortificações é um curso com futuro e que me podia dar bem.(S6.p.1)</i></p> <p><i>(...) falando do curso... eu sempre gostei de Informática.... No médio fiz a formação básica em Informática e tive a oportunidade de concorrer a essa bolsa. Estou a fazer a Licenciatura em Engenharia Informática. (S,7P.1)</i></p> <p><i>(...) a minha amiga que cá estava frequentava o curso de Engenharia Mecânica... eu vim para fazer Medicina, mas o meu nome não saiu... então tive de escolher entre ficar no instituto e fazer outro curso ou voltar para casa e me inscrever noutra instituição de ensino. Achei melhor adaptar-me ao “terreno” já que cá estava. Como a minha amiga estava no curso de Engenharia Mecânica, com o apoio dela e de outras colegas vim para Engenharia Mecânica. Hoje, posso dizer, que amo o meu curso, estou apaixonada pela engenharia Mecânica....O nosso chefe de departamento motiva-nos e foi um dos motivos que fez com que ficasse neste curso. (S8,P.)</i></p>
--	--	---

	<b>1.2.Projetos</b>	<p><i>O meu objetivo é sempre superar o que ainda não foi alcançado. Hei de me dedicar de corpo e alma à Medicina, ser um bom profissional, colocar o trabalho em primeiro lugar fora de qualquer preocupação (...) é o que me motiva e me levou até agora como o foco na minha carreira. Espero que possa aplicar em prática tudo o que aprendi; da melhor forma possível e poder colaborar em tudo o que for necessário. Gostaria de aprofundar os meus conhecimentos e especializar-me em Neurocirurgia, esse é o meu ponto alto! (S2.p1)</i></p> <p><i>As expectativas são muitas...destacando-se pilotar um avião militar, em missão das Forças Armadas Angolanas.(S4,p.1)</i></p> <p><i>Espero dar o meu contributo no desenvolvimento do meu país, em particular nas FAA, propriamente na Força Aérea Angolana ou na Marinha e procurar melhorar algumas áreas. (S5,p.1)</i></p> <p><i>No futuro, penso me formar e ser alguém na vida. Depois, no meu país, desenvolver o nível técnico das construções e ajudar a desenvolver as potencialidades do meu país.(S6.p.1)</i></p> <p><i>Espero, após a minha formação, continuar a investigar para aprofundar os meus conhecimentos nessa área. (S7, p.1)</i></p> <p><i>No futuro, pretendo seguir Aeronáutica e ir para o ramo da Força Aérea.(S8,P.1)</i></p>
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Sentido</b>
<b>II- Competências Linguísticas dos alunos</b>	<b>2.1. Conceito de competência linguística</b>	<p><i>Competência linguística eu digo que seja a capacidade ou habilidade em dominar os conteúdos linguísticos; tanto a gramática, a concordância frásica, o funcionamento da língua...Está basicamente relacionada à gramática, pois vamos encontrar vários subtemas. Então, posso dizer que a competência linguística é a capacidade que nós temos em desenvolver as nossas habilidades ao nível da língua portuguesa (S1)</i></p> <p><i>Penso que a linguística é a área da ciência que estuda uma determinada língua. Nós sabemos que a língua é o meio pelo qual o ser humano utiliza para se comunicar, para transmitir os seus sentimentos...então a competência linguística é a capacidade que o individuo vai ter de se comunicar, de acordo aos parâmetros que a mesma língua obriga. Quando alguém tem um défice linguístico, pode constituir um problema,</i></p>

		<p><i>mas se não temos muitas dificuldades de base, temos um conhecimento amplo; conseguimos ler, interpretar e desenvolver certos temas. A nossa competência linguística será mais elevada(S2)</i></p> <p><i>Penso que esse termo vai denominar a capacidade que o usuário da língua tem de produzir e entender uma sequência linguística. Então, para nós estudantes, é importante que tenhamos esta capacidade, porque precisamos de expandir o nosso conhecimento...para tal temos de ter a capacidade de entender e nos fazermos entender...(S3)</i></p> <p><i>Ter competência linguística é ter o domínio da língua portuguesa, tanto a nível académico como a outros níveis...(S4)</i></p> <p><i>Ter competência linguística é ter conhecimento, o domínio daquilo que é a língua portuguesa, saber expressar-se saber escrever, conhecer o funcionamento da língua.(S5)</i></p> <p><i>Penso que a competência linguística é a capacidade que temos de interagir entre nós; saber como falar, com quem falar e o que falar; empregando a terminologia adequada. (S6)</i></p> <p><i>Ter competência linguística é saber interagir; tanto na escrita como na oralidade... (S7)</i></p> <p><i>Posso dizer que é saber interpretar algo que é verbal ou escrito. (S8)</i></p>
	<p><b>2.2.</b> <b>Relevância das competências linguísticas</b></p>	<p><i>A importância é grande ....A competência linguística é o centro de tudo, não se pode ser um bom médico, um bom engenheiro sem dominar a língua; não se pode também ter sucesso nas outras disciplinas sem primeiro dominar a língua portuguesa...(S1)</i></p> <p><i>É importante, porque o aluno se apresenta de uma forma diferente perante a sociedade; pois um aluno que não sabe se expressar, tem dificuldades na escrita e no desenvolvimento de temas, usa termos inadequados...fica muito complicado. Alguém que sabe se expressar, desenvolver temas; é visto de forma diferente na sociedade...(S2)</i></p> <p><i>É importante para comunicarmos melhor, para interagirmos com os demais.(S3)</i></p> <p><i>(...) a importância é de carácter obrigatório; por exemplo, na preparação do nosso trabalho de fim de curso.....temos de ter o domínio da língua portuguesa para não cometermos erros do ponto de vista linguístico. Se não tivermos o domínio da língua portuguesa, não teremos um bom</i></p>

		<p><i>trabalho.(S4)</i></p> <p><i>A importância é vasta.... porque é a partir da competência linguística que o indivíduo está apto a poder decifrar a informação, saber corrigir, a interpretar.... por exemplo, nos cursos de engenharia temos muitos cálculos e para iniciar os cálculos tudo inicia com uma questão teórica.... Se não souberes interpretar os dados, não vais dar solução ao exercício. Muitas vezes, alguns colegas têm dificuldades, não é porque não sabem fazer o exercício, mas porque têm problemas na interpretação... Muitos de nós estamos habituados a resolver as questões práticas, sem antes ler a parte teórica, queremos partir logo para a componente prática. Mas se não tivermos competência linguística não vamos saber interpretar... vamos ter dificuldades para perceber a matéria...(S5)</i></p> <p><i>Acho que é importante, porque nos faz saber como falar e a empregar as palavras de forma adequada....(S6)</i></p> <p><i>É importante não só para o aluno, mas para qualquer pessoa; porque tudo baseia-se na língua portuguesa, tanto Engenharia, Medicina....(S7)</i></p> <p><i>É importante, visto que estamos numa fase de aprendizagem, logo para podermos comunicar tem de haver competência linguística para podermos interagir. Se tu não entendes, logo a comunicação pode ser deturpada...(S8)</i></p>
	<p><b>2.3.</b> <b>Vantagens das competências linguísticas</b></p>	<p><i>As vantagens são múltiplas. Em primeiro lugar, posso dizer que a competência linguística é a base de tudo, não se pode ser um bom médico, um bom engenheiro sem dominar a língua portuguesa; não se pode também estudar outras disciplinas, sem primeiro dominar a língua portuguesa...Então penso que a maior vantagem é isso! Primeiro dominar mesmo a gramática, só depois se fazer um médico ou um engenheiro...(S1)</i></p> <p><i>As vantagens serão no modo de se expressar, de desenvolver temas e também será um bom transmissor de informação. Isto faz com que o recetor não tenha dificuldades em entender a informação. Muitas vezes, nós temos negativa no teste, não porque não sabemos a resposta, mas porque temos dificuldades em interpretar e transmitir a informação. (S2)</i></p> <p><i>São muitas... uma delas é que nós próprios vamos saber comunicar, apresentar um tema...se não tiveres competência linguística, tu não vais</i></p>

	<p><i>conseguir...não vais conseguir captar a atenção das pessoas que lá estiverem...(S3)</i></p> <p><i>As vantagens são em saber expressarmo-nos corretamente, saber redigir, saber interagir... (S4)</i></p> <p><i>A vantagem é que uma pessoa que possui competência linguística tem sucesso tem sucesso no âmbito geral. Essa pessoa consegue interagir no meio em que está inserida.(S5)</i></p> <p><i>As vantagens penso que são em desenvolver a capacidade de interação do aluno perante à sociedade, no meio em que está inserido...(S6)</i></p> <p><i>As vantagens de um aluno que tenha competência linguística, penso, que tem outra percepção de analisar e de ver as coisas... (S7)</i></p> <p><i>As vantagens são que ele vai conseguir interagir melhor; vai estar inserido no meio, trocar experiências...(S8)</i></p>
--	---

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
<p>III. Português língua materna/ língua não materna e competências linguísticas</p>	<p>3.1.Língua Materna</p>	<p><i>A minha língua materna foi o crioulo.(S1)</i></p> <p><i>A minha língua materna foi o português.(S2)</i></p> <p><i>A minha língua materna foi o português... mas com o andar do tempo, fui ouvindo a minha avó e a minha mãe em conversas, em umbundo, e fui aprendendo...alimentando o gosto em saber falar, depois comecei a falar. Hoje consigo ter uma conversa nessa língua... (S3)</i></p> <p><i>A minha língua materna foi o Luvale.(S4)</i></p> <p><i>A língua materna foi o Kimbundu.(S5)</i></p> <p><i>A minha língua materna é o Crioulo de Cabo-Verde.(S6)</i></p> <p><i>A minha língua materna é o Nhungue, falada no Norte de Moçambique.(S7)</i></p> <p><i>A minha língua materna é o português.(S8)</i></p>
	<p>3.2.Língua Não Materna</p>	<p><i>Tive contacto com o português apenas na escola. Quer dizer...penso que na escola começamos a organizar..., mesmo no jardim de infância, na creche começam já o primeiro contacto...começam a preparar a criança para quando chegar a fase escolar não ter muitas complicações.(S1)</i></p> <p><i>Tive o primeiro contacto com o português aos três anos de idade. (S4)</i></p> <p><i>Tive contacto com o português aos quatro anos.(S5)</i></p> <p><i>Comecei a aprender o português na escola.(S6)</i></p> <p><i>Tive contacto com o português um pouco antes de entrar para a escola.(S7)</i></p>
	<p>3.3 Classificação do português</p>	<p><i>Como é uma língua falada em vários continentes e no espaço dos PALOP, digo que é uma boa língua...Não é fácil.. temos de ter muita concentração, temos de ter o gosto em aprender em primeiro lugar e, como se fala, temos de ser bem sérios, porque é uma língua que não é fácil de aprender... temos de levar tudo na desportiva e ao mesmo tempo com uma certa seriedade, só assim é que se aprende com facilidade. Considero uma das melhores línguas!(S1)</i></p> <p><i>É uma das línguas mais difíceis de aprender. Tive contacto com o inglês e fiz uma correlação entre as duas línguas. O que torna a língua portuguesa difícil, por vezes, é a gramática, mas noutros aspetos ela não apresenta muitas dificuldades para quem queira aprender.(S2)</i></p> <p><i>È boa para alguém que já vem com esta língua desde o berço. Para</i></p>

	<p><i>aqueles que não a tiveram como língua materna, vai ser um pouquinho difícil, mas se tiver vontade de aprender.(S3)</i></p> <p><i>Classifico como uma boa língua... hoje, na maior parte das províncias, fala-se português. É difícil encontrar alguém para falar a língua nacional. Então, é mais fácil falar o português para comunicar... Em termos de aprendizagem foi proveitoso, porque até aos três anos falava luvale, depois comecei a aprender o português... se não falasse a língua portuguesa hoje seria muito difícil comunicar-me com os meus colegas....Depois dos três anos, comecei a aprender o tchokwe, muito por influência dos amigos; fomos conversando, trocando ideias... hoje falo as duas línguas nacionais; o luvale e o tchokwe.(S4)</i></p> <p><i>Sim, para mim que tive a primeira língua o Kimbundu não foi fácil... aos meus quatro anos, quando comecei a aprender a falar português, falava um pouquinho de português e ao mesmo tempo incluía o Kimbundu .... não foi fácil! Agora consigo ver o quanto é bom aprender a língua portuguesa; conhecer o funcionamento da língua, a redigir...Digo que não foi fácil, mas, com estudo persistente, não é algo tão complicado de se perceber. Porém, há professores que tornam a disciplina complicada...Então, muitas vezes, isso faz com que as pessoas achem o português difícil! Mas quando se ensina com amor e dedicação; mostrando a base, a essência, as pessoas percebem! (S5)</i></p> <p><i>Acho que o português é uma língua boa.... Mas que me complicou muito durante o período escolar e até ao momento. Mas nunca fui de baixar a cabeça perante as dificuldades....complicou e nunca tive notas muito altas a língua portuguesa como um 16,17...(S6)</i></p> <p><i>Digo que é uma boa língua para se aprender....Sabemos que e temos dificuldades, mas estamos na “batalha” para nos aperfeiçoarmos...(S7)</i></p> <p><i>Acho que a língua portuguesa, em termos de aprendizagem, vai n no bom caminho, porque temos necessidade permanente de e melhorarmos... não importa se é médico ou engenheiro... (S8)</i></p>
--	---

	<p><b>3.4.</b></p> <p><b>Influência da língua materna/não materna no nível de competências linguísticas</b></p>	<p><i>Posso dizer que, por um lado, me influenciou e, por outro, não influenciou. (...) Na nossa língua há certas palavras que se assemelham mesmo ao português. O português não se tornou muito difícil; a parte da escrita, creio eu, que seja a parte mais difícil ...porque a oral já...em qualquer sitio, a oral é diferente da escrita, é mais fácil! Na escrita há uma certa formalidade e na oral podemos usar uma certa formalidade, mas também a informalidade..Então, para mim, influenciou tanto num lado positivo, como de forma negativa. Falo do lado negativo por causa dos verbos, da concordância frásica, dos géneros...que na minha língua quase não se faz sentir... Há certas palavras que usamos tanto para o feminino como para o masculino. Mas não me lembro de sentir muitas dificuldades à língua portuguesa...não sei... não sei se pelo método de estudo que foi implementado no meu país..mas também quando se estuda uma disciplina ou assunto, a pessoa não percebe que realmente aprendeu no momento...só depois, passado algum tempo, quando há necessidade de implementar tudo aquilo que “ouviu”, é que vai saber se aprendeu ou não... Eu digo que aprendi e muito!(S1)</i></p> <p><i>Claro que sim, influenciou e muito. Posso dizer que tenho feito o aperfeiçoamento da minha língua, no que se refere à escrita e à gramática. Eu já falo a língua, vou apenas aprofundando os conhecimentos da gramática e os novos contextos que a língua apresenta. Mas quando alguém não teve o português como língua materna; primeiro vai ter de aprender a falar, aprender os sons, aprender a escrever...(S2)</i></p> <p><i>Porque a maior parte das pessoas com quem convivo e as pessoas que me transmitem conhecimento falam português, com exceção dos docentes cubanos...(S3)</i></p> <p><i>Influenciou positivamente, pois, uma vez que somos africanos; aprendi primeiro uma língua nacional e só depois o português. Posso dizer que primeiro penso em luvale... se alguém me fizer uma pergunta em português, tenho de saber como traduzir para luvale, ter conhecimentos... isso tem me ajudado no seio familiar, por exemplo, quando alguém pergunta algo à minha avó, em português, eu tenho de traduzir para luvale, porque ela entende melhor!(S4)</i></p> <p><i>Sim, penso que sim... porque existe sempre diferença entre aqueles que nasceram no seio de famílias falando o português e aqueles que nasceram falando outra língua; por exemplo, eu tive de “lutar” para aprender a falar português e aquelas pessoas que já nasceram no seio</i></p>
--	---	---

		<p>familiar onde se falava o português não tiveram essa carência... então, isso pode fazer com que essa pessoa tenha mais competência linguística em relação àquela que fala outra língua...(S5)</p> <p>Quanto à língua portuguesa acho mesmo difícil, atendendo que venho de uma língua e “lutando” para aprender outra. O que defino por “luta” são as dificuldades que tive para aprender a língua.(S6)</p> <p>Quando comecei a estudar, a língua materna foi sumindo aos poucos.... Aí comecei a me familiarizar com o português... Hoje, falo o Nhungue, mas não frequentemente...Falava a língua materna em casa, mas fora dela falava português; por isso era difícil falar com as pessoas que nunca tiveram contacto com uma língua nacional, só falavam português .... Mas não tive dificuldades na aprendizagem do português. (S7)</p> <p>Acho que me ajudou bastante no seio familiar, visto que aprendi logo o português, então houve aquela facilidade em me comunicar.(S8)</p>
--	--	--

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Sentido</b>
<b>IV-Processo ensino/ aprendizagem</b>	<b>4.1. Interação nas aulas</b>	<p><i>Eu sinto-me à vontade para interagir na aula. Às vezes chego a pensar, será que é um dom, particularmente nos que têm a ver com cultura geral...Não sinto inibição, não sinto... estou sempre ali; pronta, disposta!(S1)</i></p> <p><i>Posso dizer que é disciplina em que mais participo, porque tenho tido professores “abertos”; que permitem que o aluno tenha liberdade de expressão. Eu sempre gostei de participar nas aulas de forma voluntária. Quando há oportunidade de dar o meu contributo sobre determinado tema, quando há uma inquietação, exponho, de modo que não saia da turma com dúvidas! Respondo normalmente, porque o meu forte é falar...eu gosto de dialogar e quanto mais pessoas estiverem, melhor para mim. Sinto que quando há mais pessoas, a</i></p>

	<p><i>motivação é outra. Então, sinto-me melhor.</i></p> <p><i>Sentir-me inibido?! Raramente acontece comigo!(S2)</i></p> <p><i>Sim, participo de forma voluntária. Tenho dito que aprendo melhor no quadro do que na carteira; já que o professor não adivinha as dúvidas que cada um tem, mas se expusermos as nossas dificuldades, as nossas dúvidas.... Respondo, se souber a questão, respondo! Independentemente de ter outros colegas, se tiver a oportunidade de levantar a minha mão e o professor decidir que vou ser eu a responder!(S3)</i></p> <p><i>Eu faço as coisas de forma voluntária... porque estamos aqui para aprender e não podemos esperar que o professor vai indicar fulano para ir ao quadro... quem está capacitado no momento vai ao quadro .... Isso tem muito a ver com a dinâmica do nosso grupo de estudo. Quem entendeu melhor a matéria é indicado para ir ao quadro, quem não entendeu resolve num rascunho e chama o professor para verificar se está correto. Primeiro organizo as minhas ideias e só depois respondo... Primeiro tenho de me concentrar, formular a resposta e dizer ao professor que estou pronto a responder... não me sinto nervoso.(S4)</i></p> <p><i>Na verdade, quanto a isso não sou muito amigo do quadro, contudo sempre que o professor solicita vou e resolvo os exercícios. Muitas vezes tenho dificuldades em resolver as questões, não porque não saiba, mas porque certos professores são bruscos e arrogantes .... não estou acostumado... você pergunta bem e o professor responde de forma brusca. Então, prefiro não responder e ficar com a minha dúvida. Mas com os professores que são abertos e dialogam, falo normalmente e pergunto quando tenho dúvidas.... Às vezes, sinto-me nervoso, não respondo ainda que saiba... isso depende do professor, do modo como gere as aulas... Sou uma pessoa que não consegue lidar com faltas de respeito, respostas bruscas... então prefiro ficar com as minhas dúvidas.... É uma luta que espero ultrapassar...(S5)</i></p> <p><i>Participo de forma voluntária... frequentemente.... Sobretudo nas aulas de Análise Matemática. Participo nas disciplinas em que acho que me saio melhor!(S6)</i></p> <p><i>Participo nas aulas, faço perguntas e resolvo os exercícios de forma voluntária. (...) antes sentia-me nervoso, mas agora já não.... antes não ia ao quadro. Eu não sei... sentia-me nervoso, ou pensava que as pessoas iriam gozar comigo, não respondia às questões mesmo que</i></p>
--	--

		<p>soubesse, e quando algum colega respondesse, via que estava certo! Sentia-me inseguro.... Hoje estou mais seguro. Já me levanto e vou ao quadro...(S7)</p> <p>Normalmente, na sala de aula, eu prefiro, algumas vezes, que o professor cite o meu nome... porque acho que é uma das formas de me comunicar com ele! Pois, algumas vezes, o professor marca uma tarefa, eu faço, mas não vem corrigir. Então, espero que o professor passe pela minha carteira e se preocupe comigo! Não como mais uma aluna na sala, porém, como uma aluna que se dedica em fazer os trabalhos e o professor deve passar para ver! Como uma aluna que se dedica em fazer os trabalhos.(S8)</p>
	<p><b>4.2.</b> <b>Compreensão</b> <b>de</b> <b>conteúdos</b></p>	<p>Não digo que perceba sempre! Às vezes, há algumas palavras ou construção frásica que possa não perceber, poderei não decifrar aquilo que o professor pretende; mas não vejo isso como uma dificuldade...Penso que não tenho muitas dificuldades. As maiores dificuldades que encontro têm a ver com o significado de algumas palavras. As vezes, tenho de recorrer ao dicionário para poder entender, temos de recorrer ao dicionário para nos podermos apoiar. (S1)</p> <p>Acredito que nas duas primeiras horas do dia assimilo melhor a matéria, pois a mente ainda está fresca, não há stress...mas a meio do dia é o ponto em que há pouca assimilação. Mas tenho uma tática que utilizo frequentemente! Concentro-me no objetivo da aula, o que o professor quer transmitir com essa aula! Então, vejo que objetivos o professor quer transmitir e por mais que não entenda os conteúdos todos na aula; mais tarde, quando tiver mais energia, releio a matéria de modo que possa entender na totalidade. Também nunca deixo a matéria de hoje para estudar amanhã; porque acredito que quando ouvimos algo a mente grava durante um determinado tempo, mas se deixarmos para amanhã, os conteúdos armazenados já não serão os mesmos no dia seguinte. Prefiro dar uma matéria hoje, reler e, se não entender, procuro um colega e, posteriormente, procuro o professor para explicar.(S2)</p> <p>Procuró perceber a matéria, o que não entender na sala de aula, releio no quarto e, na aula seguinte, peço ajuda aos meus colegas. Posteriormente, peço esclarecimento ao professor.(S3)</p> <p>Procuró entender e o que não entender é resolvido entre o grupo de</p>

		<p><i>estudo... Quem entendeu melhor a matéria explica aos outros...(S4)</i></p> <p><i>São poucas as matérias que entendo no momento, na aula....Há matéria que só entendo depois da aula... O professor dá a aula e só depois, nos meus estudos individuais, vou reler a matéria.... Vou exercitando, vendo os passos que o professor foi dando e, assim, vou aprendendo. Caso tenha alguma dúvida, solicito esclarecimento com algum colega....Penso que depende muito do como o professor administra as aulas. Há professores que procuram fazer-se entender e há outros que, parece, que só querem despejar a matéria. (S5)</i></p> <p><i>Entendo mesmo ao máximo...aqui tenho de me esforçar para entender, tenho de procurar entender para ser um bom aluno. Quando não entendo; na caserna, sozinho, procuro entender...(S6)</i></p> <p><i>Entender bem não...faço um esforço, mas quando vou ao quarto, tenho de reler a matéria ou procurar alguém que me explique.(S7)</i></p> <p><i>Sim, algumas vezes, tenho dificuldades, porque vim para fazer u um curso e estou a fazer outro...tenho algumas dificuldades, mas que dão para ultrapassar! (S8)</i></p>
	<p><b>4.3.</b> <b>Expressão</b> <b>escrita</b></p>	<p><i>A redação de textos é sempre mais complicada, porque há sempre o cuidado com a gramática; particularmente com a conjugação verbal, a concordância frásica, a pontuação...então temos de ter mais cuidado ao escrever algo; em todos os momentos...depois, com as redes sociais praticamente escrevemos à toa! Há a tendência de misturar crioulo e português. Então, às vezes, na escrita eu paro para pensar antes de escrever, chego a gastar muitas folhas antes de escrever algo para entregar ao professor. (S1)</i></p> <p><i>O professor chamava atenção para deixar o espaço das margens...é uma dificuldade que tenho. Também na concordância e na pontuação. Acredito que tenho défice nesses aspetos e na redação de palavras novas.(S2)</i></p> <p><i>Muitas vezes, a dificuldade é encontrar o sentido...por exemplo, quando quero abrir um parágrafo...como fazer a ligação entre as partes, dar um verdadeiro sentido ao texto. (S3)</i></p> <p><i>As maiores dificuldades têm sido enquadrar uma terminologia adequada, pois nós usamos, muitas vezes, uma linguagem abreviada, termos inadequados na expressão escrita...(S4)</i></p>

		<p><i>Na redação, muitas vezes, as dificuldades que encontro são em relação às palavras homógrafas (mesma grafia mas significado diferente) e quanto à acentuação.(S5)</i></p> <p><i>Não tenho muitas dificuldades na escrita. A minha dificuldade maior dificuldade é na oralidade...(S6)</i></p> <p><i>As dificuldades são em relação ao desenvolvimento e à conclusão dos temas...Em Moçambique não escrevia textos, na Escola Industrial, por isso tenho dificuldades na redação de textos, no desenvolvimento de temas...mas estou a melhorar aos poucos...(S7)</i></p> <p><i>As dificuldades são em relação à pontuação e acentuação....Acho que só...(S8)</i></p>
	<p><b>4.4.</b> <b>Expressão oral</b></p>	<p><i>Na oral há, às vezes, a tendência de usar a gíria, encurtar as palavras; como aqui fazem...Por vezes, sem querer, dizemos alguma coisa, que já não controlamos. Acho que a melhor avaliação será na escrita, porque na escrita a pessoa vai ter mais cuidado; temos de pensar antes de escrever qualquer coisa. Antes de escrever, temos de parar e refletir acerca daquilo que vamos escrever...então, a escrita é muito difícil, é muito difícil... mas não é nada que com uma boa leitura e com domínio da gramática não se resolve a situação.(S1)</i></p> <p><i>As dificuldades na escrita sempre serão maiores que na oralidade, porque as palavras estão sempre a evoluir...escrever uma palavra nova é mais difícil que pronuncia-la...a escrita para mim é um pouco mais complicado. (S2)</i></p> <p><i>Para a oralidade, encontro dificuldades quando tenho de apresentar um tema e não me preparo previamente... perco-me e depois questiono-me; será que falei bem, será que falei mal...as palavras fogem...Na expressão escrita as ideias aparecem mais facilmente, pois não há tanta pressão...você vai escrever aquilo que lhe vai na mente...vou procurar dar sentido àquilo que estou a escrever.(S3)</i></p> <p><i>Na expressão oral as dificuldades têm a ver com o meu sotaque... os meus colegas ficam a rir do meu sotaque....(S4)</i></p> <p><i>Bem, as dificuldades de escrita são poucas... digo que escrevo melhor em relação à fala...na oralidade fica muito difícil, as vezes, cumprir as regras... você assusta e já falou de forma errada, tenta corrigir, mas já falaste! (S5)</i></p>

		<p><i>Na oral tenho muitas dificuldades por causa da pronúncia, da forma de falar.... Na sala dizem que falo mal.... mas na escrita, já não tenho nenhum problema mesmo.(S6)</i></p> <p><i>As dificuldades são maiores na oralidade.(S7)</i></p> <p><i>Tenho mais dificuldades na escrita que na oral, porque há certas palavras, quando o professor fala você acha que escreveu corretamente, mas depois vais ver que não... (S8)</i></p>
	<p><b>4.5.</b> <b>Leitura</b></p>	<p><i>(...) Não gosto muito de leitura...Não é que não leia...não gosto! Do tipo comprar um livro e estar a ler?! Isso nunca aconteceu! Já me ofereceram livros, comecei a ler, mas depois deixei..Penso que é mesmo uma certa preguiça que acaba por dificultar as coisas. Mas quando estudo, levo tudo muito a sério! Mas ler algum livro nas horas vagas, isso não faço...</i></p> <p><i>Acho que o melhor mesmo é mudar a minha situação em relação à leitura , estou a esforçar-me e muito e vejo que estou a ter resultados... estou a ler mais do que antes...se antes lia10 páginas, agora consigo ler 25 ou mais...Quando tenho dúvidas recorro ao dicionário, à Internet e, se não tiver um dicionário por perto, posso recorrer aos meus colegas.(S1)</i></p> <p><i>Para os livros de Medicina, raramente leio sem estar acompanhado de um dicionário médico. As maiores dificuldades prendem-se à interpretação; pois há terminologia, há conceitos que necessitamos de uma explicação por serem novos. Há a necessidade de alguém dar uma explicação. Acredito que não tenho muitas dificuldades, pois o meu professor de Biologia aconselhou-nos a procurar sempre o que o livro nos oferece; a definição, os objetivos, a função, a classificação e por aí...dos conceitos mais simples para os mais complexos.</i></p> <p><i>Utilizo o dicionário. Também procuro sempre o que o livro oferece; a definição, os objetivos, a função, a classificação e por aí...dos conceitos mais simples para os mais complexos. Estas estratégias utilizo em todas as disciplinas! Tento procurar não cometer erros na escrita; investigando e escrevendo mais...(S2)</i></p> <p><i>Quando encontro palavras novas, se estiver a ler sem o dicionário...Tive de ultrapassar isso, passando a usar o dicionário. Tenho utilizado a técnica de aprender cinco palavras novas a cada dia.</i></p>

		<p><i>Às vezes leio...mas aqui na instituição é tudo muito corrido...posso tirar 20 ou 30 minutos para a leitura, mas não serão suficientes. Então, as vezes, tenho dificuldades para perceber, mas tento tirar 10 a 15 minutos para fazer uma leitura, nem que seja um parágrafo. Uso o dicionário, consulto os meus colegas, docentes ou pessoas próximas...(S3)</i></p> <p><i>As dificuldades são várias...têm mais a ver com o significado das palavras.... Uma vez que sou obrigado a recorrer ao dicionário.</i></p> <p><i>Primeiro recorro ao dicionário, ou talvez pergunte a algum colega presente. Leio alguns livros, jornais...(S4)</i></p> <p><i>Bem, quando leio uma matéria as dificuldades que tenho é interpretar, fazer a interpretação do texto...Tem sido um pouco complicado....muitas vezes, tenho de ler duas, três vezes para entender...</i></p> <p><i>De quando em vez, leio um livro.... Para ganhar, talvez, o gosto à leitura ....só começo, não termino...nem chego ao meio! Relendo e, se calhar, pedir auxílio a alguém que já leu e entendeu.(S5)</i></p> <p><i>Não encontro assim muitas dificuldades na leitura.... Só em relação ao Novo Acordo Ortográfico é me complica um pouco!</i></p> <p><i>Tenho lido alguns livros....tento melhorar... Na caserna, sozinho, procuro entender a matéria...(S6)</i></p> <p><i>As maiores dificuldades são em relação ao desrespeito aos sinais pontuação.... particularmente ao uso da vírgula.</i></p> <p><i>Tenho estudado a gramática e outras coisas... que também ajuda é o diálogo com os colegas. Asseguro-me que esteja calmo, aí pego o texto e faço a leitura...(S7)</i></p> <p><i>Depende do tipo de texto, porque algumas vezes fico entediada...com sono, com uma certa preguiça...Tenho lido, mas não o suficiente, porque o tempo aqui é escasso.... A maior parte do tempo tenho de exercitar as disciplinas nucleares do curso...Por dia procuro sempre tirar 30 minutos a 1 hora para a leitura. Se ficar entediada, paro e mais tarde, dou continuidade.(S8)</i></p>
--	--	--

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
<p>V- Apreciação do desempenho linguístico</p>	<p>5.1. Dificuldades escrita/oral</p>	<p><i>As dificuldades são mais ao nível da oralidade, mas também tenho alguns problemas na escrita. Sim, paro sempre para pensar quando escrevo... para organizar a frase, o texto.... Na oral há, às vezes, a tendência de usar a gíria, encurtar as palavras; como aqui fazem...Por vezes, sem querer, dizemos alguma coisa, que já não controlamos...É sempre bom aperfeiçoarmo-nos cada vez mais, por mais que tenhamos noção da situação ou dominamos algo, é sempre bom aperfeiçoarmo-nos mais...Antes de escrever, temos de parar e refletir acerca daquilo que vamos escrever...então, a escrita é muito difícil, é muito difícil... mas não é nada que com uma boa leitura e com domínio da gramática não se resolve a situação.(S1)</i></p> <p><i>Vou frisar sempre que as dificuldades são na expressão escrita...devido à evolução da língua. Penso em enriquecer e aperfeiçoar o meu vocabulário. Acredito que, no nível em que me encontro, há termos que já não deveria usar! As dificuldades na escrita sempre serão maiores que na oralidade, porque as palavras estão sempre a evoluir...escrever uma palavra nova é mais difícil que pronunciar-la...a escrita para mim é um pouco mais complicado. (S2)</i></p> <p><i>Na expressão oral...na expressão oral preciso mesmo muito..Tenho de cultivar mais em mim o hábito de leitura, para que possa ter as palavras certas, dizê-las no momento certo, com as pessoas certas! As maiores dificuldades são no domínio da escrita...Para a oralidade, encontro dificuldades quando tenho de apresentar um tema e não me preparo previamente... perco-me e depois questiono-me; será que falei bem, será que falei mal...as palavras fogem...Na expressão escrita as ideias aparecem mais facilmente, pois não há tanta pressão...você vai escrever aquilo que lhe vai na mente...vou procurar dar sentido àquilo que estou a escrever.(S3)</i></p> <p><i>As maiores dificuldades têm a ver com a linguagem usada, pois no contexto em que nos encontramos, usamos muito calão, muita linguagem abreviada.... Não usamos uma terminologia adequada ao nível em que nos encontramos. Na expressão oral as dificuldades têm a ver com o meu sotaque... os meus colegas ficam a rir do meu sotaque.... Penso que preciso de melhorar a minha linguagem... adequar os termos que uso ao meu nível académico.(S4)</i></p> <p><i>Tenho maiores dificuldades ao nível da expressão oral. Bem, as</i></p>

		<p><i>dificuldades de escrita são poucas... digo que escrevo melhor em relação à fala...na oralidade fica muito difícil, as vezes, cumprir as regras... você assusta e já falou de forma errada, tenta corrigir, mas já falaste! Preciso de melhorar a leitura, ler mais. Quanto tenho matéria nova fica difícil ler os conteúdos teóricos.(S5)</i></p> <p><i>As maiores dificuldades são do domínio oral, com a minha pronúncia...Na oral tenho muitas dificuldades por causa da pronúncia, da forma de falar...Na sala dizem que falo mal....mas na escrita, já não tenho nenhum problema mesmo.Penso que preciso de melhorar a minha pronúncia.(S6)</i></p> <p><i>As minhas maiores dificuldades são na oralidade. Também preciso de aprofundar o conhecimento da gramática. (S7)</i></p> <p><i>As minhas maiores dificuldades são na expressão oral. Tenho também dificuldades na escrita, porque há certas palavras, quando o professor fala você acha que escreveu corretamente, mas depois vais ver que não...Acho que preciso de me expressar melhor!(S8)</i></p>
<p><b>5.2</b></p> <p><b>Rendimento acadêmico</b></p>		<p><i>Acho que seria uma escala de bom.(S1)</i></p> <p><i>Se fizer uma análise percentual, numa escala de 0 a 100%, posso dizer que 70%. Apenas 30% é o que preciso de melhorar...(S2)</i></p> <p><i>É complicado...diria uns 40%, preciso de melhorar muito!(S3)</i></p> <p><i>Não têm influenciado no meu rendimento acadêmico! De modo algum! Numa escala de 0 a 100%, dou entre 50 a 65%.(S4)</i></p> <p><i>Essas dificuldades não digo que têm influenciado muito, mas um pouquinho... É aquilo que já referi anteriormente, quando você não consegue fazer uma boa interpretação, fica difícil dar solução a um problema. De 0 a 100%, acho que 50%.(S5)</i></p> <p><i>Não têm influenciado. Não acho que esteja muito mal... No meu país não tenho problemas... Mas aqui falam da minha pronúncia.(S6)</i></p> <p><i>Por enquanto penso que não têm influenciado. O maior problema é no uso dos sinais de pontuação.(S7)</i></p> <p><i>Não tem tanta influência assim.... porque, normalmente, procuro corrigir o erro e, em caso de dúvida, consulto o dicionário. Numa escala de 0 a 100, acho que 70 por cento (S8)</i></p>

	<p><b>5.3.</b> <b>Orientações</b></p>	<p><i>Os professores dizem-me para aprofundar o estudo da gramática.(S1)</i></p> <p><i>Aconselham que quando damos erros, devemos procurar não voltar a dar os mesmos erros, devo me interessar em corrigir e não persistir no erro. Também têm aconselhado à leitura e a prática de escrita.(S2)</i></p> <p><i>Uma recomendações é ler bastante, porque quando lemos conseguimos captar algumas palavras e te dá a habilidade de escrever melhor...quanto à expressão oral, treinar em frente ao espelho, entre os colegas, fazer gravações...para termos a noção de como falamos diante de uma plateia.(S3)</i></p> <p><i>As recomendações para organizar melhor as ideias do texto, estruturar o texto, saber distinguir a informação essencial da acessória...(S4)</i></p> <p><i>Têm aconselhado a leitura, muita leitura de livros e revistas e visualização de televisão (programas educativos).(S5)</i></p> <p><i>Para ler mais e respeitar os sinais de pontuação...(S7)</i></p> <p><i>Para ler mais, ler ajuda muito.... melhorar a pontuação, saber relacionar as ideias; a iniciar e terminar os parágrafos, saber quando uma ideia chegou ao fim e iniciar outra... (S8)</i></p>
	<p><b>5.4.</b> <b>Constrangimentos</b></p>	<p><i>Como sou cabo-verdiana e apenas tive o primeiro contacto com o português na escola, esse foi o primeiro problema cá para me relacionar com as pessoas; mesmo falando o português...no início foi bem difícil... praticamente nas primeiras duas semanas fiquei muda aqui...ficava a observar, a ouvir, tentando “meter em prática”, mas só na minha mente...só! Depois disso comecei a conversar com as pessoas...Desde o início, o problema que falam na turma é o sotaque que, por vezes, poderá tornar tudo difícil...nunca pensei nisso, nunca tinha pensado nisso antes, só depois de ter chegado cá...os colegas, as vezes, riem-se por causa do meu sotaque. Mas eu creio que o sotaque não seja um problema, se dominas bem a gramática, o funcionamento da língua...o sotaque vai se tornar um nada! Em todo o mundo vamos encontrar diferenças no sotaque...agora já não ligo, já ultrapassei isso! (S1)</i></p> <p><i>Honestamente falando, posso referir que algo que me deixou abalado, no Ano de Preparação Militar Geral, foi não ter dispensado à Língua Portuguesa...acho que tinha de dar mais...fiquei um pouco limitado com as notas obtidas!(S2)</i></p>

		<p><i>Sim, na disciplina de língua portuguesa... O ano passado obtive 9,5 e não dispensei...o facto de estar tão próximo e não dispensar! Mas cometi algumas falhas e tive de ir a recurso! Fui a recurso, consegui ultrapassar as dificuldades e transitei... Senti-me orgulhoso!(S4)</i></p> <p><i>Só nas defesas de trabalhos, nas defesas de projetos fico um pouco nervoso...(S6)</i></p>
--	--	--

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
<p>VI- Transversalidade da língua portuguesa</p>	<p>6.1. Competências linguísticas e sucesso académico</p>	<p><i>Creio que a língua portuguesa seja a base de tudo, de todas as outras disciplinas; pois estão todas interligadas. Se a pessoa domina a língua portuguesa, nunca e em momento algum, irá ter aquela interferência ao nível da comunicação; a comunicação irá ser facilitada. Eu penso que os maiores problemas estão mesmo na comunicação; na forma como é transmitida e como é recebida a informação; tanto do professor como do aluno. Os professores das outras disciplinas deveriam ter uma maior preocupação na transmissão dos conteúdos. Há que ter o domínio da língua portuguesa para que a informação transmitida passe....então, essas áreas estão todas interligadas.(S1)</i></p> <p><i>Tem uma grande relevância, porque a pessoa que tem dificuldades em se expressar e em escrever, não vai conseguir transmitir a informação, nem vai entender a informação que lhe é transmitida; ou seja, terá uma fraca capacidade de entendimento, fraca capacidade de interpretação e compreensão...(S2)</i></p> <p><i>Se não souberes te expressares, não souberes ouvir; dificilmente vais perceber quem vem te ensinar, não vais perceber a matéria...Temos de saber ouvir, temos de saber “armazenar” e entender aquilo que o professor diz; para que possamos entender a matéria de uma ou de outra disciplina.(S3)</i></p> <p><i>Bem, o desempenho da língua portuguesa está diretamente relacionada à compreensão e interpretação em outras disciplinas.(S4)</i></p> <p><i>Sinto que a língua portuguesa é a chave de tudo; apesar de dizerem que é a matemática... Penso que quem domina a língua portuguesa consegue adquirir e construir conhecimento em outras disciplinas com mais facilidade. É a partir da competência linguística que conseguimos atingir certos patamares noutras disciplinas, ter sucesso em outras cadeiras.(S5)</i></p> <p><i>O português está em todas as disciplinas.... Têm algo em</i></p>

		<p>comum...(S6)</p> <p><i>A língua portuguesa é importante, porque se você não tiver domínio da língua, não vai entender as outras disciplinas...o professor vai explicar e você não vai perceber...(S7)</i></p> <p><i>O português está em todas as disciplinas; podemos dizer que é o centro e as outras são as ramificações. Se tivermos domínio da língua portuguesa perceberemos melhor as matérias, há uma melhor compreensão, interpretação...(S8)</i></p>
	<p><b>6.2.</b></p> <p><b>Competências linguísticas e integração socio profissional</b></p>	<p><i>Há uma palavra que usam muito, culto ou culta. Penso que a pessoa culta é aquela que tem o domínio de várias áreas. Então, hoje, nas sociedades há muito aquela coisa da discriminação; normalmente, quem tem mais ou quem sabe mais é aquela que fica no topo e quem sabe menos, normalmente, fica na base....é uma sociedade egoísta. Penso que, hoje em dia, tudo o que fazemos ou pensamos em fazer é apenas para superar os outros... há muita competição... Então, a tendência é fazermos isso para ser melhor que o fulano, só assim será aceito na sociedade...então, uma pessoa que domina a língua portuguesa será bem vista na sociedade. As pessoas que a vêem e ouvem quererão estar perto dela, porque tem muito a dar e conhecer... (S1)</i></p> <p><i>Penso que será um indivíduo muito respeitado, porque a forma de estar e de proceder com os demais profissionais será de um jeito idóneo...a pessoa que se expressa bem e escreve bem, tem um comportamento diferente dos demais; isso vai levar com que seja respeitado. Também fará com que seja um bom comunicador, um bom analista!(S2)</i></p> <p><i>Saber falar, saber ouvir, saber estar...eu acho que são princípios que todos devemos ter... Então, é muito importante que tenhamos competência linguística, para que saibamos nos integrar na sociedade. Se eu não tiver competência linguística, não me poderei impor...ninguém me vai escutar. Então, é muito importante ter esta habilidade.(S3)</i></p> <p><i>A relevância é grande, pois se formos a um sítio e as pessoas constatarem que não temos domínio linguístico, vão se questionar onde esse fulano se formou!?(S4)</i></p>

	<p><i>Penso que uma pessoa que tenha competência linguística é alguém que está pronta, preparada para interagir no meio em que está inserido.... É uma pessoa que consegue dar solução a certos problemas.(S5)</i></p> <p><i>É importante, porque nos vai ajudar em todos os setores da sociedade; isso porque a competência linguística vai se refletir em diferentes áreas. (S6)</i></p> <p><i>Sim, de facto, a língua portuguesa durante e após a minha formação vai ser importante, sempre! Como Moçambique integra os PALOP, vou usá-la sempre...para toda a vida.(S7)</i></p> <p><i>A influência da competência linguística na integração socioprofissional é relevante, na medida em que você quando vai para um determinado emprego está inserido naquele meio e a comunicação será muito importante entre todos naquele círculo para que tudo corra bem!(S8)</i></p>
--	---

<b>Entrevista</b>	<b>Área de formação</b>	<b>Cargo que ocupa na instituição</b>	<b>Tempo que está no cargo</b>
E1	Médica	Chefia	5
E2	Ciências Militares	Chefia	5
E3	Ciências da Educação	Docente	9
E4	Ensino	Docente	4

ENTREVISTA E1

**1. Gostaria que falasse sobre o processo de recrutamento e seleção dos cadetes que ingressam no I.S.T.M.**

R: O processo de ingresso dos cadetes ao I.S.T.M tem condições pré-definidas que já vêm estatuídas desde antes da minha entrada. Concordar ou não... nós somos militares e cumprimos o que está estatuído. O processo de ingresso é voluntário e é dirigido a todas as províncias do país, para os indivíduos dos 18 aos 21 anos, na condição de ser militar até aos 24 anos, que tenham o 12º ano concluído para as ciências exatas e biomédicas, a segunda é ser angolano, porque nós temos convênio com países com quem colaboramos, cooperação no âmbito das Forças Armadas Angolanas. Os candidatos têm ingresso mediante documentação própria que é exigida na condição para ser militar e são submetidos a um exame de acesso, por um lado e, por outro, a condição de militar obriga que sejam submetidos a exames médicos para definição da aptidão. Agora se há pressupostos, rigores que deveriam ser melhor avaliados, melhor analisados, portanto são questões internas que nós depois veremos.

**2. Passaremos agora a abordar questões que se relacionam com a competência linguística. Gostaria que começasse por falar sobre o que entende por competência linguística?**

R: Há uma expressão que eu gosto .... a expressão que diz que analfabeto não é só aquele que não sabe escrever, que não sabe ler(...) Eu considero também analfabeto aquele que não sabe perceber, não sabe interpretar, não entende o que se escreve e aí entra essa definição da importância linguística. A língua é que nos une, a língua é que nos dá a capacidade de percepção das coisas e nós, por vezes, entramos num erro(...) todos nós de expressão portuguesa temos uma língua comum de entendimento que é o português (...) ora se nós não dominamos a literatura científica que existe para nossa amplitude do conhecimento e se não tivermos capacidade e domínio linguístico, não conseguimos aprender, não formamos ninguém... daí a importância do domínio da língua portuguesa, da importância da linguística e quando digo linguística é tudo, é uma abrangência; desde o escrever, o falar e o entender. Se nós não escrevermos bem, se não falamos bem, vamos escrever da forma que falamos... É torturante ter um aluno sentado numa sala que não percebe o que nós estamos a dizer.

**3. Sabemos que os cadetes que ingressam cá aqui na instituição vêm de diferentes províncias até de países amigos e tem formações de base distintas. Como avalia o grau de competência linguística desses cadetes?**

R: Esses cadetes vêm de várias províncias, mas uma coisa é a competência linguística que é o entendimento, a percepção e a escrita, isto tem de ser rigoroso e a outra coisa é a fonética... o som da palavra não é erro na escrita... Dependendo das regiões onde provêm os alunos temos expressões fonéticas diferentes da mesma palavra... distinta pronúncia...

**4. Sabemos que alguns cadetes tiveram o português como língua materna e outros o primeiro contato que tiveram com o português terá sido na escola. Gostaria que falasse sobre a relação deste facto com o sucesso ou insucesso académico.**

R: Eu quase que não relaciono o sucesso ou insucesso académico dos cadetes com o domínio linguístico. Quando eles passaram pela escola, quando eles fazem até o 12º ano em língua portuguesa e nós irmos buscar o facto de que a sua língua nacional, sua língua materna tenha sido por exemplo o Kimbundu ou Umbundo, mas permitiu fazer o 12º ano, acho que não relação nenhuma... Quando nós chegamos ao décimo segundo ano já sabemos perceber, interpretar e pronunciar corretamente. Isto é um falso problema quando dissemos que nasceu com outra língua e chegou ao 12º ano, são 12 anos a estudar em português, 12 anos para quem entrou para a escola com seis anos e leva 12 anos e não aprendeu o português... Portanto quando se diz que é questão da língua materna... isto é um bluff terrível!

**5. Até que ponto considera que a competência linguística do indivíduo pode influenciar na sua integração socioprofissional?**

R: Infelizmente pode, porque a primeira avaliação para um concurso público é o concurso escrito -no concurso escrito, independentemente dos seus conhecimentos profissionais, o que eu vou avaliar primeiro é a sua redação, depois fazer uma entrevista verbal...ninguém vai fazer uma entrevista que leve depois a ver um doente, interpretar umas análises ,se ele não consegue falar corretamente.... Ou como é que eu vou levar este senhor para um laboratório de mecânica, quando ele não consegue dizer o que lá vai fazer, não consegue entender o que eu estou a dizer. Tem grande influência e a minha grande preocupação é a de formar técnicos empíricos... Há três coisas que a gente deve ter sempre presente quando está numa instituição como a nossa. Uma coisa é educação, educação é um processo que permite mudanças voluntárias de comportamento, isto é, educar a pessoa para mudanças voluntárias de comportamento e depois temos a formação, quando se termina o 12º ano. No ciclo secundário dão-nos a formação, por isso é que se chama ensino médio e outros chamam profissionalizante, porque dá-nos competências e habilidades.... Depois vem o ensino superior, que já é diferente da educação e da formação. As causas, os porquês quando eu termino uma licenciatura; não faço nada sem saber a causa se não é empírico... Esta é a grande diferença das três fases na constituição do homem em si, para o futuro, para ele enfrentar a sociedade, só assim é que vai poder contribuir para o desenvolvimento, porque enquanto eu for empírico não vai contribuir para desenvolvimento algum! Costuma-se dizer que o bom líder, o bom chefe é aquele que quando sai a sua atividade continua, porque ele ensinou a fazer os porquês..

**6. Até que ponto entende que existe um problema em termos de competência linguística a nível dos cadetes que ingressam na instituição?**

R: Existe, em todos os níveis... Por mim, nas provas de acesso devia-se fazer um teste de redação... porque eles vêm estudar em livros em português. (...) não sabe interpretar, vou dar

um livro a um individuo que não sabe interpretar e depois vou dar-lhe o titulo de engenheiro, se nem sequer conseguiu interpretar os livros de engenharia

**7. Gostaria que se pronunciasse sobre a adequação da carga horária semanal atribuída a disciplina de língua portuguesa.**

R: Acho que no primeiro ano a Língua Portuguesa, para mim, tinha de ir do primeiro ao fim. Uma frequência semanal é pouca... água mole em pedra dura tanto bate até que fura! Eu falo mesmo pela questão da medicina, porque eles quando saem daqui e vão para o hospital, têm um exercício logo no terceiro ano que é a História Clínica. Têm de interpretar o que o doente diz e redigir por palavras próprias... É aí onde eles mais reprovam, por isso eu estou muito preocupado, porque se nós pegamos a nível do hospital numa História Clínica, vamos encontrar erros grandes, erros inadmissíveis... Vão para o hospital e não sabem escrever uma História Clínica...

**8. De entre as estratégias que a instituição tem implementado visando colmatar as dificuldades dos alunos com deficiência à Língua Portuguesa, quais lhe parecem mais relevantes?**

R: Penso que a inserção da disciplina de Português visa reduzir essas debilidades... mas deveria ir até ao último ano...

**9. Que outras estratégias acha que poderiam ser adotadas ?**

R: A organização de colóquios, workshops, jornadas e uma semana de olimpíadas da escrita, mas temos de aumentar o número de horas de ensino da Língua Portuguesa!

## **ENTREVISTA E2**

**1. Gostaria que falasse sobre o processo de recrutamento e seleção dos cadetes que ingressam no I.S.T.M.**

R: O processo decorre da seguinte maneira; os candidatos que reúnam condições em termos de critérios de admissão concorrem, inscrevem-se e aqueles que tiverem perfil de entrada; o 12º ano concluído, idade definida por decreto dos 18 aos 21 anos no caso dos candidatos que provem da vida civil e até aos 24 anos para os candidatos militares. Concorrem e são submetidos a um exame de admissão nas áreas de Ciências Exatas e Ciências Médicas. Para os candidatos de Engenharia são submetidos a provas de matemática, física e química e para os de Medicina realizam provas de biologia, química e física. Os candidatos aptos são convocados para efetuar uma inspeção médica, ao fim da qual são selecionados os que não tiverem nenhuma patologia passível de serem eliminados à luz daquilo que é o regulamento de aferições médicas vigente nas Forças Armadas depois da inspeção médica são submetidos à uma recruta- uma instrução militar básica com duração de noventa dias, fim da qual juram a bandeira e depois têm um período de férias de um mês para retemperar energias e serem submetidos a um período de aulas. O Ano de Preparação Militar é um ano de vida que visa, essencialmente, fazer com que se conformem os conhecimentos adquiridos ao longo do ensino

médio dando maior ênfase às disciplinas fundamentais das áreas de formação que eles pretendem seguir: áreas de engenharia e área médica e é dada uma ênfase em disciplinas de Formação Militar para que, no ano seguinte possam começar o primeiro ano das suas licenciaturas com alguma base consolidada. O objetivo do APMG é, essencialmente, fornecer bases consolidadas nas áreas de matemática, física e química - para os candidatos de Engenharia e na área de biologia, química e física- para os candidatos de medicina, bem como a componente de formação militar. Dá-se também um pendor naturalmente à Língua Portuguesa, porque nós vemos que língua portuguesa é fundamental na formação dos futuros oficiais do quadro permanente das Forças Armadas Angolanas. Estes nossos oficiais serão comandantes, serão chefes e vão lidar com homens, têm que ter o domínio da língua, têm que ter competência comunicativa. O trabalho que está a elaborar fala sobre a competência comunicativa e penso que o nosso objetivo é que os nossos futuros oficiais tenham competência comunicativa, que é a capacidade de perceber, saber escrever, ler em condições e interpretar pensamentos na forma escrita e oral. Penso que há este objetivo dentro daquilo que são os objetivos fundamentais na formação dos nossos futuros oficiais das Forças Armadas Angolanas.

**2. Passaremos agora a abordar questões que se relacionam com a competência linguística. Gostaria que começasse por falar sobre o que entende por competência linguística?**

R:Eu entendo que competência linguística é, no sentido lato, a capacidade que um indivíduo tem de conseguir transmitir uma determinada mensagem e ser percebido por quem está a ouvir.

**3.Sabemos que os cadetes que ingressam cá aqui na instituição vêm de diferentes províncias até de países amigos e tem formações de base distintas. Como avalia o grau de competência linguística desses cadetes?**

R:Eu posso dizer que a competência linguística difere de zona para zona, pese embora no caso concreto dos alunos oriundos da República de Angola, no seu leque de formação até à conclusão do ensino médio, considero que esses alunos têm formação linguística suficiente para terem competência linguística. Mas há sempre um mas, na prática não se tem verificado isto, porque temos encontrado digamos assim erros de base que depois temos que tentar driblá-los ao longo da formação que eles vão tendo na nossa instituição. O mesmo também se verifica com os alunos provenientes dos países amigos, particularizando a República de Cabo-Verde onde podemos assim dizer que não temos tido assim em termos de perceção não temos tido grandes problemas, mas com os alunos da Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé também temos os mesmos problemas...

**4.Sabemos que alguns cadetes tiveram o português como língua materna e outros o primeiro contato que tiveram com o português terá sido na escola. Gostaria que falasse sobre a relação deste facto com o sucesso ou insucesso académico.**

R:Eu penso que para ter sucesso acadêmico primeiro é preciso que saibamos perceber e a capacidade de pressão das coisas, depende muito do conhecimento aprofundado da língua que temos, portanto se um indivíduo não tiver a competência comunicativa ele não está em condições de perceber a mensagem que está ser passada. Eu penso que este mosaico etnolinguístico que temos cá no país tem sido uma barreira, naquilo que é a capacidade intelectual dos nossos alunos, portanto penso que é algo para nós, temos que encontrar formas de resolver e já vimos que uma das formas de resolução é potencializando mais cada vez mais a carga em termos de ensino da língua portuguesa. Achamos nós que precisamos de corrigir isto, que os nossos alunos vêm sim com algumas debilidades que nós também já denotamos que provêm, fundamentalmente, do facto de eles não começarem logo em tenra idade a pensar e a falar em português coisa que eles só começaram, alguns em grande numero, a fazê-lo quando começaram a estudar, portanto é um problema que nós temos que resolver e estamos a trabalhar no bom caminho para a sua resolução!

**5. Até que ponto considera que a competência linguística do indivíduo pode influenciar na sua integração socioprofissional?**

R:Em todos os aspetos, um indivíduo que não tem competência linguística naturalmente que não consegue interagir no meio social em que está inserido, porque não consegue transmitir a sua mensagem da melhor maneira possível e também não consegue perceber a mensagem que é transmitida, portanto, devemos investir na competência linguística e na competência comunicativa também para que consigamos então nos inserir no meio social em que vivemos. portanto, verdade posso aqui fazer um aparte nos podemos dizer também que vivemos num mosaico cultural onde existem vários idiomas e os nossos futuros oficiais vão ter de interagir neste mosaico cultural portanto, para além da competência linguística em português podemos dizer também por vezes é necessário eles terem competência linguística nos outros idiomas para poderem passar a mensagem porque o objeto social que eles vão encontrar no mercado de trabalho poderá ser digamos assim semelhante a eles quando entraram para nossa instituição é preciso que eles têm a capacidade de se comunicar em português, é fundamental mas também temos que equacionar a hipótese do começamos a pensar ter outras competências linguísticas dos idiomas falados no país para poderem passar a sua mensagem no exercício de suas atividades laborais.

**6. Até que ponto entende que existe um problema em termos de competência linguística a nível dos cadetes que ingressam na instituição?**

R:Eu considero que é notório e fundamentalmente porque naquilo que é a capacidade de escrita dos alunos, por vezes, nós temos tido dificuldades em perceber aquilo que nossos alunos escrevem, por vezes nós temos dificuldade em perceber a forma como eles se exprimem - quando digo exprimir, exprimir ideias que podem saber falar, mas não conseguem exprimir uma ideia, portanto, nós temos estes problemas no nosso seio e achamos que isto influencia direta e indiretamente no produto final em termos de formação dos alunos... nos alunos que aqui saem nós temos tido dificuldades fundamentalmente quando estão a fazer o

seu trabalho final do curso, porque denotamos que cometem erros de palmatória, porque leem pouco, escrevem mal e não conseguem exteriorizar as suas ideias para o papel. Há este tipo de problemas e nós temos de encontrar formas de os resolver... já foi encontrado o problema isto já é um passo para agora encontrar soluções e, quem sabe, no produto final de seu trabalho poderá ser uma das soluções para impulsionar e incentivar então a nossa instituição a poder tentar corrigir o mal que nos aflige!

**7. Gostaria que se pronunciasse sobre a adequação da carga horária semanal atribuída a disciplina de língua portuguesa.**

R: Eu penso que a carga horária atribuída à língua portuguesa inicialmente foi definida em função daquilo que o contexto atual em termos de planos curriculares exigia para os cursos de engenharia e, como deve imaginar instituições há e que formam engenheiros que não consta no seu plano curricular a língua portuguesa, portanto, nós já na perspectiva de tentarmos driblar problemas que achávamos que existiam em torno daquilo que é a percepção, interpretação e escrita achamos por bem fazer constar do nosso plano curricular a cadeira de língua portuguesa. Mas também neste momento já podemos dizer que as trinta horas semestrais parecem-nos ser poucas em função daquilo que é a realidade em termos de falta do conhecimento básico... verdade se diga que os alunos tinham de vir cá para nossa instituição com conhecimentos solidificados, nós estamos a ter de baixar o nível em termos de transmissão daquilo que é o programa de língua portuguesa para podermos então ensinar conceitos que os alunos já deviam ter apreendido no ensino de base e no ensino secundário, portanto eu penso que trinta horas semestrais não está mal, não está mal se os alunos viessem preparados, mas como os alunos não vêm preparados para aquilo que era o objetivo institucional podemos precisar de mais horas, mas não sei se será a solução! Porque eu penso é que temos que ser mais rígidos naquilo que é o processo de seleção e quem sabe fazer constar entre as provas de acesso uma prova de língua portuguesa; interpretação de texto e aqueles alunos que tiverem conhecimento solidificado nestas áreas é que devem entrar, portanto esse é o meu pensamento.

**8. Uma das estratégias que a instituição implementou visando colmatar essas dificuldades foi a inserção da disciplina da língua portuguesa nos anos iniciais, que estratégias acha que poderiam ser adotadas pela instituição?**

R: Eu penso que os alunos devem investir na sua formação, a instituição tem os alunos obviamente que quer os melhores e os alunos devem investir naquilo que é a sua formação nos devemos e podemos criar incentivos para que os alunos se interessem mais naquilo que é o que é o conhecimento que devem ter sobre a língua portuguesa, devemos criar atividades como semanas culturais de interpretação, elaboração de trabalhos sobre interpretação de texto, ou seja temos de criar incentivos que vão ajudar os alunos a se interessarem mais no estudo da língua portuguesa. Também tem muito a ver com a falta de interesse dos alunos, porque é preciso que o aluno tenha interesse; o que o aluno sabe, o que vai fazer num curso de engenharia e ele pensa que não precisa de saber português, só se apercebe que precisa de

saber português no final quando tem que escrever e ele vê que não sabe escrever em português, vê que não sabe interpretar aquilo que está a ler, porque ele mecanizou, ele andou a ter as matemáticas e físicas ele pensou que não era preciso interpretar; digamos assim o exercício, mas também é preciso, mas ele mecanizou tanto que se esqueceu de que amanhã poderá precisar então de interpretar outro tipo de temática e não consegue.... portanto eu penso que o aluno é o primeiro interessado, ele tem que estar interessado em querer saber português e nós instituição devemos ser rígidos para aqueles alunos que não sabem e não souberem não estar inseridos no nosso meio, portanto o objetivo é que eles saibam... dá-se as ferramentas, eles têm de saber, têm que ter interesse e só ficam cá aqueles que tiverem interesse.

#### **9. Gostaria de acrescentar algo ao que disse? Ficou com alguma dúvida?**

R: Acho que para aquilo que são os nossos objetivos em termos de transmissão de conhecimento, em termos de língua portuguesa eu acho que precisamos é de incentivar os alunos a terem maior interesse, porque o problema que se tem verificado concerne fundamentalmente na falta de interesse. Os alunos não têm interesse porque foram mentalizados de que um engenheiro não precisa de saber português ...porque ele é engenheiro tem que saber matemática física e química ....então ele não tem interesse nenhum... Temos que ser pragmáticos, temos ser mais rígidos com aquilo que é a língua portuguesa, porque não pode ser olhada como uma cadeira que todos os alunos passam.... Só passa aquele aluno que tem conhecimento, o que não tiver conhecimento reprova e não vamos ficar traumatizados porque um aluno reprovou a língua portuguesa, tem de reprovar porque não sabe... ele está aqui para saber sobre as coisas, não sabe reprova. Então temos de ser mais rígidos naquilo que é quem são os alunos que devem e os que não devem transitar de um ano para outro em todas as disciplinas... Eu acho que a língua portuguesa deve ser mais rígida e ai sim o aluno vai ter mais interesse, porque a mensagem vai passar, a mensagem passa precisamos de ser, digamos assim, mais assertivos que eles alunos vão compreender a nossa mensagem!

Muito Obrigado pela entrevista e pelo tempo concedido.

### **ENTREVISTA E3**

#### **1. Gostaria que começasse por falar sobre o que entende por competência linguística?**

R: Para definirmos esse conceito temos de separar em duas partes, primeiro falar do que são as competências quanto a mim acho que as competências são as capacidades que o indivíduo detém na abordagem de determinadas situações, portanto científica ou pode ser também de senso comum que para essas abordagem passarem a ser conhecimento científico. Quanto à linguística é a capacidade que o indivíduo tem em falar, dominar, expressar-se bem corretamente, então juntando essas duas partes podemos dizer que as competências linguísticas são as capacidades que indivíduo detém em expressar-se uma determinada língua, portanto quanto a mim acho que é isso...Partindo de que o universo dos nossos cadetes é um

universo diferenciado em termo de países porque somos todos da C.P.L.P excluindo Portugal que não tem aqui representatividade de cadetes, então cada um dos cadetes que ingressa na nossa instituição provem de diferentes áreas e essas áreas notavelmente que têm influencias linguísticas, nem todas usam o português como língua materna, por exemplo se nós abordarmos um cadete cabo-verdiano sentimos o sotaque da língua materna, língua materna de lá, portanto esse não é um fator que pode determinar o insucesso do aluno ou sucesso ...quer dizer para ter sucesso ou insucesso depende de vários fatores não é apenas o fator linguístico. Portanto eu creio que a originalidade de cada um não influencia no insucesso, se bem que para responder uma pergunta é preciso ter o domínio da língua, mas eu creio que eles domina o fator de falar com algum sotaque diferente de um país a outro representa o padrão de português que é falado na europa que é de Portugal mas aqui também temos as nossas influências por exemplo em África por exemplo quando um brasileiro fala sabemos que esta a falar português mas é diferente, mas não deixa que esse brasileiro não entenda aquilo que lhe é colocado por exemplo uma questão científica, por tanto eu acho que a competência linguística tem a ver com o insucesso ou sucesso, mas não é o fator linguístico que é determinante para o sucesso ou insucesso. Competência é uma coisa e fator linguístico são outras coisas!

**3.Sabemos que os cadetes que ingressam cá na instituição vêm de diferentes províncias até de países amigos e tem formações de base distintas. Como avalia o grau de competência linguística desses cadetes?**

R:Bem eu creio que avaliar taxativamente o grau das competências linguísticas é um pouco difícil, mas vou tentar dizer em minhas palavras para aqueles alunos ou cadetes que diariamente eu falo com eles eu acho que eles com a socialização que se faz aqui em Angola muitos tendem até aprender conosco, o nosso falar porque em Angola, por exemplo, praticamente aqui em Luanda falamos de uma maneira e quando tu vais por exemplo para o sul do país falam de outra maneira, mas todos nós temos o mesmo padrão, que é o português... o que difere apenas são as influências do sotaque, eu acho que não vejo que as influências ou as competências linguísticas sejam a base do insucesso dos nossos alunos, creio que não é esse o problema... O problema não é das capacidades ou das competências linguísticas não, tem a ver com aquele que transmite ao aluno aquilo que ele quer que esse aluno saiba ou aprenda, e ali podemos agora depois de o avaliar analisar se o aluno entendeu ou não entendeu a pergunta, portanto aquilo que eu disse eu sou professor de matemática... eu a colocar a minha pergunta diante de um estudante daqui do I.S.T.M, a minha pergunta é que tem de ter uma linguagem clara e simples e objetiva... Para que não haja dupla interpretação do mesmo conteúdo, é aí onde começa o nosso problema se eu trabalhar assim eu creio que o aluno vai entender vai compreender e irá resolver o exercício de matemática com maior clareza e creio que poderá ter boa avaliação

**4.Sabemos que alguns cadetes tiveram português como língua materna e outros o primeiro contato que tiveram com o português terá sido na escola. Gostaria que falasse sobre a relação deste facto com o sucesso ou insucesso académico.**

R:Creio que não, creio que não... porque partindo do pressuposto de quem aprende a língua portuguesa e quem nasce com a língua portuguesa, quer dizer, falando a partir de casa, creio que quando são submetidos nos níveis de escolaridade tudo é relativo... quer dizer que para se chegar ao I.S.T.M já passou por vários níveis de escolaridade... Um aluno que não reprovou durante o seu tempo de escolaridade, se está na idade real que são seis anos, creio que mais doze anos do ensino médio ou treze anos chegará aqui com dezoito ou dezanove anos e em dezanove anos um indivíduo aprende, em doze anos aprende, por isso não acho que haja diferença de quem nasça com a língua portuguesa como língua materna e quem aprenda o português na escola. Podemos submeter dois ou vários alunos com diferentes níveis, aquilo que falamos agora o parâmetro de quem usa a língua portuguesa como língua materna e aquele que aprendeu a língua portuguesa na escola se os submeter em teste pode até um superar o outro, tudo é relativo quanto a mim...Como o homem é um produto social e depende do meio em que está inserido, pode socializar-se muito melhor do que aquele que nasceu a falar o português...As vezes é isso... mas pela experiência da minha própria vida também não nasci na grande cidade, nasci na aldeia, se bem que falávamos as duas línguas em simultâneo, falávamos a língua materna (o Quicongo e falávamos o português), mas estou aqui e tenho boas referências como professor, não quer dizer que eu supero todos aqueles que eu encontrei na cidade, não, mas há aqueles que me superam e há aqueles que consegui superar, portanto tudo é relativo não tem nada a ver com insucesso... quer dizer que o insucesso dos alunos depende de vários fatores são vários mesmo... não depende só de um fator, se bem que a língua é determinante! Para se resolver um exercício deve-se saber, deve-se compreender o contexto, deve-se compreender o conteúdo... quer dizer são n fatores não é só a língua que é determinante para o insucesso não, são N fatores...

**5.Até que ponto considera que a competência linguística do indivíduo pode influenciar na sua Integração socioprofissional?**

R: Tudo depende daquilo que eu disse que o homem é um produto social depende do meio em que está inserido se realmente este meio o favorece e tem fatores que favoreçam que ele aprenda o mais rápido possível vai aprender, nos temos por exemplo aqui alguns professores estrangeiros eu conheci a pouco tempo a professora de química é zimbabwiana fala fluentemente o português e eu ate não estava acreditar que era estrangeira, não estava acreditar de fato mas quando ela propiá disse que eu não sou angolana sou zimbabwiana só a assim que eu acreditei por tanto eu não acho que o indivíduo ou desculpa... as competências linguísticas possam influenciar o indivíduo da proveniência de um determinado local de nascimento depende da socialização quer dizer depende do meio em que esta inserido este indivíduo se for inserido num meio em que lhe é favorável que ele aprenda que ele demonstre as suas capacidades então ele o fara com maior competência acredito eu ...

**6. Até que ponto entende que existe um problema em termos de competência linguística a nível dos cadetes que ingressam na instituição?**

R: Relativamente a esta questão se bem que não domino tão bem e não sou especialista em linguística, mas eu creio que a cadeira que eu leciono é uma cadeira posso bem dizer que a matemática é uma cadeira que tem uma linguagem internacional se entende e mesmo sem o domínio da língua pode-se aprender a matemática é o caso que nós temos aqui professores nossos companheiros professores cubanos falam, misturam o português com espanhol, mas desde que ensinam matemática; os alunos percebem, entendem e os que tem debilidade é porque já vêm com essas debilidades, por isso é difícil eu que não sou da área de linguística avaliar e responder exatamente esta pergunta porque a minha área de matemática pela experiência que eu tenho o domínio da língua não é um fator primordial para o sucesso e insucesso dos alunos, mas sim tem a ver como se expõe os problemas matemático! Então essa pergunta para mim está fora do meu domínio, da minha da minha área de trabalho...

**7. Gostaria que se pronunciasse sobre a adequação da carga horária semanal atribuída à disciplina de Língua Portuguesa, no 1º ano.**

R: Posso responder porque já faz parte da pedagogia portanto eu creio de acordo com vários seminários que já assisti, uma vez por semana não é suficiente para se aprender uma língua ou para que se melhorem as capacidades ou as competências desses cadetes que querem aprender ou melhorar a sua performance em termos linguísticos. Eu creio que os dois tempos são insuficientes... um tempo dois tempos semanais duas horas semanais, então acho que é insuficiente para mim acho que é insuficiente... Se tivesse pelo menos duas horas, duas frequências é melhor... cada frequência tem duas horas, não é isso? Então duas frequências seriam quatro horas melhor ainda para mim, essa é a minha opinião pessoal e de acordo a minha experiência acho que devia ter duas frequências

**8. Uma das estratégias para colmatar as dificuldades dos cadetes foi a inserção da disciplina da língua portuguesa nos anos iniciais, que outras estratégias acha que poderiam ser adotadas pela instituição?**

R: Creio que é uma estratégia bem-vinda! Esta para mim é a melhor via porque, sinceramente eu não sou professor de Língua Portuguesa, mas por exemplo quando eu faço a correção de provas consigo ler, consigo detetar que este aluno ou aquele tem debilidade ao escrever... Bom, também podemos introduzir palestras....

**9. Gostaria de acrescentar algo ao que disse porque nós terminamos às questões e ficou com alguma dúvida gostaria de acrescentar algo ao que conversamos.**

R: Bom não fiquei com dúvidas e é bem-vinda esta entrevista. Eu creio que o que disse poderá contribuir para a melhoria das condições aqui na nossa instituição!

## **ENTREVISTA E4**

**1. Gostaria que começasse por falar sobre o que entende por competência linguística.**

R: Competência linguística é a capacidade, as habilidades que o aluno tem para usar a língua de acordo às normas que essa mesma língua propõe.

**2. Como sabemos os cadetes que ingressam na instituição vêm de diferentes províncias e até de países amigos, com formações de base distintas. Como avalia o grau de competência linguística desses alunos?**

R: Isso é polémico... porque para avaliar o grau de competência linguística tínhamos de considerar o facto de que o português ser língua materna ou não materna e isto é uma coisa que não se fala muito cá em Angola, graças a Deus como também estou a fazer o mestrado, as pesquisas que fiz, com a ajuda do meu orientador consegui ficar com a ideia mais consolidada de que o português é língua não materna para nós. Logo porque as nossas estruturas são formatadas para falarmos as línguas bantus e não o português, o português veio interferir e não se discute isso... Não se discute mas a verdade é que isso tem causado muitos acidentes no seio do processo educativo, portanto existem muitos problemas nessa área a nível das competências linguísticas, não porque os estudantes não o saibam mas porque não há uma orientação, talvez se trabalhassem em paralelo com as línguas originais, os dialetos e a língua portuguesa... não é? ...se conseguisse resolver e compreender mais esses problemas.

**3. Sabemos que alguns cadetes tiveram o português como língua materna e outros o primeiro contato que tiveram com o português terá sido na escola. Gostaria que falasse sobre a relação deste facto com o sucesso ou insucesso académico.**

R: Isso é muito importante porque se o aluno não conhece o léxico da sua língua nunca terá sucesso académico, porque o conhecimento do léxico é que pode determinar o sucesso... O aluno tem de conhecer as palavras e conhecer uma palavra não é só conhecer o seu significado também é conhecer a fonética, a fonologia dessa palavra, a sintaxe... tudo isso condiciona a competência linguística do aluno.

**4. Até que ponto considera que a competência linguística do individuo pode influenciar a sua integração socioprofissional?**

R: Evidentemente que sim porque no meio socioprofissional o aluno vai ter que ter a capacidade de usar a língua de forma profícua, vai ter que mostrar que possui essas habilidades, essas aptidões, conhecimentos que ele adquiriu da língua vai ter de pô-los em prática e se não tiver competência não é, mesmo o simples facto de não conseguir dizer uma palavra vai limitá-lo.

**5. Até que ponto entende que existe um problema em termos do Competência linguística ao nível dos alunos que ingressam na instituição?**

R: Isso é um problema muito grande que nós temos enfrentado... Isso é um problema muito grave e eu e eu creio que esse problema que os nossos alunos tem já vem de base, vem de

base ainda anteontem ouvi alguém dizer a queixar-se e a interrogar-se porque que os alunos que apresentam dificuldades em todos os níveis mas só os professores universitários é que se queixam? Claro, evidentemente! Porque a nível superior nós esperamos alunos com determinadas competências e eles não as trazem, não é?! Há um estudo, uma obra de Duarte, não me estou lembrar agora o nome não sei se é desenvolver a consciência lexical qualquer coisa assim... em que ela diz que essa competência linguística, essas bases devem ser introduzidas a competência lexical está muito associada a competência linguística porque é o ensinante a saber falar isso deve ser trabalhado desde o ensino de base e quando nós saltamos etapas que o que se faz cá em Angola...Eu estudei em Portugal e lembro-me que os professores universitários já estavam espera que nós trouxemos determinadas competências e eles diziam mesmo isso e que mesmo enquanto andei a fazer o estágio, fiz estágio lá... também fomos ensinados assim nós temos que trabalhar essas competências porque antes de entrarem para a universidade têm que chegar lá assim e nós também temos que começar a ver as coisa nessa perspetiva.

**6. Gostaria que se pronunciasse sobre a adequação da carga horária semanal atribuída a disciplina de língua portuguesa.**

R: Bem ... acho que os que entram para Ano de Preparação Militar estão melhores do que aqueles do primeiro ano. Os do primeiro ano têm dois tempos semanais... Isso não chega para nada, é insuficiente... Os do Ano de Preparação Militar estão mais avantajados, são mais privilegiados em relação a isso e mesmo tendo em conta o número de alunos que as turmas têm isso não ajuda em nada ... Há um estudo do Azevedo, Flor Azevedo que fala nisso na carga horária e os tempos letivos... as turmas são muito cheias e os tempos não chegam, é preciso considerarmos isso tudo não é... pelas dificuldades que os nossos alunos trazem... é muito complicado trabalharmos com eles individualmente. O trabalho de grupo tem sido uma das propostas na qual tenho apostado ultimamente para ver se conseguimos tirar algum proveito no processo de ensino.

**7. Uma das estratégias que a instituição implementou visando colmatar essas dificuldades foi a inserção da disciplina da língua portuguesa nos anos iniciais, que estratégias acha que poderiam ser adotadas pela instituição?**

R: Eu penso que o ideal seria mesmo estender o português até ao fim do curso porque não faz sentido ter o português só até ao primeiro ano ou junto os de medicina terem até ao segundo ano, isso é como lançarmos a semente e depois não a regarmos... penso que o português devia ser estendido até ao fim do curso e dar-se mais atenção, não é? Tentar arranjar projetos, não sei, talvez oficinas de escrita de forma a melhorarmos mesmo mais, aperfeiçoarmos o trabalho com os alunos e melhorarmos essas debilidades....

**8. Gostaria de acrescentar algo ao que disse? Ficou com alguma dúvida?**

R: Gostaria mesmo que os estudos sobre o português cá em Angola comesse a ser abordado... estudos sobre o português ser língua materna ou não materna fossem mais

aprofundados, que houvesse mais consciência disso, porque só a partir daí, só a partir dessa delimitação, dessas balizas é que nós vamos ter um trabalho proveitoso.

Muito obrigada! Muito obrigada, professor

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
I- Processo de ingresso na instituição	1.1. Recrutamento de cadetes	<p><i>O processo de ingresso dos cadetes ao I.S.T.M tem condições pré-definidas que já vêm estatuídas desde antes da minha entrada. Concordar ou não... nós somos militares e cumprimos o que está estatuído. O processo de ingresso é voluntário e é dirigido a todas as províncias do país, para os indivíduos dos 18 aos 21 anos, na condição de ser militar até aos 24 anos, que tenham o 12º ano concluído para as ciências exatas e biomédicas, a segunda é ser angolano, porque nós temos convênio com países com quem colaboramos, cooperação no âmbito das Forças Armadas Angolanas (E1)</i></p> <p><i>O processo decorre da seguinte maneira; os candidatos que reúnam condições em termos de critérios de admissão concorrem, inscrevem-se e aqueles que tiverem perfil de entrada; o 12º ano concluído, idade definida por decreto dos 18 aos 21 anos no caso dos candidatos que provêm da vida civil e até aos 24 anos para os candidatos militares (E2)</i></p>
	1.2. Seleção de cadetes	<p><i>Os candidatos têm ingresso mediante documentação própria que é exigida na condição para ser militar e são submetidos a um exame de acesso, por um lado e, por outro, a condição de militar obriga que sejam submetidos a exames médicos para definição da aptidão. Agora se há pressupostos, rigores que deveriam ser melhor avaliados, melhor analisados, portanto são questões internas que nós depois veremos (E1).</i></p> <p><i>Os candidatos concorrem e são submetidos a um exame de admissão nas áreas de Ciências Exatas e Ciências Médicas. Para os que pretendam seguir cursos de Engenharia são submetidos a provas de matemática, física e química e para os de Medicina realizam provas de biologia, química e física. Os candidatos aptos efetuam uma inspeção médica, ao fim da qual são selecionados os que não tiverem nenhuma patologia passível de serem eliminados à luz daquilo que é o regulamento de aferições médicas vigente nas Forças Armadas. Depois são submetidos à uma recruta- uma instrução militar básica com duração de noventa dias, fim da qual juram a bandeira e depois</i></p>

		<p>têm um período de férias. Depois iniciam serem submetidos um período de aulas - o Ano de Preparação Militar que visa, essencialmente, fazer com que se conformem os conhecimentos adquiridos ao longo do ensino médio dando maior ênfase às disciplinas fundamentais das áreas de formação que eles pretendem seguir: áreas de engenharia e área médica. Dá-se também um pendor naturalmente à Língua Portuguesa, porque nós vemos que língua portuguesa é fundamental na formação dos futuros oficiais do quadro permanente das Forças Armadas Angolanas. Estes nossos oficiais serão comandantes, serão chefes e vão lidar com homens, têm que ter o domínio da língua, têm que ter competência comunicativa. O trabalho que está a elaborar fala sobre a competência comunicativa e penso que o nosso objetivo é que os nossos futuros oficiais tenham competência comunicativa, que é a capacidade de perceber, saber escrever, ler em condições e interpretar pensamentos na forma escrita e oral. Penso que há este objetivo dentro daquilo que são os objetivos fundamentais na formação dos nossos futuros oficiais das Forças Armadas Angolanas (E2).</p>
--	--	---

<p>II- Competências linguísticas</p>	<p>2.1. Conceito</p>	<p>(...) Eu considero também analfabeto aquele que não sabe perceber, não sabe interpretar, não entende o que se escreve e aí entra essa definição da importância linguística, a língua é que nos une, a língua é que nos dá a capacidade de percepção das coisas... (...) se nós não dominamos a literatura científica que existe para nossa amplitude do conhecimento e se não tivermos capacidade e domínio linguístico, não conseguimos aprender, não formamos ninguém... daí a importância do domínio da língua portuguesa, da importância da linguística e quando digo linguística é tudo, é uma abrangência; desde o escrever, o falar e o entender. Se nós não escrevermos bem, se não falamos bem, vamos escrever da forma que falamos... E é torturante ter um aluno sentado numa sala que não percebe o que nós estamos a dizer(E1).</p> <p>Entendo que competência linguística é, no sentido lato, a capacidade que um indivíduo tem de conseguir transmitir uma determinada</p>
--	--------------------------	--

		<p><i>mensagem e ser percebido por quem está a ouvir.(E2)</i></p> <p><i>(...) acho que as competências são as capacidades que o indivíduo detém na abordagem de determinadas situações científica ou também de senso comum que para essas abordagens passem a ser conhecimento científico. Quanto à linguística é a capacidade que o indivíduo tem em falar, dominar, expressar-se corretamente, então juntando essas duas partes podemos dizer que as competências linguísticas são as capacidades que indivíduo detém em expressar-se numa determinada língua, portanto quanto a mim acho que é isso...(E3).</i></p> <p><i>Competência linguística é a capacidade, as habilidades que o aluno tem para usar a língua de acordo às normas que essa mesma língua propõe (E4).</i></p>
	<p><b>2.2.</b> <b>Grau de</b> <b>competências</b> <b>linguísticas</b> <b>dos</b> <b>cadetes</b></p>	<p><i>Esses cadetes vêm de várias províncias, mas uma coisa é a competência linguística que é o entendimento, a percepção e a escrita, isto tem de ser rigoroso e a outra coisa é a fonética...o som da palavra não é erro na escrita...Dependendo das regiões onde provêm os alunos temos expressões fonéticas diferentes da mesma palavra... distinta pronúncia...(E1)</i></p> <p><i>Eu posso dizer que a competência linguística difere de zona para zona, pese embora no caso concreto dos alunos oriundos da República de Angola no seu leque de formação até a conclusão do ensino médio considero que têm formação linguística suficiente para terem competência linguística. Mas há sempre o mas, na prática não se tem verificado isto, porque temos encontrado, digamos assim, erros de base que depois temos que tentar driblá-los ao longo da formação que eles vão tendo na nossa instituição. O mesmo também se verifica com os alunos provenientes dos países amigos, particularizando a República de Cabo-Verde onde podemos assim dizer que não temos tido assim em termos de percepção não temos tido grandes problemas, mas com os alunos da Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé também temos tido os mesmos problemas que temos como os alunos angolano (E2)</i></p> <p><i>(...) Eu não acho que as influências ou as competências linguísticas sejam a base do insucesso dos nossos alunos, creio que não é esse o problema... O problema não é das capacidades ou das competências linguísticas não, tem a ver com aquele que transmite ao aluno aquilo</i></p>

		<p><i>que ele quer que esse aluno saiba ou aprenda, e ali podemos depois avaliar, analisar se o aluno entendeu ou não entendeu a pergunta... Eu sou professor de Matemática se colocar a minha pergunta diante de um estudante daqui do I.S.T.M, a minha pergunta é que tem de ter uma linguagem clara, simples e objetiva para que não haja dupla interpretação do mesmo conteúdo, é aí onde começa o nosso problema... se eu trabalhar assim, eu creio que o aluno vai entender, vai compreender e irá resolver o exercício de matemática com maior clareza e creio que poderá ter boa avaliação!(E3).</i></p> <p><i>(...) Isso é polémico... porque para avaliar o grau de competência linguística tínhamos de considerar o facto de o português ser língua materna ou não materna e isto é uma coisa que não se fala muito cá em Angola... como também estou a fazer o mestrado, nas pesquisas que fiz, com a ajuda do meu orientador, consegui ficar com a ideia mais consolidada de que o português é língua não materna para nós. Logo porque as nossas estruturas são formatadas para falarmos as línguas bantus e não o português, o português veio interferir e não se discute isso...Não se discute, mas a verdade é que isso tem causado muitos acidentes no seio do processo educativo, portanto existem muitos problemas nessa área a nível das competências linguísticas, não porque os estudantes não o saibam, mas porque não há uma orientação, talvez se trabalhassem em paralelo com as línguas originais, os dialetos e a língua portuguesa se conseguisse resolver e compreender mais esses problemas...(E4)</i></p>
	<p><b>2.3. Língua materna/ língua não materna e sucesso académico</b></p>	<p><i>Eu quase não relaciono o sucesso ou insucesso académico dos cadetes com o domínio linguístico. Quando eles passaram pela escola, quando eles fazem até o 12º ano em língua portuguesa e nós irmos buscar o facto de que a sua língua nacional, sua língua materna tenha sido por exemplo o Kimbundu ou Umbundo, mas permitiu fazer o 12º ano, acho que não há relação nenhuma... Quando nós chegamos ao décimo segundo ano já sabemos perceber, interpretar e pronunciar corretamente... Isto é um falso problema quando dissemos que nasceu com outra língua e chegou ao 12º ano, são 12 anos a estudar em português, 12 anos para quem entrou para a escola com seis anos e leva 12 anos e não aprendeu o português?! Portanto quando se diz que é questão da língua materna... isto é um bluff terrível!(E1)</i></p>

	<p><i>Eu penso que para ter sucesso acadêmico primeiro é preciso que saibamos perceber....e a capacidade de percepção das coisas depende muito do conhecimento aprofundado da língua que temos. Portanto se um indivíduo não tiver a competência comunicativa, ele não está em condições de perceber a mensagem que lhe está ser passada, portanto eu penso que o mosaico etnolinguístico que temos cá no país tem sido uma barreira naquilo que é a capacidade intelectual dos nossos alunos. Penso que nós temos que encontrar formas de resolver e já vimos que uma das formas de resolução é potencializando o ensino da língua portuguesa. Achamos nós que precisamos de corrigir isto, que os nossos alunos vêm sim com algumas debilidades que nós também já denotamos que provêm, fundamentalmente, do facto de eles não começarem logo em tenra idade a pensar e a falar em português, coisa que eles (alguns) só começaram a fazê-lo na escola, portanto é um problema que nós temos que resolver e estamos a trabalhar no bom caminho para a sua resolução! Isso é muito importante, porque se o aluno não conhece o léxico da sua língua nunca terá sucesso acadêmico, porque o conhecimento do léxico é que pode determinar o sucesso... O aluno tem de conhecer as palavras e conhecer uma palavra não é só conhecer o seu significado, também é conhecer a fonética, a fonologia dessa palavra, a sintaxe... tudo isso condiciona a competência linguística do aluno (E2)</i></p> <p><i>Creio que não, creio que não... porque partindo do pressuposto de quem aprende a língua portuguesa e quem nasce com a língua portuguesa, quer dizer falando a partir de casa, creio que quando são submetidos à escolaridade tudo é relativo, porque para chegar ao I.S.T.M, já passou por vários níveis de escolaridade.... significa dizer que se formos a ver um aluno que não reprovou durante o seu tempo da escolaridade, se está na idade real que são seis anos, creio que mais doze anos do ensino médio ou treze anos, chegará aqui com dezoito ou dezanove anos e eu creio que, em dezanove anos um indivíduo aprende... por isso não acho que haja diferença de quem nasça com a língua portuguesa como língua materna e quem aprende português na escola. Isso depende de cada um, quer dizer que é relativo....Pela minha experiência de vida...também não nasci na cidade, falávamos as duas línguas em simultâneo o Kicongo e o português, mas tenho boas referências como professor....o insucesso depende de vários fatores... Quer dizer são N fatores não é só a</i></p>
--	---

		<p><i>língua que é determinante para o insucesso não, são N fatores...(E3)</i></p> <p><i>Isso é muito importante porque se o aluno não conhece o léxico da sua língua nunca terá sucesso acadêmico, porque o conhecimento do léxico é que pode determinar o sucesso...O aluno tem de conhecer as palavras e conhecer uma palavra não é só conhecer o seu significado também é conhecer a fonética, a fonologia dessa palavra, a sintaxe... tudo isso condiciona a competência linguística do aluno (E4)7</i></p>
	<p><b>2.4.</b> <b>Integração socioprofissional</b></p>	<p><i>A primeira avaliação para um concurso público é o concurso escrito; no concurso escrito, independentemente dos seus conhecimentos profissionais, o que eu vou avaliar primeiro é a sua redação, depois fazer uma entrevista verbal...ninguém vai fazer uma entrevista que leve depois a ver um doente, interpretar umas análises, se ele não consegue falar corretamente.... Ou como é que eu vou levar este senhor para um laboratório de mecânica, quando ele não consegue dizer o que lá vai fazer, não consegue entender o que eu estou a dizer. Tem grande influência e a minha grande preocupação é a de formar técnicos empíricos (...) para o futuro, ele vai enfrentar a sociedade, só assim é que vai poder contribuir para o desenvolvimento, porque enquanto for empírico não vai contribuir para desenvolvimento algum! Costuma-se dizer que o bom líder, o bom chefe é aquele que quando sai a sua atividade continua, porque ele ensinou a fazer os porquês..(E1).</i></p> <p><i>Em todos os aspetos, um indivíduo que não tem competências linguísticas naturalmente que não consegue interagir no meio social em que está inserido, porque não consegue transmitir a sua mensagem da melhor maneira possível e também não consegue perceber a mensagem que é transmitida. (...) nós podemos dizer também que vivemos num mosaico cultural onde existem vários idiomas e os nossos futuros oficiais vão ter de interagir neste mosaico cultural, portanto para além da competência linguística em português podemos dizer também, por vezes, é necessário eles terem competência linguística noutros idiomas, para poderem passar a mensagem. Porque o objeto social que eles vão encontrar no mercado de trabalho poderá ser, digamos assim, semelhante a eles quando entraram para a nossa instituição. É preciso que eles tenham</i></p>

		<p><i>a capacidade de se comunicar em português, é fundamental, mas também temos de equacionar a hipótese do começamos a pensar em ter outras competências linguísticas dos idiomas falados no país, para poderem passar a sua mensagem no exercício de suas atividades laborais (E2).</i></p> <p><i>(...) o homem é um produto social, depende do meio em que está inserido... Se realmente o meio o favorece e tem fatores que favoreçam que ele aprenda o mais rápido possível, vai aprender.... Nós temos, por exemplo, aqui alguns professores estrangeiros... Eu conheci há pouco tempo a professora de química, é zimbabueana e fala fluentemente o português ... portanto eu não acho que o individuo ou as competências linguísticas possam influenciar o individuo de proveniência de um determinado local de nascimento, depende da socialização, quer dizer, depende do meio em que está inserido (E3).</i></p> <p><i>Evidentemente que sim porque no meio socioprofissional o aluno vai ter que ter a capacidade de usar a língua de forma proficua, vai ter que mostrar que possui essas habilidades, essas aptidões, conhecimentos que ele adquiriu da língua. Vai ter de pô-los em prática e se não tiver competência, mesmo o simples facto de não conseguir dizer uma palavra vai limitá-lo (E4).</i></p>
	<p><b>2.5.</b> <b>Dificuldades dos alunos</b></p>	<p><i>Existe, em todos os níveis... Por mim, nas provas de acesso devia-se fazer um teste de redação... porque eles vêm estudar em livros em português. (...) não sabe interpretar... Vou dar um livro a um individuo que não sabe interpretar e depois vou dar-lhe o titulo de engenheiro?! Se nem sequer conseguiu interpretar os livros de engenharia (E1).</i></p> <p><i>Eu considero que é notório e fundamentalmente porque naquilo que é a capacidade de escrita dos alunos, por vezes, nós temos tido dificuldades em perceber aquilo que os nossos alunos escrevem, por vezes nós temos dificuldade em perceber a forma como eles se exprimem. Quando digo exprimir, expressar ideias, que podem saber falar, mas não conseguem exprimir uma ideia, portanto, nós temos estes problemas no nosso seio e achamos que isto influencia direta e indiretamente no produto final em termos de formação dos alunos. Nos alunos que aqui saem nós temos tido dificuldades fundamentalmente quando estão a fazer o seu trabalho final do</i></p>

		<p><i>curso, porque denotamos aí que os nossos alunos cometem erros de palmatória, porque leem pouco, escrevem mal e não conseguem exteriorizar as suas ideias para o papel. Portanto, há este tipo de problemas e nós vamos encontrar uma forma de os resolver... Uma vez que o trabalho que está a elaborar fala sobre competência comunicativa, penso que o nosso objetivo é que os nossos futuros oficiais tenham competência comunicativa; que possam ler e escrever corretamente, interpretar pensamentos de forma escrita e oral dentro daquilo que são os objetivos fundamentais na formação dos nossos futuros oficiais das Forças Armadas (E2).</i></p> <p><i>(...) creio que a cadeira que leciono é, posso bem dizer, que a matemática é uma cadeira que tem uma linguagem internacional, entende-se...mesmo sem o domínio da língua pode-se aprender a matemática. Nós temos aqui professores nossos companheiros professores cubanos falam, misturam o português com espanhol, mas desde que ensinam bem matemática, os alunos percebem, entendem e os que têm dificuldades é porque já vêm com essas debilidades! Porque na minha área de matemática, pela experiência que tenho, o domínio da língua não é um fator primordial para o sucesso e insucesso dos alunos, mas sim tem a ver como se expõe os problemas matemáticos! (E3).</i></p> <p><i>Isso é um problema muito grave e eu e eu creio que esse problema que os nossos alunos têm de base, vem de base... Porque a nível superior nós esperamos alunos com determinadas competências e eles não as trazem! Essas bases devem ser introduzidas no ensino geral e secundário... a competência lexical está muito associada competência linguística porque é o ensinante a saber falar isso. Deve ser trabalhado desde o ensino de base e quando nós saltamos etapas que o que se faz cá em Angola (...) lembro-me que os professores universitários já estavam espera que nós trouxemos determinadas competências e eles diziam mesmo isso... também fomos ensinados assim nós temos que trabalhar essas competências porque antes de entrarem para a universidade têm que chegar lá assim e nós também temos que começar a ver as coisa nessa perspectiva.(E4)</i></p>
	2.6.	<p><i>Acho que no primeiro ano a Língua Portuguesa, para mim, tinha de ir do primeiro ao fim. Uma frequência semanal é pouca...água mole em</i></p>

	<p><b>Carga horária</b> <i>pedra dura tanto bate até que fura! Eu falo mesmo pela questão da medicina, porque eles quando saem daqui e vão para o hospital, têm um exercício logo no terceiro ano que é a História Clínica. Têm de interpretar o que o doente diz e redigir por palavras próprias... É aí onde eles mais reprovam, por isso eu estou muito preocupado, porque se nós pegamos a nível do hospital numa História Clínica, vamos encontrar erros grandes, erros inadmissíveis... Vão para o hospital e não sabem escrever uma História Clínica... (E1).</i></p> <p><i>Penso que a carga horária atribuída à língua portuguesa inicialmente foi definida em função daquilo que o contexto atual em termos de planos curriculares para os cursos de engenharia e Medicina exigia. Instituições há que formam engenheiros que no seu plano curricular não têm a unidade curricular de língua portuguesa. Portanto, nós já na perspectiva de tentarmos driblar problemas, que achamos que existiam em torno daquilo que é a percepção, interpretação e escrita acordamos fazer constar do nosso plano curricular a cadeira de língua portuguesa. Neste momento já pensamos que trinta horas semestrais parecem-nos ser poucas em função daquilo que é a realidade em termos de falta do conhecimento básico daquilo que é a língua portuguesa.... Portanto eu penso que trinta horas semestrais não está mal se os alunos viessem preparados, mas como os alunos não vêm preparados para aquilo que era o objetivo institucional, podemos precisar de mais horas, mas não sei se será a solução... Porque eu penso é que temos que ser mais rígidos naquilo que é o processo de seleção e quem sabe, fazer constar entre as provas de acesso uma prova de língua portuguesa, de interpretação de texto e aqueles alunos que tiverem conhecimentos solidificados nestas áreas é que devem entrar, portanto esse é o meu pensamento (E2).</i></p> <p><i>(...) eu creio que uma frequência semanal não é suficiente para se aprender uma língua ou para que se melhorem as capacidades ou as competências desses cadetes que querem melhorar a sua performance em termos linguísticos. Eu creio que dois tempos são insuficientes... Então duas frequências seriam quatro horas melhor ainda, essa é a minha opinião pessoal e de acordo a minha experiência acho que devia ter duas frequências (E3)</i></p> <p><i>(...) Há um estudo de Flor Azevedo que fala nisso, na carga horária e os tempos letivos... as turmas são numerosas e os tempos não chegam, é preciso considerarmos isso tudo... pelas dificuldades que os nossos alunos trazem. É muito complicado trabalharmos com eles</i></p>
--	--

		<p><i>individualmente. O trabalho de grupo tem sido uma das propostas na qual tenho apostado ultimamente para ver se conseguimos tirar algum proveito no processo de ensino (S4).</i></p>
	<p><b>2.7. Estratégias</b></p>	<p><i>Penso que a organização de colóquios, workshops, jornadas, semana de olimpíadas da escrita...(E1).</i></p> <p><i>Eu penso que os alunos devem investir na sua formação. A instituição tem os alunos, obviamente, que quer os melhores e os alunos devem investir naquilo que é a sua formação. Nós devemos e podemos criar incentivos para que os alunos se interessem mais naquilo que é o conhecimento que devem ter sobre a língua portuguesa, devemos criar atividades como semanas culturais de interpretação, elaboração de trabalhos sobre interpretação de texto, ou seja, temos de criar incentivos que vão ajudar os alunos a se interessarem mais no estudo da língua portuguesa. Também tem muito a ver com a falta de interesse dos alunos, porque é preciso que o aluno tenha interesse; o que o aluno sabe, o que vai fazer num curso de engenharia e ele pensa que não precisa de saber português, só se apercebe que precisa de saber português no final quando tem que escrever e ele vê que não sabe escrever em português, vê que não sabe interpretar aquilo que está a ler, porque ele mecanizou, ele andou a ter as matemáticas e físicas ele pensou que não era preciso interpretar; digamos assim o exercício...ele mecanizou tanto que se esqueceu de que amanhã poderá precisar então de interpretar outro tipo de temática e não consegue.... portanto eu penso que o aluno é o primeiro interessado, ele tem que estar interessado em querer saber português e nós instituição devemos ser rígidos para aqueles alunos que não sabem e não souberem não estar inseridos no nosso meio, portanto o objetivo é que eles saibam... dá-se as ferramentas, eles têm de saber, têm que ter interesse e só ficam cá aqueles que tiverem interesse (E2)</i></p> <p><i>Creio que é uma estratégia bem-vinda! Esta para mim é a melhor a melhor via porque quando faço a correção das provas consigo ler, consigo detetar que este aluno ou aquele tem debilidade ao escrever... Então pode-se corrigir, nós estamos a formar engenheiros, devem saber escrever corretamente... para mim acho que é importante colocar ou introduzir a língua portuguesa tanto no primeiro e no segundo anos... Se necessário até ao terceiro ano que é</i></p>

		<p><i>o bacharelato, porque depois do terceiro ano é que vai para sua especialização. Bom, também podemos introduzir palestras, as palestras são bem-vindas também... (E3).</i></p> <p><i>Eu penso que o ideal seria mesmo estender o português até ao fim do curso porque não faz sentido ter o português só até ao primeiro ano, isso é como lançarmos a semente e depois não a regarmos...penso que o português devia ser estendido até ao fim do curso e dar-se mais atenção...Tentar arranjar projetos, não sei, talvez oficinas de escrita de forma a melhorarmos mesmo mais, aperfeiçoarmos o trabalho com os alunos e melhorarmos essas debilidades....(E4)</i></p>
--	--	---